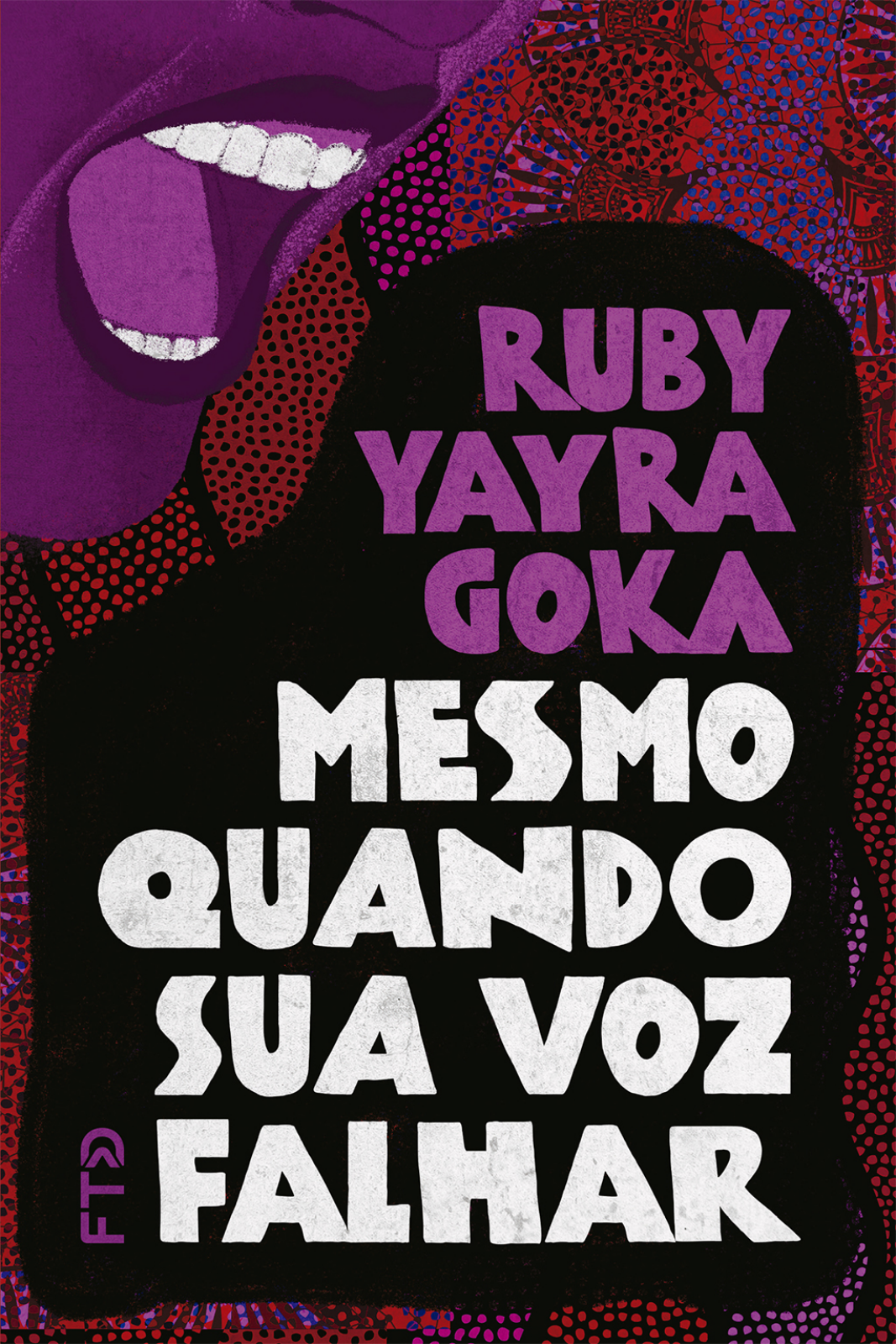




**RUBY
YAYRA
GOKA**

**MESMO
QUANDO
SUA VOZ
FALHAR**

FTD

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



**RUBY
YAYRA
GOKA**

**MESMO
QUANDO
SUA VOZ
FALHAR**

FTD



MESMO QUANDO

SUA VOZ FALHA

1ª edição

FTD

São Paulo — 2022

RUBY YAYRA
GOKA

Tradução

nina rizzi

*Especialmente para
Maya, Selasie e Elike.*



**FALE A
VERDADE,
MESMO
QUANDO
SUA VOZ
FALHAR.**

ANÔNIMO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Epílogo

Glossário

Posfácio

Sobre a autora

Sobre a tradutora



— Eu não vou. Nada do que você diga vai me fazer mudar de ideia.

A respiração de Amorkor ficou presa enquanto tentava impedir que as lágrimas escorressem por seu rosto. Cruzou os braços e desviou o olhar de mim. Embora tivesse tomado banho, ainda estava com as roupas de ficar em casa.

O lábio inferior de Tsotsoo começou a tremer. Ela franziu o rosto e soltou um gemido:

— Irmã Amerley, eu também não vou. Eles vão nos mandar de volta por causa das taxas escolares.

Estávamos em frente ao nosso quarto individual na casa que dividíamos com outras nove famílias. O complexo era formado por três habitações geminadas de um cômodo ao longo de cada uma das três paredes da cerca. A casa de três quartos do nosso senhorio, que era completa e tinha banheiro interno para banho, cozinha e outro banheiro externo, compunha a última parede. Cada uma das casas era idêntica: paredes precisando desesperadamente de pintura, mosquiteiros rasgados, portas da frente empenadas que se abriam para um cômodo onde se vivia, dormia e se guardavam os pertences. Todos compartilhavam um banheiro comum. Não tínhamos um banheiro interno.

Um cajueiro ficava no centro do complexo. Servia como nosso centro comunitário. Era onde, à noite, o senhorio se reunia com nossos pais, os vizinhos ficavam sabendo das fofocas e da vida e, à tarde, as crianças brincavam. À nossa volta, os vizinhos estavam se preparando para ir à escola ou ao trabalho. As galinhas procuravam insetos na terra vermelha. Alguém cortava folhas de bananeira para as cabras e as pendurava no cajueiro.

Mais cedo, fiquei admirando o padrão ondulado que nossas vassouras imprimiram na terra vermelha. Era nossa semana de varrer o complexo e, embora minhas irmãs e eu tivéssemos feito um bom trabalho, fezes de cabra cobriam boa parte do local. Esfreguei minha testa. Minha cabeça latejava e eram apenas sete da manhã. Não conseguia me concentrar em nada. Estava acordada desde o amanhecer para buscar água para minha família e uma das vizinhas. As torneiras estavam fechadas havia cinco dias. Nossa vizinha me deu cinco cedis₂ pelos quinze baldes que carreguei para encher o tambor de água no canto de sua varanda. Como minha mãe, Amerley-mami, não trabalhava mais, não tínhamos dinheiro para comprar água dos caminhões-pipa.

Usei o dinheiro que ganhei para comprar *koko*₃ e *koose* para minhas irmãs. Minha cabeça parecia que ia rachar, latejava em sincronia com os batimentos do meu coração. A sensação era de que a parte esquerda estava em uma prensa. O choro da minha irmã só piorava minha dor de cabeça.

— Escute, hoje é o primeiro dia de aula. Ninguém vai mandar vocês de volta para casa por causa das taxas escolares. — Fechei os olhos e tentei afastar a dor. O que eu disse era verdade. Ninguém cobraria taxas no primeiro dia de aula e minhas irmãs não voltariam para casa. Eu sabia disso por experiência própria. Fui mandada para casa por causa das taxas escolares durante toda a minha vida. Mas nunca no primeiro dia. Geralmente, isso acontecia durante o semestre ou pouco antes das provas de fim de semestre.

Amorkor perdeu a batalha com suas lágrimas e elas escorreram por seu rosto como se uma represa em algum lugar dentro dela tivesse se aberto, e talvez tivesse mesmo. Nosso Natal tinha sido terrível. Sem roupas nem sapatos novos. Sem biscoitos nem refrigerantes. Nada de arroz *jollof* nem de frango. Nada. O Natal passou como outro dia qualquer. O dia de Ano-Novo tinha sido melhor. Ouvimos dizer que uma das grandes igrejas estava distribuindo almoços embalados para as *kayayi* e seus filhos. Juntamo-nos aos milhares de crianças de rua e carregadores com bacias na cabeça naquela manhã e chegamos em casa com roupas desconjuntadas e que não serviam e pacotes de arroz frito com três pedaços de moela e uma garrafa de refrigerante para cada uma. Não importava que as roupas estivessem usadas, fossem vários tamanhos maiores e cheirassem a naftalina, ou que o arroz frito já

estivesse pegajoso. Eu estava grata por termos o que comer naquele dia. Quanto às nossas vestes, eu era boa com linha e agulha — faria os ajustes necessários e, pelo menos, minhas irmãs teriam algo decente para vestir.

— Eu não vou — Amorkor disse novamente.

Os lamentos de Tsotsoo aumentaram ainda mais em solidariedade.

— O que está acontecendo aqui? Não podemos ter paz nesta casa? Por que todo mundo está chorando? — Nuumo gritou de sua casa, do outro lado do pátio. Ele estava com um *short* cáqui e uma camiseta que parecia mais amarela que branca. Ao verem Nuumo, tanto Amorkor quanto Tsotsoo pararam de chorar. Ele quebrou um galho do nim ao lado de sua casa, tirou a casca e a enfiou na boca.

— E vocês, meninas, não vão para a escola? O que ainda estão fazendo aqui se seus amigos já estão a caminho? Querem se atrasar no primeiro dia?

Minhas irmãs correram para se vestir antes mesmo que Nuumo terminasse de fazer suas perguntas. Ele estava caminhando em nossa direção. Tinha amolecido as pontas de um galho do nim e estava usando-o para limpar os dentes.

— Bom dia, Nuumo — eu o cumprimentei.

— Nem me vem com esse “bom-dia”. Onde está meu dinheiro?

Ele parou de perguntar onde estavam meus pais, Amerley-mami e Ataa, meses atrás.

Fiquei lá parada, em silêncio. Não tinha como inventar mais desculpas e ele sabia disso.

— Se eu não receber meu dinheiro até as seis da tarde, não vou ter escolha a não ser despejar vocês amanhã. Duas famílias estão dispostas a me pagar um adiantamento de dois anos. Eu também tenho uma família para alimentar. Hoje à noite. Seis da tarde. — Ele pigarreou uma bola de catarro amarelado e a cuspiu nos meus pés.

Afundi em um banquinho ao lado da porta e descansei minha cabeça na janela de madeira. Como eu conseguiria o dinheiro do aluguel?

Minhas três irmãs vieram para fora. Estavam todas vestidas e prontas para ir. Embora seus uniformes fossem velhos, estavam limpos e

passados. Sentei-me ereta e forcei um sorriso no rosto. Não sei de onde Amarkai tinha pegado o pão amanhecido, mas segurava um pedaço na mão. No minuto em que os animais a viram, correram em nossa direção. Ela partiu pedaços do pão mofado para as galinhas e cabras. Os cães só queriam ser acariciados.

— Vou conseguir o dinheiro para as taxas até o final da semana.

Minhas irmãs me lançaram olhares questionadores, não acreditavam no que eu dissera. Até Tsotsoo, que tinha apenas seis anos.

— Eu prometo.

— Você já falou isso antes do Natal — disse Amorkor.

— É verdade. Madame Fosua me deve dinheiro. Quando eu fui à casa dela, disseram que tinha ido passar os feriados em sua cidade natal. Ela deve voltar esta semana.

Amorkor fungou e enxugou o nariz com as costas da mão. Tsotsoo olhava para Amorkor para decidir o que fazer em seguida. Dei a cada uma delas uma nota de um cedi para o lanche. Amorkor pegou sua bolsa e saiu de casa. Tsotsoo fez o mesmo.

— E o aluguel? — Amarkai perguntou quando Amorkor e Tsotsoo já estavam fora de alcance.

Ofereci a ela um meio sorriso.

— Vou dar um jeito. Não se preocupe.

— Mas Nuumo disse...

— Não se preocupe com Nuumo. Vai chegar atrasada se não se apressar.

Amarkai ainda tinha uma expressão de dúvida em seu rosto enquanto tentava alcançar Amorkor e Tsotsoo. Esta se virou e me deu um último aceno antes que as três desaparecessem de vista.

Tsotsoo ainda é a bebê da família. Ela quase perdeu o lugar há seis meses, quando Mama deu à luz uma menina. Infelizmente, a bebê nasceu morta. Se tivesse vivido, se chamaria Fofo. Acho Fofo um nome tão lindo. Meu pai e minha mãe são **Gas**, então, não houve disputa sobre nossos nomes. Meu clã tem dois conjuntos de nomes que os membros masculinos usam alternadamente entre as gerações para seus

filhos. Por causa disso, todo homem sabe o nome de todos os seus futuros filhos. Um homem dá o nome de seu avô a seus filhos, e seus netos dão o nome dele a seus filhos. Também somos nomeados de acordo com nossas posições de nascimento. Eu sou Naa Amerley porque sou a primeira filha. Depois é Naa Amorkor, então Naa Amarkai, então Tsotsoo, que na verdade deveria se chamar Naa Amatsoo. Naa é porque somos mulheres. Um menino seria Nii. Os sufixos *-ley*, *-okor*, *-kai*, *-tso* e *-fo* são para as cinco primeiras mulheres, e os sufixos *-te*, *-tei*, *-twei*, *-ai* e *-yi* para os primeiros cinco homens. É um pouco confuso, mas, entre os Gas, depois que você menciona seu nome, todos sabem a qual clã você pertence e qual é sua hierarquia na ordem de nascimento.

Se Fofó tivesse nascido menino, ela se chamaria Nii Armah. Ataa, meu pai, não escondeu que esperava que Fofó fosse um menino. Na verdade, ele desejava que todas nós tivéssemos nascido meninos. Quando soube que o bebê era uma menina natimorta, deu um murro na parede da maternidade. Ataa foi fisiculturista quando era mais jovem. Ele relaxou e ficou com uma barriga protuberante, mas ainda era forte. Causou grandes estragos naquela parede, mas as enfermeiras ficaram com muito medo de dizer qualquer coisa. Achei que estivesse chateado porque a bebê nascera morta. Estava errada. Ele invadiu a enfermaria onde minha mãe estava deitada na cama. Eu o tinha seguido a uma distância segura — cruzar o caminho de meu pai quando ele estava com raiva nunca era uma boa ideia.

— Qual é o seu problema? — ele gritou. — Que tipo de mulher você é? Por que não pode me dar filhos homens?

Amerley-mami solucionou em seu travesseiro. Todos chamam minha mãe de Amerley-mami, até eu. Isso também é um costume Ga. Uma mulher passa a ser conhecida pelo nome de seu primeiro filho após o nascimento. Enquanto estava parada ali, me lembrei do que tinha acontecido seis anos antes. Eu estava na escola quando minha tia Odarkor veio buscar Amorkor, Amarkai e eu.

— Vocês têm uma nova irmã — tinha dito, com os olhos brilhando. Havia nos levado para a maternidade onde Amerley-mami aninhava Tsotsoo nos braços. Minhas irmãs e eu observamos nossa linda irmãzinha enquanto ela dormia. Amorkor e Amarkai logo perderam o interesse em Tsotsoo e saíram para brincar.

Em seguida, ouvi Amarkai gritar:

— *Onu mars*, preparar, *pi*.

Quase imediatamente, Amorkor começou a gritar:

— Trapaceira! Trapaceira! Você começou a correr antes de dizer “pi”. Não vou brincar mais.

Fiquei ao lado da cama de Amerley-mami olhando para minha nova irmã e ela dormirem, por isso vi Ataa quando ele entrou no quarto. Cheirava a cigarro e *akpeteshie*. Não trouxe presentes, mas eu tinha certeza de que já tinha gastado uma pequena fortuna em gim. Ataa é pescador e anda de um jeito bamboleante mesmo quando está em terra. Seus movimentos naquele dia estavam mais desajeitados e instáveis. Ele deu dois passos para dentro do quarto e parou na frente da porta.

— Olhe, uma nova bebê — eu gritei.

— Outra garota! — Ele falou como se aquilo fosse um insulto e saiu do quarto. Nem sequer foi ver Tsotsoo. E não voltou para casa naquela noite. Também não voltou para casa uma semana depois, quando era hora de nomear Tsotsoo, e a cerimônia de batismo dela teve de ser adiada. Ataa nem mesmo se preocupou em mandar um tecido para ela. Em nossa cultura, quando um bebê nasce, o pai precisa enviar um pano para mantê-lo aquecido. O envio demonstra que o pai está pronto e disposto a assumir a responsabilidade de cuidar do filho. Não sei se alguém ainda se apegava a isso, acho que Ataa poderia ter sido perdoado por não ter enviado nada. Mas ele não deveria ter sido perdoado por não ter aparecido no dia da cerimônia de batismo de Tsotsoo.

Como ele não apareceu, a cerimônia não foi realizada e Tsotsoo não foi nomeada Naa Amatsoo. E como não podíamos simplesmente chamá-la de “bebê” para sempre, minha avó, a quem todos chamamos de Awo, começou a chamá-la de Tsotsoo. Apenas Ataa tinha o direito de nomeá-la Naa Amatsoo. Ele nunca fez isso. Voltou para casa dois meses após o nascimento de Tsotsoo. Quando Amerley-mami lhe perguntou sobre a cerimônia de batismo de Tsotsoo, ele bateu nela com tanta força que ela não conseguiu andar por duas semanas. Ela nunca mais tocou no assunto.

Ataa desapareceu por vários meses quando Fofu morreu. Mesmo quando as coisas estavam bem entre ele e Amerley-mami, estávamos acostumadas com suas ausências por dias seguidos em expedições de

pesca. Na maior parte do tempo, minhas irmãs e eu ficávamos felizes por ele ter partido. Quando estava em casa, tínhamos que ficar muito quietas porque ele dormia durante o dia. Ele só reparava em nós quando precisava de alguém para levar um balde de água ao banheiro ou para comprar cigarros e *akpeteshie* no quiosque de Daavi na estrada. Ouvimos dizer que ele estava morando na cidade vizinha com uma mulher divorciada que tinha meninos gêmeos. Algumas pessoas também disseram que ele tinha se mudado porque se tornaria guarda de terras para alguns chefes em Kasoa. Onde quer que ele estivesse, não nos enviou uma mensagem. Nem sabíamos se ainda estava vivo.

1. Muitas habitações africanas, chamadas *compounds* (complexos), podem ter apenas uma cerca, uma sebe ou ser formadas por choças ou casas. São construções em torno de uma área aberta, unidas por cercados que concentram a vida doméstica e a social, como uma pequena comunidade familiar. Cada complexo abriga a família imediata e alguns parentes, geralmente famílias extensas. Uma série de complexos constitui a aldeia, na maior parte das vezes habitada por pessoas que têm um ancestral comum — normalmente o fundador da aldeia, quando na zona rural. (N. da T.) [As notas que não forem indicadas com essa sigla são desta edição.]

2. É a unidade monetária de Gana; pesewa corresponde a um centésimo de cedi.

3. O significado das palavras e das frases em destaque pode ser encontrado no final do livro, no **Glossário**. O destaque foi dado apenas na primeira vez em que a palavra ou a frase aparece no texto.

4. Ga é uma das etnias presentes em Gana, também encontrada em Togo e Benin. As pessoas Gas têm uma língua própria de mesmo nome.



entei-me no banquinho e tentei decidir o que fazer. Era verdade que Madame Fosua me devia dinheiro. Eu tinha lavado roupas para ela alguns meses antes. Mas o dinheiro que me devia não seria suficiente para o aluguel, muito menos para as taxas escolares de minhas irmãs. Com o início das aulas, vinham também outros custos — livros, taxas de aulas, taxas de alimentação, dinheiro para o culto de quarta-feira e sabe-se lá mais o quê.

Em alguns dias era impossível não se sentir sobrecarregada. Dava vontade de desistir e só ficar na cama e fingir que nossos problemas não existiam, exatamente o que Amerley-mami estava fazendo. Senti as lágrimas queimando meus olhos, mas as pisquei de volta para dentro. Chorar era inútil. Eu tinha que fazer algo, e rápido. Não poderia pedir ajuda a nenhuma de nossas vizinhas. Agora que as aulas tinham começado, elas não teriam dinheiro sobrando, muito menos para pagar o aluguel de seis meses. Esforcei-me para me levantar do banquinho e entrei. Meus olhos demoraram um minuto para se acostumar com a escuridão. As meninas enrolaram nossos colchões e os empilharam no canto. As quatro poltronas que compunham nosso conjunto de sala ainda estavam no outro canto, onde as havíamos empurrado para dar lugar aos nossos colchões na noite anterior. Encontrei alguns analgésicos que deram a Amerley-mami quando ela voltou do hospital. Peguei dois deles e engoli com um copo de água.

Minhas irmãs e eu dormíamos em dois colchões no chão em nosso cômodo. Uma cortina separava a sala do quarto dos meus pais. Quando Ataa estava em casa, a cortina permanecia abaixada à noite, Tsotsoo e eu dividíamos um colchão e Amorkor e Amarkai o outro. Ouvíamos, ou melhor, *eu* ouvia, já que minhas irmãs, nessa época, sempre dormiam profundamente, tudo o que se passava por trás da cortina quando meu pai estava em casa. Tudo. A ausência de Ataa significava que Tsotsoo e

Amarkai podiam dormir na cama grande com Amerley-mami, o que também significava que Amorkor e eu tínhamos nossos colchões só para nós. Quando éramos só Amerley-mami e nós, deixávamos a cortina aberta para que a leve brisa que entrava no quarto dela pudesse circular no cômodo onde dormíamos.

A forma imóvel de Amerley-mami estava deitada na cama. Usava a mesma camisola fazia quase um mês. Às vezes se levantava da cama à noite para fazer xixi, beber um pouco de água e comer alguma comida que eu deixava para ela. Seu cabelo estava emaranhado e fedia. Não me lembro da última vez que tinha tomado banho. Ela evitava nossos vizinhos. Ninguém mais veio ver como ela estava.

— Amerley-mami, Nuumo cobrou o aluguel de novo — eu disse, sacudindo-a quando cheguei perto de sua cama. Ela estava deitada de lado, com o olhar distante. Não deu nenhuma indicação de que tinha me ouvido.

— Amerley-mami, diga alguma coisa. Ele vai nos despejar se não pagarmos até as seis da tarde. — Meus olhos se encheram de lágrimas, mas, novamente, me recusei a chorar. — A senhora tem que fazer alguma coisa. Estou cansada de implorar a ele. Não sei mais o que fazer. Não é só ele. Devemos para quase todo mundo do complexo, e as meninas não pagaram as taxas escolares. Elas começaram a escola hoje e Amorkor já está pedindo suas taxas. A senhora não se importa mais? Não...

Amerley-mami se afastou de mim e olhou para a parede.

Foi impossível segurar. Caí no choro ao lado de minha mãe e ela não se mexeu. O latejar na minha cabeça piorou. Gostaria que meus pais se importassem um pouco conosco. Gostaria que meus parentes não tivessem seus próprios problemas e pudessem nos ajudar. Deitei-me ao lado da cama da minha mãe, no chão, por cerca de uma hora, esperando que ela dissesse alguma coisa. Fizesse alguma coisa. Minha mãe não moveu um músculo. Um peso se instalou em meu peito: se eu não fizesse nada, minhas irmãs e eu acabaríamos como crianças de rua. Não acho que fazia diferença para Amerley-mami se ela estava viva ou morta. Às vezes, passava pela minha cabeça que um dia voltaríamos para casa e encontraríamos seu corpo sem vida na cama. Para mim, Amerley-mami tinha desistido.

Levantei-me e fui ver como minha mãe estava. Seus olhos estavam

fechados e ela respirava de maneira uniforme. Invejei sua habilidade de dormir mesmo sabendo o que estávamos passando. Invejei como ela simplesmente ignorava tudo e fingia que nada estava acontecendo conosco.

Saí do cômodo. O quintal estava silencioso. Os animais ficam sob os cajueiros e as árvores nim. Nuumo tinha sintonizado seu rádio em um programa matinal no qual discutiam sobre a corrupção no atual governo. Saí do complexo e desci um dos becos. Havia poucas ruas em nossa parte do bairro; as casas foram construídas tão próximas umas das outras que apenas trilhas as separavam. As casas precisavam desesperadamente de pintura, com telhas corrugadas e enferrujadas que produziam goteiras quando chovia, mosquiteiros rasgados e varandas que serviam de despensa e cozinha. A maioria dos complexos tinha árvores frutíferas — geralmente manga ou laranja, nas quais as galinhas se empoleiravam. Apriscos improvisados foram feitos para ovelhas e cabras. Durante o dia, elas eram soltas e andavam à procura de comida; à noite, voltavam para suas casas para dormir. A vida nesta comunidade era uma luta para todas as criaturas vivas, não apenas para os humanos.

Peguei um atalho pelo complexo de alguém e cheguei à casa de Madame Fosua. Ela morava do outro lado da cidade, um pouco mais rico que onde morávamos. Esse bairro tinha ruas bem demarcadas e alguns dos proprietários tinham até seus próprios carros. A casa dela era independente e tinha dois quartos, onde vivia com o marido, três filhos e uma empregada. Madame Fosua tinha sido uma boa cliente de Amerley-mami, e minha mãe costumava lhe fornecer o peixe fresco que Ataa pescava. Embora tivesse uma empregada, concordou em me pagar para lavar suas roupas e lhe fazer algumas tarefas quando pedi um empréstimo. Acho que sentiu pena de nós.

— **Agoo** — gritei.

— **Amee** — Madame Fosua respondeu de dentro da casa.

Suspirei de alívio. Pelo menos tinha voltado de sua cidade natal.

— Amerley, é você — disse ela, saindo. Era uma mulher obesa e estava sempre de **boubou**. Sua empregada também saiu, com o filho pequeno de Madame Fosua amarrado às costas. A empregada olhou para mim como se eu fosse um incômodo. Eu a ignorei e me virei para Madame Fosua, que estava trancando a porta da frente.

— Bom dia, tia.

— Bom dia, minha filha. Como você está?

— Estou bem.

— E suas irmãs?

— Elas estão bem, tia.

— E sua mãe?

— Ela está lá. Tia, por favor, a senhora tem um trabalho para mim?

Madame Fosua se virou para me olhar. Não sei o que ela viu no meu rosto, mas senti como se estivesse olhando através de mim. Como se soubesse que eu estava prestes a pedir um empréstimo.

— Desculpe, não consegui acertar com você antes de ir para a aldeia.

— Ela abriu a bolsa, tirou a carteira e sacou uma nota de vinte cedís. — Agora não é um bom momento para mim. As aulas começaram e preciso comprar estoque novo para minha loja.

— Obrigada — eu disse, pegando o dinheiro e enfiando-o no sutiã. — Tia, nosso senhorio vai nos despejar. Não temos para onde ir.

— Amerley, como falei, agora não é um bom momento. De onde você quer que eu consiga dinheiro para pagar o aluguel da sua família? Onde está seu pai?

Eu não tinha respostas para suas perguntas.

Ela abriu a bolsa e tirou outra nota de vinte cedís.

— Negocie com isso, certo? Vou perguntar por aí e aviso você se alguém precisar de ajuda com alguma coisa, mas não tenha muitas esperanças. Os tempos são difíceis.

Assenti com a cabeça e agradei novamente pelo dinheiro.

— Cumprimente sua mãe por mim quando voltar para casa.

— Sim, tia.

Caminhei ao lado dela até a calçada onde sua empregada tinha sinalizado para um táxi. Madame Fosua subiu no banco da frente. O carro afundou visivelmente quando ela se sentou. A empregada, com a criança ainda amarrada nela, se acomodou atrás.

A próxima parada foi a estação de **trotro**, onde minha melhor amiga

Sheba e meu namorado Nikoi trabalhavam. Era horário de pico e as pessoas, em longas filas, aguardavam os ônibus comerciais bambos. Os vendedores ambulantes vendiam itens em carrinhos de mão ou em bandejas equilibradas na cabeça para os passageiros do início da manhã. Acenei para o vendedor de *koko* de quem comprei o mingau de milho para minhas irmãs. Os vendedores de bebidas quentes, *waakye* e *kenkey* faziam um bom negócio enquanto as pessoas compravam o café da manhã. Em um canto da estação, um pregador montou um alto-falante e uma cesta de ofertas. Algumas pessoas colocavam dinheiro nela ao passarem por ele.

Nikoi e Sheba tinham deixado a escola, como eu. Nikoi trabalhava como *mate*. Sheba vendia as frutas da estação — laranja, abacaxi, banana, mamão, manga, cana-de-açúcar, qualquer coisa que pudesse vender e obter um lucro razoável. À noite, vendia sacos de água potáveis na feira noturna. Ela estava grávida e tinha ficado doente havia algumas semanas.

Localizei Sheba imediatamente. Sua barriga já estava visível. Ela me viu e se aproximou.

— Amerley, qual é o problema? — Ela baixou a bandeja de mamão da cabeça e se sentou ao meu lado em um banco sob uma mangueira.

— Preciso de dinheiro, Sheba. Nuumo diz que vai nos despejar se não pagarmos nosso aluguel até as seis da tarde.

— Quantos meses vocês devem?

— Nossos dois anos terminaram em dezembro. Ele diz que tem gente disposta a pagar um adiantamento de dois anos. No ano passado, ele me disse que poderíamos pagar seis meses de adiantamento em vez dos dois anos, quando fui implorar a ele para considerar nossa situação.

— Quanto isso custa?

Mencionei a quantia.

— *Buei!* — Sheba gritou e colocou as mãos na cabeça. Algumas pessoas lançaram olhares curiosos em nossa direção. — Onde você vai conseguir todo esse dinheiro?

Um nó se formou na minha garganta e minha visão ficou embaçada.

— Estou com tanto medo... — Comecei a chorar e minha melhor

amiga me puxou para um abraço. — O que vamos fazer? Não temos para onde ir.

— Você já tentou ligar para o seu pai?

Assenti com a cabeça.

— Antes, o telefone dele estava sempre fora de cobertura. Agora, nas duas últimas vezes que tentei, disseram que o número do telefone não existia.

— Quer que o procuremos em Nungua? Ouvi dizer que ele está hospedado com uma mulher Ewe lá.

— Nikoi foi procurá-lo antes do Natal. Não conseguiu localizar a casa e ninguém parecia saber dele.

— Que tal Kasoa?

Discordei balançando a cabeça.

— Para quê? Você acha que de repente vai crescer uma consciência nele? Já faz seis meses que ele nos abandonou. Ele sabia que o contrato de locação terminaria em dezembro, antes de sua partida. Ele sabia que as meninas estavam na escola. Ele nem deixou dinheiro para comprarmos comida. Como ele acha que estamos sobrevivendo?

— E a sua mãe?

— Ela não passa de uma covarde — respondi, perdendo a cabeça. — Só fica na cama. À noite, quando pensa que estamos dormindo, acorda e se embebeda. Ela simplesmente nos ignora durante o dia. Eu não me importo que ela ensope *gari* em água em suas refeições, mas a quantidade de açúcar que usa é maior do que o que minhas três irmãs consomem no mingau matinal. Ela sabe que temos que economizar tudo. Até açúcar.

Sheba continuou esfregando minhas costas.

— Pensei que ela estivesse doente.

Funguei e sequei meu rosto.

— Eu também pensava assim. Mas não está. Quer dizer, ela não está com febre e não vomita nem nada. Achei que tivesse ficado triste quando perdeu a bebê, mas já se passaram seis meses. A bebê morta significa mais para ela do que nós, suas quatro filhas saudáveis?

— Na última vez que fui ao pré-natal, nos disseram que algumas mães ficam deprimidas depois de terem seus bebês. E isso pode

acontecer até quando o bebê está saudável e tudo está bem. Disseram que é uma doença mental. Talvez seja isso que tem de errado com sua mãe. Talvez ela devesse consultar um médico.

Eu ri. Foi uma risada cheia de amargura.

— Ela vai pagar o médico com folhas de manga?

Sheba ficou quieta por um momento.

— Que tal as costuras que você faz?

Ganhei dinheiro reformando roupas, pregando botões e remendando meias para nossos vizinhos. Era um trabalho cansativo porque eu não tinha máquina de costura e precisava fazer tudo à mão. Nos dias bons, quando tinha clientes, ficava acordada a noite toda costurando. Amerley-mami não conseguia dormir com as luzes acesas, então tive que me contentar com velas. Eu me piquei com a agulha tantas vezes que meus dedos ficaram dormentes e, algumas noites, tinha que me forçar a parar porque meus olhos doíam. Cobrava bem mais barato do que as costureiras e os alfaiates da vizinhança, a maioria dos quais odiava fazer ajustes em roupas. Aceitava todo o dinheiro que recebia. Às vezes, as pessoas até me davam roupas usadas, que eu consertava para mim e minhas irmãs. Isso me salvou de me preocupar em como vesti-las.

Meu maior sonho é ser costureira e ter minha própria loja. Depois do Ensino Fundamental, terminei um semestre do Ensino Médio antes de deixar a escola porque Amerley-mami disse que não tinha dinheiro para pagar minhas taxas. Pedi para ser matriculada como aprendiz de uma das costureiras em nosso bairro. A mulher trabalhava em um contêiner de metal usado e tinha uma vitrine de vidro com dois manequins. Sempre que eu tinha que fazer alguma coisa, passava na frente da loja dela apenas para ver os modelos que seus manequins estavam usando, mesmo que isso significasse pular uma sarjeta grande e fedorenta, cheia de sacos plásticos pretos e sacos de água limpa, iogurte, tudo boiando em um rio de água suja.

Quando Amerley-mami perguntou sobre me matricular como aprendiz, a mulher deu a ela uma lista de coisas que deveria comprar e o valor em dinheiro. Os itens incluíam uma máquina de costura, um pacote de doze linhas de costura de cores diferentes, cinco pares de tesouras, três fitas métricas, dez metros de papel pardo, cinco pacotes

de alfinetes e cinco pacotes de agulhas. Além disso, deveria pagar para que dois uniformes fossem costurados para mim. Não existia nenhuma possibilidade de Amerley-mami comprar esses itens. Ela me disse para pedir o dinheiro ao meu pai na próxima vez que o visse. Eu sabia muito bem que não conseguiria. Ataa parou de me dar dinheiro desde que Tsotsoo nasceu.

— Só faço consertos simples. O dinheiro que ganho não é suficiente para pagar seis meses de aluguel nem taxas escolares. Uso esse dinheiro para nos alimentar.

Sheba ficou quieta por um momento enquanto considerava minhas opções. Ela se animou e disse:

— Vocês podem dormir na nossa varanda. Vou perguntar a Maame. Tenho certeza de que ela não se importará. Deram um mosquiteiro para mim quando fui fazer o pré-natal. Podemos amarrar na varanda para vocês.

— Ela tem um quiosque agora? Onde ela vai tocar os negócios? — A mãe de Sheba era cabeleireira. Ela fazia tranças e permanentes na varanda.

— Quando ela terminar com as clientes, podemos só arrastar todas as coisas para um canto e aí vocês podem dormir do outro lado.

Suspirei. Dormir na varanda de Sheba não era a melhor opção, mas era melhor do que dormir na rua. Pelo menos teríamos um teto sobre nossas cabeças e estaríamos seguras. O aperto no peito diminuiu e, pela primeira vez naquela manhã, senti um lampejo de esperança. Eu só teria que batalhar mais para encontrar um emprego. Levantei-me e examinei os *trotros* no pátio. Nikoi não estava entre eles.

— Nikoi ainda não voltou. Seu *trotro* foi um dos primeiros a carregar esta manhã — Sheba disse, seguindo meu olhar.

— É melhor eu ir e começar a fazer as malas. Quando as meninas voltarem para casa, vamos começar a trazer nossas coisas.

Sheba me deu um último abraço.

— Vai dar tudo certo. Você vai ver.

5. O sistema de abastecimento de água potável é precário em várias regiões de Gana. Muitas pessoas conseguem suprimento de água comprando sacos de 500 mL.

6. Ewe é um povo que vive no sudeste de Gana, onde se falam vários dialetos de Ewe, uma língua do ramo Kwa, da família Níger-Congo.



Ignorei Amerley-mami quando cheguei em casa e coloquei nossas grandes bolsas de náilon, comumente chamadas de “*Ghana-must-go*”⁷, na mesinha de centro. As sacolas ganharam esse nome nos anos 1980, quando um presidente nigeriano ordenou que ganenses que viviam na Nigéria sem a documentação necessária deixassem o país, ou seriam presos. A maioria das pessoas repatriadas voltou para a costa de Gana com seus pertences guardados em bolsas baratas de náilon. As bagagens despachadas, brancas com azul ou vermelho, vinham de todos os tamanhos, sem inscrição nem marca.

Não tínhamos cômodas. Guardávamos todas as nossas roupas nas bolsas. Colocávamos ali após retirá-las da areia da praia, onde as espalhávamos para secar depois de lavar. Comecei a dobrar as roupas em trouxas apertadas e embalá-las. A varanda de Sheba era a cozinha também, então, não teríamos espaço suficiente para todas as nossas coisas. Talvez eu pudesse pedir a Madame Fosua que guardasse para nós as coisas maiores, como a cama e o colchão de Amerley-mami e a mobília do nosso cômodo, ou talvez pudéssemos vender tudo, se encontrássemos um comprador — nossas coisas não estavam em condições muito boas.

Eu estava tão concentrada em minha tarefa que não percebi que nossa porta se abriu e que alguém estava parado na minha frente. Abafei um grito antes de me dar conta de que era Nikoi. Ninguém diria que Nikoi é bonito. Ele é mais alto do que eu e tem um rosto desinteressante. Mas o que falta em beleza, ele mais do que compensa na maneira como cuida de mim e de minhas irmãs.

Ele sacudiu a cabeça na direção da cama de Amerley-mami. Uma pergunta. A cortina que separava as duas metades do cômodo estava abaixada e ele não sabia se ela estava ou não. Fiz que sim. Ela estava lá dentro.

— Vim assim que consegui, mas tenho que voltar logo — ele sussurrou e me estendeu a mão. Uma grande mão calejada que estava respingada de óleo de motor. Segurei sua mão mesmo assim e o deixei me guiar para fora. O alívio que senti foi imediato. Pela primeira vez no dia tive certeza de que tudo daria certo. Nikoi fazia isso comigo. Ele sempre colocava as coisas em perspectiva e me dava esperança.

— Sheba me contou o que aconteceu. Hoje foi uma loucura. As aulas começaram e o trânsito está péssimo. Desculpe, não consegui chegar antes.

— Tudo bem. Sheba deu um jeito. Vamos dormir na varanda dela até... — Dei de ombros. Não sabia qual seria o próximo passo.

Ele apertou minha mão e me levou para fora do complexo. Caminhamos em direção à praia pelas vielas estreitas que corriam entre as casas. Não falamos nada enquanto íamos para o nosso lugar — um coqueiral isolado do outro lado da praia. Os pescadores trabalhavam sob alguns coqueiros consertando suas redes de pesca e cuidando de suas canoas. Os peixeiros já não estavam lá havia muito tempo, a despesca de peixes do dia já tinha sido negociada e vendida. O mar soltou uma maresia salgada quando as ondas quebraram na praia. Gaivotas grasnavam enquanto perseguiram umas às outras acima de nós. Crianças pequenas, que tinham faltado às aulas, brincavam dando cambalhotas ou competindo corrida. Não pareciam se importar que seus cabelos e corpos estivessem completamente cobertos de areia branca. Um grupo de jovens estava colhendo cocos. Dois deles subiam nos coqueiros e cortavam os frutos com cutelos enquanto os outros enchiam os carrinhos de mão com os frutos amarelo-esverdeados. Estava ventando muito e eu tive que segurar minha saia com uma das mãos para evitar que as rajadas a levantassem e minha calcinha ficasse à vista de todos. A camiseta de Nikoi ondulava atrás dele como uma espécie de capa.

Nikoi se virava para olhar para mim, como se quisesse ter certeza de que eu estava bem. Cada vez que ele se virava, o sol brilhava em seu colar de ouro. Foi a única coisa que restou de sua mãe, que tinha morrido ao dar à luz seu irmão. Ele sobreviveu ao parto, mas morreu de malária aos cinco anos. Nikoi não falava muito sobre isso.

Apertei sua mão para que ele soubesse que eu estava bem.

Afundamos na areia quando chegamos ao nosso lugar. Ele me

abraçou e beijou minha testa. Depois, colocou a mão no bolso e me entregou um envelope. Eu o abri e tinha um maço de dinheiro.

Olhei para ele, confusa.

— Nii, o quê...? Como?

— Estou economizando para comprar as coisas de que você precisa para poder começar a ser aprendiz daquela senhora. Esperava ter o valor total na Páscoa. Use para o aluguel.

Comecei a chorar. Era a terceira vez naquele dia. As lágrimas caíram quentes e rápidas pelo meu rosto. Nikoi me abraçou e acariciou minhas costas do mesmo jeito que Sheba tinha feito. Eu não era nada bonita chorando. Meus olhos sempre ficavam vermelhos e meu rosto, manchado. Eu sabia que estava parecendo uma personagem de um *show* de horror.

— Obrigada — eu disse, finalmente. Limpei meu nariz com a bainha do vestido. — Eu nem sabia que você estava economizando para mim. Vou devolver o dinheiro para você. Prometo. Um dia vou pagar tudo.

Nikoi ergueu minha cabeça para que eu pudesse olhar em seus olhos castanhos, e o canto de seu lábio se ergueu em um sorriso.

— Você é minha namorada. Se eu não cuidar de você, quem vai?

Discordei com a cabeça.

— Minhas irmãs e eu não somos sua responsabilidade. Você não deveria se sacrificar tanto por nós.

Ele encolheu os ombros.

— Você é minha família. É a família que eu tenho, e um dia nossa vida não será mais assim. Prometo.

O pai de Nikoi estava vivo, mas eles estavam afastados. Na maior parte do tempo, seu pai ficava completamente bêbado no canto do quiosque *akpeteshie*. Mesmo quando sóbrio, estava sempre lá, calculando números da loteria e bebendo gim a crédito. Uma vez, quando estava sóbrio, expulsou o filho de casa depois que Nikoi entrou em uma briga com a madrastra.

Encostei meu rosto no peito de Nikoi e desejei que esse futuro viesse o mais rápido possível. Aquele dia em que estaríamos em nossa própria casa, com nossa própria família. Quando eu não tivesse que me preocupar com aluguel, nem com taxas escolares, nem de onde viria

nossa próxima refeição. Quando eu tivesse minha própria loja de costura e vários aprendizes, e Nikoi, uma frota de táxis.

Nikoi foi o primeiro a se afastar. Ele enxugou as lágrimas de meu rosto com as mãos engorduradas.

— Tenho que voltar agora. Vejo você à noite.

— Está bem — sussurrei enquanto ele ia embora.

7. Em tradução literal, “Gana-devemos-ir”.



Embora nosso aluguel tenha sido pago pelos próximos três meses, Nuumo me lembrava toda semana que esperava o pagamento pelo próximo ano e meio até o final de abril. Foi uma preocupação que deixei de lado. A questão mais urgente para mim era como pagar as taxas escolares de Amorkor e Tsotsoo. Peguei todos os trabalhos ocasionais que consegui, além dos consertos de roupas que os vizinhos traziam.

— Você vai ficar cega um dia desses se continuar fazendo isso — comentou Sheba uma noite quando me viu costurando à luz de velas. Ela veio pegar emprestado um pouco de massa de milho. Ficar cega estava fora de questão, então parei a costura noturna.

Todas as manhãs, ao acordar, agradecia a Deus por não ter pelo menos que me preocupar com as taxas de Amarkai. Ela e Tsotsoo não eram nada parecidas com Amorkor ou comigo. Ambas herdaram a beleza de nossa mãe (muito embora, olhando para Amerley-mami agora, ninguém pudesse dizer o quanto ela já foi bonita), enquanto Amorkor e eu éramos confundidas com meninos se não usássemos brincos. Éramos parecidas com Ataa, se ele fosse uma menina. Amarkai nem era adolescente ainda, mas os garotos sempre se viravam e ficavam olhando quando ela passava. Felizmente, ela não tinha tempo para garotos. Ainda. Sua única preocupação eram os animais. Se havia um gato ou cachorro ferido, uma galinha manca ou qualquer animal doente, era para Amarkai que o povo trazia. Quando fios de cabelo sintético voavam da varanda da mãe de Sheba enquanto ela fazia tranças nagô para as mulheres da vizinhança, Amarkai corria atrás das galinhas e tirava os fios de seus pés. Eles poderiam se enrolar nos pés das aves, fazendo-os inchar. Elas poderiam até perder o membro.

Amarkai costumava passar os fins de semana espantando os meninos da vizinhança que atiravam em pássaros com estilingues.

Agora, ela passava os fins de semana trabalhando na clínica veterinária em La. Ficava indo e voltando da clínica. Ela nem sequer foi paga pela limpeza que fez, mas o veterinário pagou suas taxas e comprou seu material escolar. Mesmo que ele não estivesse pagando por sua educação, Amarkai ainda teria feito a limpeza, apenas para poder assisti-lo enquanto cuidava dos animais doentes. Amarkai e seus animais eram personagens saídos de um conto de fadas. Por volta das três horas da tarde, todos os animais da vizinhança, tanto os de rua quanto os que tinham donos, iam até a beira da estrada para esperá-la. Tornou-se tão normal que apenas os visitantes do bairro se alarmavam com aquela diversidade de animais que ficava no ponto de ônibus à tarde. Normalmente, Amarkai saía do *trotro* às três e quinze.

Assim que ela descia do ônibus, o coro animal começava. Os cachorros latiam em cumprimentos, os gatos miavam em boas-vindas e as galinhas e os patos faziam uma dança de saudação, agitando as penas. Costumava haver uma ovelha, e ela balia sempre que a via, mas foi morta por Eid al-Adha. Por causa disso, as pessoas da região traziam suas sobras de alimentos para os animais. No início, algumas mães se recusaram a deixar seus filhos brincarem com Amarkai, pois diziam que tinha poderes mágicos, mas, com o passar do tempo, as pessoas perceberam que ela realmente amava os animais. Uma emissora de TV publicou uma história sobre ela depois que alguém viu que os animais a esperavam ainda que estivesse chovendo. As pessoas estavam tão acostumadas a vê-la que não era mais um grande problema.

Mesmo com seus trocados contados, ela sempre reservava um pouco para comprar dos vendedores de arroz e *waakye* uma espiga de milho ou *kanzo* para os animais. Os vendedores a conheciam tão bem que às vezes lhe davam umas porções queimadas de graça. Ela segurava a comida e ficava lá enquanto os animais comiam direto de sua mão. Às vezes, eu me perguntava como podíamos ser parentes!

Dois anos antes, quando Amarkai estava estudando na mesma escola que minhas irmãs e eu, voltamos para casa e encontramos Sheba e sua irmã mais nova, Vashti, esperando por nós em nossa varanda. Vashti tinha uma caixa de sabão Key no colo e vimos que estava chorando. Sheba puxou Amarkai e eu de lado.

— É a gatinha dela; não come. Quando a forçamos a comer, ela vomita tudo. Não consegue engolir. Acho que vai morrer — disse Sheba.

Amarkai largou a bolsa no chão e foi até onde Vashti estava sentada. Ajoelhou-se na frente da amiga e pegou a gatinha.

— Ela vai ficar bem, ela vai ficar bem — disse Amarkai, acariciando a bola de pelo marrom e preta.

— Eu não sabia mais para onde ir. Vashti também se recusou a comer. Ela só chora e chora, e minha mãe está ficando irritada.

Vi como Vashti olhou para Amarkai com os olhos arregalados e cheios de esperança. Qualquer um pensaria que Amarkai era uma daquelas televangelistas que fazem paralíticos andar. Lágrimas rolavam pelo rosto de Vashti e ranho escorria de seu nariz. A menina tinha a mesma idade de nossa Tsotsoo. Assentia com a cabeça para algo que Amarkai estava dizendo. Ela limpou o rosto e o nariz com as costas da mão.

— Deixe ela comigo e vá para casa. E trate de comer porque, quando ela voltar, vai querer brincar com você. E alimente a mãe também; essa gatinha vai estar morrendo de fome quando melhorar — disse Amarkai.

— Você promete que ela vai ficar bem?

— Eu prometo.

Um sorriso largo explodiu no rosto de Vashti. Ela acariciou a gatinha mais uma vez e pegou na mão de Sheba.

— Vamos, estou com fome.

Enquanto as observava irem embora, me perguntei o que Amarkai faria. Ela obviamente tinha mordido mais do que podia mastigar dessa vez. Eu sabia que ela poderia imobilizar pernas e asas quebradas, mas como poderia fazer um animal comer se ele não conseguia?

Deixei Amarkai com a gatinha e entrei em casa para me trocar e preparar o jantar. Amorkor moeu o milho que deixamos de molho na bacia durante a noite, mas, em vez de misturá-lo com água, largou a tigela de milho moído sem fazer mais nada e, provavelmente, foi ler em algum lugar. Nem fui procurá-la. Ninguém conhecia seu esconderijo. Quando Amorkor começava a ler um livro, ela não servia de nada para ninguém até terminá-lo.

Amarkai encontrou um frasco de colírio e foi lavá-lo.

— Para que é isso? — perguntei enquanto despejava água no milho moído e amassava a mistura. Adorava a sensação do pó de milho quente

na minha mão enquanto o misturava.

— Para alimentar a gatinha.

— De que adianta ter uma mamadeira se você não tem leite? — perguntei enquanto batia na massa e cobria a tigela com a tampa. Fermentaria por dois dias e, então, poderíamos começar a usá-la para o *banku*.

Amarkai revirou os olhos e me mostrou um pacote de leite em pó. Eu nem sabia que tinha comprado aquilo. Ela misturou um quarto do conteúdo e o despejou no frasco de colírio. Tentou alimentar a gatinha, mas o leite voltava todo, um minuto depois que ela engolia.

— Um pouco do leite fica. Ela não vomita tudo. Pelo menos um pouquinho fica em seu estômago — ela disse após examinar o frasco.

Dois dias mais tarde, a situação não mudou. O miado da gatinha estava nos deixando loucas. Seus gritos eram mais fracos e ela não se mexia. Amerley-mami disse a Amarkai para devolver a gatinha antes que “morresse com ela”. Naquele dia, depois da escola, Amarkai pegou a caixa e desapareceu. Achei que tivesse ido devolver a gatinha de Vashti, então, quando deu seis horas da tarde e ela não tinha voltado, fui à casa de Vashti para procurá-la; ela não tinha ido lá. Voltei para casa, mas não contei a Amerley-mami. Amarkai chegou em casa às sete e meia da noite, com a gatinha na caixa.

Quando perguntei aonde tinha ido, ela disse que foi até o Centro Veterinário de La para implorar aos médicos que operassem a gatinha. Disseram a ela que o custo da cirurgia seria de cem cedís. Ela se sentou na área da recepção e se recusou a sair até que os seguranças a detiveram e a expulsaram.

Pensei que isso fosse colocar algum juízo em sua cabeça, mas não. Nos dois dias seguintes, assim que chegamos em casa, Amarkai se trocou, pegou a caixa com a gatinha doente e caminhou até a clínica veterinária. No terceiro dia, quando ela não estava em casa às sete e meia da noite, não consegui mais lhe dar cobertura. Disse a Amerley-mami onde ela estava. Esperamos até às oito horas da noite e, como Amarkai não tinha voltado para casa, Amerley-mami e eu fomos a pé até La.

No caminho, Amerley-mami não parava de reclamar de sua sorte. Como poderia ter filhas tão estúpidas? Como poderia ter uma filha que

se importava mais com um gato do que com seu próprio bem-estar? Como eu, que era a mais velha e deveria ter mais bom senso, poderia saber para onde ela estava indo e ficar quieta? Ela disse que se alguma coisa acontecesse com Amarkai, *seria minha responsabilidade*. Louvei o nome de Deus e orei a Ele para que minha irmã ficasse bem. Prometi que não seria tão estúpida da próxima vez. Cuidaria melhor de todas as minhas irmãs.

A clínica veterinária estava fechada quando chegamos lá. Estávamos prestes a sair quando vimos um segurança patrulhando o pátio. Amerley-mami perguntou se ele tinha visto uma menina com uma gatinha em uma caixa de sabão. O homem pediu que o seguissemos até a parte de trás do prédio. Ele nos contou que um dos veterinários, dr. Lutterodt, ficou com pena dela e da gatinha e concordou em fazer a operação de graça após o expediente. Amarkai implorou para assistir, então ele permitiu que ela o ajudasse.

Entramos pela porta dos fundos e fomos a uma sala indicada como Sala de Cirurgia. Amarkai, que eu tinha perdido todas as esperanças de encontrar viva, ainda estava com seu uniforme escolar. Ela usava uma máscara verde, óculos de proteção e luvas. Ela estava ajudando um homem de cabelos brancos que operava a gatinha de Vashti. Amarkai ficou encarregada de bombear uma bola inflável conectada a uma máscara sobre o rosto da gatinha. Ela acenou quando nos viu. Vi sangue em suas luvas e fiquei tonta.

Nem Amerley-mami nem eu aguentamos ver o sangue, por isso esperamos na área escura da recepção. Os olhos de Amarkai estavam brilhando quando ela saiu para se juntar a nós após o procedimento. Embora soubesse que levaria uma surra naquela noite, nada poderia roubar sua alegria — nem mesmo os olhares mortíferos que Amerley-mami lançava em sua direção. Dr. Lutterodt chamou Amerley-mami ao seu consultório, onde conversaram por um longo tempo. Quando ela saiu mais tarde, algo em seu comportamento tinha mudado. Nós três caminhamos até o terminal de ônibus e pegamos um *trotro* que ia para Teshie. Amarkai adormeceu no ônibus. Amerley-mami estava perdida em pensamentos. Naquela noite, ela não bateu em Amarkai como pensei que faria. E não bateu no dia seguinte também. Em vez disso, no terceiro dia, ela disse a Amarkai que o dr. Lutterodt tinha se oferecido para financiar sua educação e queria que ela fosse transferida de nossa

escola em Teshie para uma escola particular em La. Em troca, ela passaria os fins de semana limpando a clínica. Amarkai delirava de alegria.

Vashti sentiu-se nas nuvens quando sua gatinha voltou duas semanas depois e começou a beber leite do frasco de colírio e das tetas da mãe. E eu? Eu me perguntei como algo tão insignificante como ajudar a gatinha de uma garotinha poderia mudar a vida de alguém para sempre.



Um minuto antes de minha vida mudar para sempre pela primeira vez, eu estava ajoelhada na área de cozinha, com meu rosto no chão e minha bunda para cima. Um lado do meu rosto repousava na terra lisa e minhas bochechas estavam infladas quando soprei todo o ar dos meus pulmões na madeira úmida entre os três montes de argila vermelha de nosso fogão tripé.

Nossa área de cozinha era um galpão feito de telhado de palha apoiado em quatro galhos grossos atrás da casa. Outras pessoas cozinhavam em suas varandas em fogões a gás ou querosene, que não tínhamos. Em vez disso, erguemos o galpão atrás da casa e construímos o fogão tripé a lenha e de barro. Colocamos lenha entre os montes de argila e equilibramos nossas panelas no tripé. Era quase tão bom quanto uma panela de carvão. O único problema era que a lenha produzia muita fumaça.

— Fuuu... — Soprei outra golfada de ar na lenha, mas, em vez de pegar fogo, o jornal que acendi entre ela fumegou e a chama morreu. Nuvens de fumaça preta fluíram em meus olhos. Recostei-me e tossi. Tudo indicava que minhas irmãs e eu teríamos que nos contentar com *kenkey* e *shit* seis dias seguidos.

Já era meado de abril, e eu sabia que Nuumo estava esperando o último dia do mês para bater à nossa porta. Amorkor e Tsotsoo foram mandadas para casa duas semanas antes por não pagarem as taxas escolares. Amarkai foi a única que continuou a frequentar a escola. Amorkor tinha se esquecido de coletar lenha no dia anterior; em vez de ir à praia atrás de nossa casa para pegar lenha, como eu havia pedido, caminhou seis quilômetros até a biblioteca para devolver um livro e pegar um novo emprestado. No caminho de volta, começou a chover; Amorkor se esquecera completamente da madeira e correu para casa com seu livro — *Prison Graduates*, de Efo Kodjo Mawugbe⁸ — protegido

e seco, enfiado debaixo da blusa. Qualquer pessoa teria ficado arrasada por ser o principal motivo de sua família comer *kenkey* e *shitɔ* pela quinta vez naquela semana, mas Amorkor não é qualquer pessoa. Depois de comer sua bola de *kenkey* com *shitɔ*, ela desapareceu no quarto e começou a ler seu livro. Minhas irmãs realmente não se importavam que tivéssemos apenas *kenkey*. Nossa dieta raramente variava. Era *kenkey*, *gari* ou *banku* e peixe frito nos dias em que Nikoi me dava mais de dois cedis para que pudéssemos comer uma refeição decente. Amerley-mami não sabia se tínhamos comido ou não, embora eu soubesse que a porção de comida que deixávamos para ela todas as noites era comida pela manhã.

Eu, entretanto, daria o crédito onde o crédito fosse devido, e antes mesmo de eu sair do colchão naquela manhã, Amorkor tinha ido à praia e voltado: a lenha estava empilhada perto de uma das paredes da nossa área de cozinha. O único problema era que a madeira estava úmida. Tenho certeza de que Amorkor fez esse esforço porque se sentiu mal com os nomes que Ofoe-mami, a vendedora de *kenkey*, nos chamou antes de dar as quatro bolas de *kenkey* e seis colheres de sopa de *shitɔ* a crédito. Pelos meus cálculos, devíamos catorze cedis e cinquenta pesewas. A língua de Ofoe-mami é mais afiada do que a picada de um escorpião, mas não deixei seus insultos me machucarem. Eles rolaram da minha pele como água das penas de um pato. Ontem à noite, ela tinha gritado e amaldiçoado como de costume.

— Eu não sou Papa Bronya! Pareço com ele? Também tenho filhos para alimentar! Como posso alimentar eles se tenho que dar tudo o que faço de graça? Cadê a sua mãe? Ela não é uma mulher igual a mim? Por que ela não pode cozinhar para as filhas? E você, já não está bastante crescidinha para cozinhar para suas irmãs? Você não é mulher?

Fiquei olhando para os meus pés enquanto Ofoe-mami despejava insultos sobre minha mãe, meu pai, meus avós, minhas irmãs e, finalmente, sobre mim. Não ousei olhá-la no rosto com medo de que ela pensasse que eu a estava desafiando ou desrespeitando. Finalmente, depois de ter gritado e amaldiçoado toda a minha família e eu até cansar, para todos os vizinhos ouvirem, ela foi até à tábua. O *kenkey* era guardado em uma bacia com uma placa grossa de plástico transparente que o mantinha quente. Ela puxou a bacia em sua direção, abriu a placa, mergulhou a mão em uma tigela com água ao seu lado e pegou quatro

bolas de massa de milho fermentada e fumegante embrulhadas em folhas de milho, uma após a outra. Meu estômago roncou. Só tinha bebido *gari* o dia todo e estava com fome. Ela colocou as bolas de *kenkey* em um saco plástico preto e deu um nó.

Então, foi até a travessa de madeira onde os camarões e peixes fritos crocantes eram empilhados como pirâmides altas. Comecei a salivar e meu estômago roncou mais uma vez. Ofoe-mami pegou um saco plástico menor e abriu-o ao lado do balde de *shitɔ*. Fiquei observando enquanto ela colocava duas colheres de sopa de molho de pimenta-preta picante no saquinho, acrescentava quatro colheres de sopa de pimenta-vermelha batida com tomate e cebola e o amarrava habilmente. Ela colocou tudo em cima do *kenkey* no saco plástico preto e jogou em minhas mãos.

Eu estava prestes a perguntar se poderíamos levar alguns peixes também, mas analisei bem a expressão de seu rosto e, de qualquer maneira, já tinha sido insultada o suficiente por uma noite. Um dia, eu tinha jurado para mim mesma, *um dia comprarei kenkey com bastante peixe e camarão e não comerei nem a cabeça e nem o rabo*.

Como se isso não bastasse, no caminho para casa, Nuumo, nosso senhorio, encontrou-se comigo no portão.

— Diga para sua mãe que, se eu não receber o aluguel até o final deste mês, vocês terão que ir embora.

Ele nem esperou que eu desse a minha usual desculpa de que ela estava doente, que não se sentia bem. Apenas saiu furioso.

— Fuuu...

Soprei nas toras novamente. Nada aconteceu.

— Irmã Amerley! Irmã Amerley! Um carro parou na frente da nossa casa. E chique! Quando a porta abriu, um ar frio igual ao vento harmatão saiu, e a mulher lá dentro deve ser a Miss Gana ou tipo isso — Tsotsoo disse tudo sem parar para respirar. Cobriu a boca com uma das mãos.

Eu me virei e olhei ao redor da área de cozinha.

— Cadê o lagarto?

Ela apontou para as vigas. Olhei para cima e vi um enorme lagarto

cinza, preto e azul com uma crista vermelha e laranja se expondo ao sol em uma das tábuas. Peguei uma pedra, aponte e atirei em sua direção. O lagarto correu alguns passos e, então, parou para balançar a cabeça para cima e para baixo. Balancei a cabeça; nada que eu dissesse faria Tsotsoo tirar a mão da boca. Seus dois dentes frontais superiores tinham caído, um após o outro, fazia duas semanas. As crianças com quem brincava disseram que se um lagarto visse o espaço onde os dentes velhos estiveram enquanto ela falava, os dentes novos nunca nasceriam. Já que lagartos eram uma visão comum nas paredes e telhados de nossa casa, as mãos de Tsotsoo agora estavam permanentemente coladas à boca.

— Irmã Amerley, venha ver! — Tsotsoo insistiu, me colocando em pé com a mão que estava livre.

Amarkai correu para a cozinha.

— A mulher quer ver Amerley-mami.

— Irmã Amerley, você não vai cumprimentar a mulher no carro? — Tsotsoo perguntou com a mão ainda sobre a boca.

A gata de Vashti entrou na cozinha e esfregou o corpo nas pernas de Amarkai.

— Irmã Amerley, se você não for, ela vai pensar que somos desrespeitosas — disse Amarkai.

Olhei de uma irmã para outra. Não cairia na brincadeira delas. Estavam tentando me enganar para ir ver Amerley-mami a manhã inteira.

— Ah, sério — eu disse, despejando um pouco de querosene de uma garrafa verde de cerveja na madeira úmida. — Diga a ela que Amerley-mami está dormindo.

— Já falamos. Ela disse que deveríamos acordá-la — disse Amarkai e, pela expressão em seu rosto, vi que estava falando sério.

Risquei um fósforo contra a caixa e o segurei perto da madeira úmida, sabendo, mesmo enquanto o fazia, que estava perdendo meu tempo e o da madeira.

— Se isso for uma brincadeira, todas vamos comer *kenkey* hoje à noite. Não vou nem tentar mais acender esta lenha e vou mandar vocês duas irem buscar o *kenkey* de Ofœ-mami.

— Irmã Amerley, não estamos mentindo. Venha ver — disse Tsotsoo, me arrastando para fora com uma das mãos.

Segui Amarkai e Tsotsoo esperando que, quando chegássemos ao complexo principal, fossem gargalhar porque me pregaram uma peça. Para minha surpresa, um jipe preto estava, de fato, estacionado sob o cajueiro. Dava para ver o movimento por trás das cortinas, nossos vizinhos nos espiavam. Não os culpei. Eu teria feito o mesmo se a situação fosse inversa. Por ser um domingo, quase todo mundo estava em casa. Mas não haveria fofoca esta noite, pois não existia a possibilidade de um dos ocupantes daquele carro conhecerem algum membro da minha família. Parecia que tinham untado o carro com manteiga de karité. Ele brilhava e cintilava à luz do sol. Uma mulher vestida com uma rica *kaba* e *slit* de renda verde e dourada estava parada na porta dos fundos. Entendi por que Tsotsoo pensou que ela fosse a Miss Gana — ela era linda. Era ainda mais bonita do que a atual Miss Gana e estava aqui para ver Amerley-mami? Certamente, deve ter havido um engano. Essa mulher deve ter confundido nossa Amerley-mami com alguma outra Amerley-mami. De jeito nenhum que minha mãe conhecia alguém tão chique.

Estava escrito “exuberante” em cima dessa mulher. Tinha joias de ouro no pescoço, nas orelhas, nos pulsos e dedos. Óculos de sol enormes escondiam seus olhos e quase metade do rosto. Quando ela usou a mão para posicionar os óculos de sol corretamente, suas pulseiras de ouro brilharam. Pude ver que ela se sentiu desconfortável quando nossos vizinhos saíram de seus cômodos para olhá-la. Não mais satisfeitos em espiar por trás das cortinas, todos os adultos encontraram motivos para estar ao ar livre. As crianças ficaram boquiabertas, a maioria das mais velhas carregava suas irmãs e seus irmãos mais novos nas costas. Conteí quatro crianças com nariz escorrendo, incluindo Tsotsoo; duas outras tinham conjuntivite. Elas esfregavam os olhos vermelhos o dia inteiro.

Caminhei rapidamente até onde a mulher estava. Amarkai e Tsotsoo estavam atrás de mim, os olhos curiosos fixos na mulher.

— Boa tarde, senhora — eu disse.

— Ah, olá, você deve ser Naa Amerley.

Engasguei. Como ela sabia disso? Uma parte de mim estava pensando, se ela sabia meu nome, isso significava que eu também

conhecia alguém chique. Como processar tudo isso naquele momento?

— Sim, se-nhora — gaguejei.

Ela realmente conhecia minha mãe. Como? Foram colegas de turma? Duvidava muito disso, já que Amerley-mami deixou a escola quando tinha dez anos. Como se conheceram? Fiquei elétrica quando reparei bem nela. Eu tinha muito o que contar a Sheba quando a visse.

— Nossa! Olhe como você cresceu — disse a mulher, dando um passo em minha direção e pondo as mãos sobre meus ombros, como se quisesse me abraçar. No último minuto, ela retirou as mãos e olhou para mim da cabeça aos pés. Consegui sentir o cheiro de seu perfume. Ela cheirava a jasmim e flores de laranjeira. Quando colocou os braços ao lado do corpo, percebi como minhas irmãs e eu estávamos sujas. Fazia quatro dias que não tomávamos banho. As torneiras tinham secado havia uma semana, até na igreja da rua. Embora tivéssemos um tambor cheio de água, começamos a racionar nosso suprimento, e tomar banho diariamente não estava no topo de nossa lista de prioridades.

— Meu nome é Rosina, sou amiga de sua mãe. Diga a ela que estou aqui.

Amiga de sua mãe, isso ficou rodando em minha mente enquanto eu corria para fazer o que haviam me pedido. Então Amerley-mami *conhecia* gente chique. Se Amerley-mami conhecia essa mulher, existiam outras que não conhecíamos? Amerley-mami nunca mencionou uma amiga chamada Rosina. Eu nem sabia que Amerley-mami conhecia alguém que tivesse um carro particular. Não me lembrava de ter conhecido essa tal Rosina. De jeito nenhum eu teria esquecido seu rosto, suas roupas ou seu cheiro.

Foi uma hora ruim para perceber que Amarkai não tinha varrido a frente do nosso cômodo. Excrementos de cabra estavam espalhados por toda parte. Limpei meus pés no tapete de boas-vindas surrado. Das dez letras, apenas três sobraram — S, N e A. Vários *charley-wotes* estavam largados em cima e ao redor do tapete. Chutei-os para o canto da varanda e abri a porta de tela com o mosquiteiro rasgado. Enrolei rapidamente nossos colchões, afastei a cortina desbotada da área de dormir de Amerley-mami, onde ela dormia. Cutuquei-a, ela gemeu e me pediu para ir embora, mas eu persisti.

— Tem uma mulher aqui que quer ver a senhora. Uma mulher chique. Ela se chama tia Rosina.

Amerley-mami acordou instantaneamente e se sentou direito.

— Rosina?

Assenti com a cabeça.

— Aqui?

Assenti novamente com a cabeça.

— Tem certeza?

Assenti com a cabeça pela terceira vez.

Amerley-mami saiu da cama e rapidamente trocou a camisola desbotada por um *boubou* tingido de azul e roxo igualmente desbotado. Enxaguou a boca com um copo de água que estava na mesa ao lado e cuspiu o conteúdo no penico que guardávamos debaixo da cama. A urina da noite anterior ainda estava lá. Não achei que fosse uma boa hora para esvaziá-lo no esgoto em frente à nossa casa. Ela colocou um pouco da pasta de dente no dedo, espalhou nos dentes e na língua e enxaguou a boca novamente. Lavou o rosto, tentou pentear o cabelo, mas, como não tocava nele havia meses, o pente não passava, então ela desistiu e amarrou um lenço na cabeça.

— O que você ainda está fazendo aqui? Vá e peça a ela para entrar!

Fui lá fora buscar tia Rosina, que ainda estava ao lado do carro. Amarkai e Tsotsoo se juntaram a algumas das outras crianças debaixo do nim e assistiam à cena embasbacadas.

— Por favor, ela disse que a senhora pode entrar.

Tia Rosina me seguiu até nosso cômodo. Fiquei em estado de choque enquanto olhava ela e Amerley-mami se abraçarem.

Embora eu quisesse ficar, sabia que Amerley-mami me pediria para sair. Em nossa vizinhança, as crianças deviam ser vistas, e não ouvidas. Devíamos falar apenas quando falassem conosco. Tia Rosina tinha vindo visitar Amerley-mami, então eu estava sobrando ali. Fui para fora. Todas as crianças ficaram ao meu redor, querendo saber quem era tia Rosina, de onde era e o que queria. Mandeí todas para suas casas e voltei para a nossa cozinha.

Minhas três irmãs me seguiram até lá. Amorkor, que tinha desaparecido para algum lugar onde pudesse ler seu livro em paz,

reapareceu.

— É verdade? — ela me perguntou. — Tsotsoo disse que a Miss Gana está conversando com Amerley-mami.

— Ela não é Miss Gana — eu disse.

Se Amorkor conhecia livros e Amarkai conhecia seus animais, eu podia dizer com segurança que conhecia as rainhas da beleza. Poderia recitar os nomes das vencedoras e segundas classificadas dos concursos de beleza em Gana dos últimos seis anos. Poderia até descrever todas as roupas que elas usaram. Tenho excelente memória para detalhes como esses. Kofi-papa, nosso vizinho, comprou sua TV há seis anos. Foi quando comecei a assistir aos concursos de beleza. À noite, ele a trazia de seu quarto para a varanda e todos nos reuníamos aos pés dos adultos para assistir ao que estava passando. Miss Malaika, Miss Gana, A Mais Bela de Gana, Miss Excel Plus: eu conhecia todos os concursos. E também sabia que tia Rosina não tinha participado de nenhum deles. Além disso, ela aparentava ter quase quarenta anos.

— Leve um pouco de água para ela — pedi a Amorkor —, mas lave as mãos antes e tome cuidado com o copo.

Quando Amorkor se levantou, lembrei que foi ela quem quebrou três dos seis copos que tínhamos. Amarkai quebrou um e Tsotsoo quebrou outro.

— Não se preocupe, eu mesma faço isso. — Peguei o último copo. Havia uma pequena lasca na borda. Seria bom se tia Rosina não notasse.

— E para o motorista? — Amarkai perguntou.

Olhei dentro da tigela de plástico em que guardávamos nossas louças. Havia três copos de aço inoxidável, quatro de plástico e dois esmaltados. Os de aço inoxidável estavam todos preteados; os de plástico simplesmente não eram apresentáveis para um adulto; alguns dos esmaltados estavam lascados em vários lugares e, em outros, aparecia o metal enferrujado. Escolhi o que tinha menos lascas, enchi com água da talha de barro, o coloquei em um prato e o entreguei a Amarkai.

— Leve isso para o motorista — eu disse.

Enchi o copo de vidro com água, coloquei em um segundo prato e voltei para o nosso quarto. Amerley-mami e tia Rosina estavam sentadas

lado a lado no sofá. Os olhos de Amerley-mami estavam vermelhos como tomates maduros. As lágrimas corriam por suas bochechas como uma torneira aberta. Tia Rosina parecia perturbada. Aproximei-me dela, ofereci o copo de água e senti o cheiro da fragrância de jasmim e de flor de laranjeira novamente.

— Ah, não precisava — disse ela, mas pegou o copo. Suas unhas eram longas e pintadas de um vermelho intenso. Quando estava prestes a levar o copo aos lábios, viu o lascado e o virou. Então, pôs o lado não lascado aos lábios e deu um pequeno gole. Quando colocou o copo de volta na bandeja, havia uma marca de batom vermelho brilhante nele. Eu poderia ter ficado olhando para ela o dia todo, mas fui educada para não fazer isso, então, me virei e saí.

Lá fora, minhas irmãs e algumas crianças da vizinhança cercaram o carro e ficaram fazendo caretas engraçadas e olhando para suas imagens refletidas. Os pneus do carro quase chegavam aos ombros de Tsotsoo. Fui me juntar a elas. Só então percebi que ainda tinha areia do chão da cozinha na minha bochecha esquerda e no meu cabelo. Não admira que tia Rosina não quisesse me abraçar. Eu estava parecendo uma criança de rua. Na verdade, todas as crianças ao meu redor pareciam crianças de rua. A maioria estava descalça. Os meninos usavam *short* e as meninas, blusas ou camisetas grandes; as crianças menores, em sua maioria, estavam nuas. As poucas que estavam vestidas usavam apenas roupas íntimas de algodão.

O motorista estava do outro lado do carro, limpando-o com um espanador. Ele aparentava ser muito jovem. Devia ser alguns anos mais velho que Nikoi, que tinha dezenove anos. Quando viu as crianças fazendo caretas e tocando em seu carro preto brilhante, ele não as expulsou como Mano Laryea faz.

Mano Laryea dirige um táxi que nem é dele, mas trata o carro como se fosse vivo e tivesse sentimentos. Antes de conseguir o táxi, ele foi motorista de *trotro* e ex-chefe de Nikoi. Todo domingo de manhã, faça chuva ou faça sol, ele compra um pacote de sabão em pó e lava o carro. Depois, passa uma hora polindo o painel e os espelhos. Qualquer um pensaria que o presidente ou alguém importante fosse se sentar ali. Ele nunca dá carona a nenhum de nós. *Nunca*. Nem quando está chovendo e o carro está vazio e ele está indo para o mesmo lugar que nós.

O motorista de tia Rosina procurou algo em seu carro e saiu com um

saco de caramelos. Deu um para cada um de nós, incluindo as crianças da vizinhança. Muitas foram conferir se seus doces eram do mesmo tamanho que os das outras. O motorista teve sorte, porque se fossem de tamanhos diferentes, haveria gritos de *Woasisi me. Me ne panin* ou *Ofaine miji onukpa* e coisas do tipo. Quando se tratava de compartilhar doces e outras guloseimas, as crianças mais velhas da casa sempre eram rápidas em apontar que, como eram as mais velhas, mereciam uma fatia maior. Infelizmente, o mesmo não poderia ser dito quando se tratava de tarefas domésticas. Ganhei um caramelo. Tinha um pouco de grude vermelho que colou no céu da minha boca e na parte de trás dos meus dentes, mas adorei o gosto entre *alasa* e manga.

Tia Rosina e Amerley-mami saíram. Amerley-mami chamou minhas irmãs e eu. Enquanto ela estava ao lado de tia Rosina, vi quantos anos aparentava ter. Passaria por avó de tia Rosina. Não parecia mesmo que tinham a mesma idade. Ela apresentou cada uma de nós, uma de cada vez. Deve ter sido minha imaginação, mas achei que o olhar de tia Rosina se demorou mais em mim que nas minhas irmãs. Tsotsoo foi ficar ao lado de Amerley-mami e escondeu o rosto quando foi sua vez de ser apresentada. Ela foi repentinamente tomada pela timidez.

— Então eu virei buscá-la... Voltarei no fim de semana — disse tia Rosina.

O motorista abriu a porta do carro e ela tirou uma bolsa grande. Uma lufada de ar frio soprou sobre nós, que estávamos perto do carro.

— Desculpem, não trouxe nada para vocês. Amerley, compre alguns caramelos para suas irmãs, está bem? Ela tirou três notas de cinco cedís de um maço e me deu. Meus olhos se arregalaram tanto que pensei que cairiam das órbitas. Quinze cedís para comprar caramelos?

— Ah, não, tia, está tudo bem — eu disse, embora meus dedos estivessem ansiosos para arrancar o dinheiro de suas mãos. Era educado recusar dinheiro quando ofereciam a você pela primeira vez. Somente quando a pessoa oferecia uma segunda ou terceira vez é que era aceitável receber.

— Ah, o que é isso! Compre um pouco de sorvete ou algo assim. Eu prometo que na próxima vez farei compras para vocês. Aqui, pegue.

Olhei para Amerley-mami, que assentiu com a cabeça, e aceitei o dinheiro. Virei-me para dar a ela, mas tia Rosina me impediu.

— Não, esse é para você e as meninas.

Ela deu o resto do maço para Amerley-mami, que passou pela mesma sequência de recusar o dinheiro antes de finalmente aceitá-lo e enfiá-lo no sutiã. Tia Rosina entrou em seu carro, que estava tão frio quanto o *freezer* da câmara frigorífica na estrada, e acenou para nós mais uma vez antes de o motorista arrancar. Minhas irmãs e eu seguimos Amerley-mami até nosso cômodo. Ela trancou a porta atrás de si, puxou as cortinas das janelas, tirou o maço de dinheiro, lambeu um dedo e contou-o rapidamente. contei ao seu lado, mas me confundi quando ela passou de cem. Amerley-mami ainda estava contando quando ouvimos uma batida na porta. Ela rapidamente escondeu o dinheiro debaixo do colchão.

— Amerley-mami? Amerley-mami? — Era nosso senhorio. Ele sem dúvida tinha ouvido falar de nossa visitante chique e do dinheiro que tinha mudado de mãos. Havia muitas “bocas de *okro*”¹⁰ em nosso complexo. Em nossa vizinhança, a fofoca se espalhava mais rápido que o vento.

Amerley-mami tirou o maço, contou quarenta notas e colocou-as em minhas mãos.

— Entregue isso para ele. E diga que não me sinto bem.

Saí para dar o dinheiro a Nuumo, que o contou rapidamente e foi embora. Fiquei feliz em vê-lo partir e muito aliviada por não precisarmos nos preocupar com o aluguel por mais um ano e nove meses. Quando voltei para dentro, Amerley-mami tinha contado mais algumas notas e as entregado a Amorkor.

— Amanhã, você e Tsotsoo vão para a escola. Entregue esse dinheiro ao professor Mensah. Peça a ele para pagar suas taxas amanhã. Vai agora, antes que outras pessoas venham receber o que devo.

Amarkai e Amorkor deixaram o quarto juntas. O professor Mensah morava no bairro de Madame Fosua. Ele era o diretor-assistente da escola. Quando minhas irmãs partiram, percebi que a nuvem de medo e o peso que pairava sobre mim desde janeiro tinham sumido. Tinham desaparecido completamente.

Ela olhou para mim.

— O que vamos jantar?

Tentei esconder minha decepção. Esperava que Amerley-mami

pagasse o custo do aprendizado com a costureira para que eu pudesse começar também. Ela ainda tinha muito dinheiro nas mãos.

— O que vamos jantar? — repetiu.

Ela não perguntava sobre nossa comida desde que Ataa foi embora. Talvez fosse ver a senhora e pagasse a conta ela mesma.

— *Kenkey*.

Ela fez uma careta e perguntou:

— Quanto devemos a Ofoe-mami?

Falei a quantia.

Ela me entregou uma nota de vinte cedis.

— Vá pagar aquela mulher antes que ela venha bater à nossa porta. Pegue o troco e junte com o que tia Rosina lhe deu. Estou com vontade de *domêdo* com arroz. Compre malte para você e suas irmãs com o que sobrar.

Tsotsoo engasgou e abriu bem a boca. Pela primeira vez ela se esqueceu de cobrir a boca e eu vi a gengiva de onde seus dentes da frente caíram. O local estava avermelhado. Seus olhos brilharam ao se imaginar bebendo uma garrafa inteira de Malta Guinness¹¹. Antigamente, as únicas vezes em que garrafas de Malta Guinness eram abertas em nossa casa eram quando Amerley-mami e Ataa recebiam visitas importantes e nos mandavam comprar a bebida para eles. Só podíamos provar se as visitas tivessem a gentileza de deixar alguns resíduos nos copos.

— Posso comer um pouco de *kelewele* também? — Tsotsoo perguntou com a boca ainda descoberta.

— Você pode comer o que quiser — disse Amerley-mami, sorrindo.

Apesar de não saber como seria o destino do meu aprendizado, não consegui tirar o sorriso do rosto. Senti como se o Natal tivesse chegado em abril enquanto eu praticamente corria para a feira noturna. Então essa era a sensação de não ter que se preocupar com nada. Eu me senti mais leve. Tinha certeza de que, se tivesse me pesado antes de tia Rosina aparecer e se me pesasse agora, haveria uma diferença significativa. Senti como se estivesse flutuando. Adorei essa sensação e esperava que durasse para sempre. Tsotsoo estava em meus pés puxando seu *short* para cima enquanto me seguia. Fiz uma nota mental

para comprar um elástico e costurá-lo. O sorriso em seu rosto era algo que eu nunca esqueceria. Tenho certeza de que mesmo se ela visse cem lagartos, não conseguiria manter a boca fechada. Ela estava praticamente brilhando.

Fizemos nosso caminho para a feira noturna, que era o que parte da estação de *trotro* se tornava após o pôr do sol. À noite, as pessoas montavam suas barracas de madeira em um canto da estação e vendiam todo tipo de comida direto do fogo. Era um mercado ao ar livre para pedestres, com espaço para uma pessoa de cada vez caminhar entre as barracas. Lanternas de querosene e lâmpadas elétricas individuais forneciam a luz. Bancos, cadeiras de plástico e tigelas com água para lavar as mãos eram fornecidas aos clientes. O ar estava repleto de cheiros de diferentes comidas. A música tocava nos alto-falantes que tinham sido colocados em frente a uma barraca que vendia CDs e DVDs.

Acenamos para Sheba, que estava vendendo água potável perto da barraca de inhame e *chofi*. Senti o cheiro de peru frito, mas desviei o olhar da peneira com a carne disposta — isso só abriria meu apetite ainda mais. O óleo chiava quando o vendedor colocava pedaços de inhame descascado na panela quente. Não fomos nem mesmo dissuadidas pelo cheiro de ovos fritos vindo da vendedora de chá. Não conseguia me lembrar da última vez que comi um ovo. Além do chá Milo e do chá Lipton, ela agora também oferecia chá de moringa. Ignoramos os cheiros tentadores de *banku* e sopa de quiabo quando passamos pela barraca de Daavi. Vimos caranguejos, *wele* e pedaços de carne flutuando na sopa, mas continuamos caminhando. Ao lado do Daavi estava sua filha, que grelhava tilápias grandes e gordas em uma panela de carvão. Vendedoras ambulantes, como Sheba, caminhavam entre as barracas e vendiam de tudo, desde chicletes e frutas até bebidas geladas.

Ofoe-mami fez uma cara feia ao me ver se aproximando.

— Com esse negócio de fiado, *deE*, não espanta que meu negócio não vá para a frente! Vocês acham que eu arranco as folhas das árvores para pagar o milho que compro no mercado?

Eu a cumprimentei e paguei o que devíamos. Ela pegou o dinheiro, me deu o troco e enfiou o resto no sutiã. Um enorme sorriso estampava seu rosto quando me perguntou:

— Ei, Amerley, seu pai está de volta?

Neguei com a cabeça.

— Então onde...

Antes que ela pudesse continuar, uma cliente parou em frente à bandeja de madeira na qual tinha empilhado os peixes fritos.

— Por favor, quanto é este? — a mulher perguntou. Tinha amarrado um tecido ao redor do corpo. As alças do sutiã apareciam acima do tecido. Ela usava *charley-wotes* que não serviam direito em seus pés.

— Cinco cedis — respondeu Ofoe-mami.

— Ei — a mulher disse e foi embora.

— ***Bo diɛɲtse kwɛmɔ!*** Se você sabe que não vai comprar, por que vem e desperdiça meu tempo? — Ofoe-mami gritou para a mulher que se afastava.

A mulher se virou e gritou:

— Você está falando comigo? Quando se tornou um crime neste país perguntar o preço de alguma coisa?

Ofoe-mami apertou o próprio tecido em volta da cintura e saiu pisando duro na direção da mulher. Puxei a mão de Tsotsoo. Não queria que fôssemos pegas na briga. Atravessamos as barracas bem lotadas até os vendedores de *domɛdo* e arroz. Comprei arroz cozido e cheiroso para cada uma de nós. Ela distribuiu habilmente em sacos plásticos. Depois serviu o ensopado. Ficou desapontada quando eu disse que não compraria carne ou peixe para acompanhar o arroz. Tsotsoo e eu praticamente corremos para a barraca *Pork-show*. A gordura da carne de porco chiou quando atingiu o carvão sob a grelha. A fumaça preta subiu e banhou a carne. Era o que dava à carne seu sabor delicioso. Encomendei alguns e pedi à vendedora que colocasse mais pimenta quando virasse a carne na grelha.

Nós nos juntamos a uma pequena fila na barraca da vendedora de *kelewele*. Finalmente, chegou a nossa vez e comprei algumas bananas-da-terra fritas com especiarias e amendoins fritos. Usei o troco para comprar três garrafas de Malta Guinness geladas.

8. Em tradução literal, *Graduados da prisão*. É uma peça satírica e política, em quatro atos, ambientada em Gana. Fala de questões sérias, mas com um tom leve. Efo Kodjo Mawugbe foi um dos pioneiros na dramaturgia ganense. Nascido em 21 de abril de 1954, em Kumasi, Gana, foi um autor prolífico de mais de vinte peças, centenas de artigos (publicados sob o pseudônimo

feminino Araba Kwesemah Season no tabloide *The Mirror*) e do romance *My Father's Song* [*A canção de meu pai*]. Faleceu em 14 de setembro de 2011, em Gana.

9. Em Gana, o Papai Noel é chamado de Papa Bronya. Essa figura normalmente é representada usando sandálias, uma túnica vermelha com detalhes dourados e uma faixa com padrão africano tradicional.

10. Expressão utilizada para pessoas indiscretas, fofoqueiras.

11. É uma bebida doce, não alcoólica, feita de malte e muito comum em Gana.



Naquela noite, depois de nosso banquete de arroz, *domêdo* e *kelewêle* regado com Malta Guinness, Amerley-mami me pediu para ficar enquanto minhas irmãs foram assistir à série *Efiewura*¹² na TV de Kofi-papa. Ela estava indo ao banheiro. Amorkor já tinha deixado um balde de água para ela. Notei que o balde de metal precisava de uma limpeza e disse a Amorkor para fazer isso no dia seguinte com folhas de mamão, cinzas e suco de limão. Ela resmungou, mas eu sabia que faria. Amerley-mami tinha a toalha enrolada em volta do corpo. Segurou o balde que compartilhávamos e sua esponja vermelha em uma das mãos. Na outra, segurava a bola de *alata samina* que usávamos para tomar banho.

— Arrume o quarto — ela disse enquanto saía.

— Amerley-mami, faça isso quando voltar — resmunguei.

— Faça isso agora e não saia. Quero falar com você.

Enquanto ela tomava banho, arrumei nosso quarto. Eu tinha certeza de que ela ia falar comigo sobre meu aprendizado. Tinha certeza de que ia me dar um sermão sobre como eu deveria me aplicar e aprender tudo o que pudesse, e não ser preguiçosa para não desperdiçar o dinheiro que ela estava gastando comigo. Peguei as roupas sujas das minhas irmãs e as enfiei na bacia. Teríamos que ir lavá-las na praia no dia seguinte. Esvaziei o penico no esgoto atrás de nossa casa e varri as cinzas dos mosquiteiros.

Não tinha muito o que fazer com as cortinas. Nós as lavávamos uma vez por ano na época do Natal, quando também lavávamos os mosquiteiros. Eu ainda estava resmungando quando Amerley-mami voltou do banho com um cheiro fresco e agradável. O cheiro de limão da *alata samina* encheu a sala. Ela derramou um pouco de talco nas mãos e espalhou no pescoço, entre os seios e nas axilas.

— Não precisa resmungar tanto. Pedi para você ficar porque quero falar com você — ela disse enquanto me entregava a toalha surrada que compartilhamos. Peguei a toalha e a coloquei junto às roupas sujas na bacia.

Eu conhecia minha mãe o suficiente para saber que ela não se apressaria. O que quer que tivesse a dizer, diria em seu próprio tempo. Ela tirou o lençol da cama e o jogou na bacia. Acho que não era trocado fazia uns seis meses. Olhou em sua mala e tirou outro lençol. Tinha listras azuis e brancas, e ela só usava quando Ataa estava em casa. Olhei para ela com surpresa.

— Teremos algumas mudanças por aqui — disse enquanto dobrava os cantos ao redor do colchão. Fui para o lado oposto da cama e ajeitei o lençol embaixo do colchão. Depois, endireitamos os cantos até que as listras azuis e brancas corressem paralelas à cabeceira. Ela tirou uma serpentina para mosquitos da caixa, colocou-a no suporte de metal e acendeu.

— Venha, sente-se ao meu lado — disse, indicando um espaço na cama recém-feita.

Olhei para as roupas sujas que estava vestindo, para a sujeira no meu corpo e depois para a cama arrumada.

— É só um lençol. Venha e sente-se.

Sentei-me ao lado dela.

— Rosina quer que você more com ela e a ajude nas tarefas domésticas.

Meu coração caiu no meu estômago. Olhei para a ponta vermelha e brilhante da serpentina para mosquitos.

— Achei que você fosse ficar animada.

Eu não conseguia olhar para ela. Senti as lágrimas arderem no fundo dos meus olhos.

— Achei que a senhora fosse falar comigo sobre o aprendizado. Achei que me daria o dinheiro para pagar a madame.

— Agora vem a parte boa — disse Amerley-mami, pegando minha mão. — Contei a Rosina que você quer ser costureira. Ela pediu que você trabalhe para ela por dois anos e, passado esse tempo, ela vai matricular você em uma dessas grandes escolas de moda. Não é

fantástico? Ela me disse que essas pessoas costuram roupas para todas as mulheres importantes deste país. Você vai aprender muito mais lá do que jamais poderia aprender com essa mulher que tem a loja em um contêiner.

Eu não sabia o que sentir. Por um lado, estava emocionada com a perspectiva de ir para uma escola de moda mais prestigiosa, mas, por outro, tinha medo de sair de casa. Nunca havia saído de casa. Nunca. Nem por uma noite.

— Então ela quer que eu seja a empregada dela?

— Não, não, não uma empregada. Como você pode dizer isso? Somos praticamente parentes, eu a conheço desde criança. A tataravó dela e a avó de Awo eram cunhadas. Ela é sua tia. Além disso, ela já tem duas empregadas, então acho que não vai sobrar muito trabalho para você.

— Mas...

— Olhe, eu não vou mentir para você. Não tenho nada para lhe dar, nem para suas irmãs. E seu pai... só Deus sabe onde ele está. Esta é sua chance de deixar este lugar e ser alguém na vida.

Continuei observando a ponta brilhante da serpentina para mosquitos enquanto mil e um pensamentos passavam pela minha cabeça. O que minha mãe estava dizendo era verdade. Toda a minha vida eu quis ser costureira. Ontem, quando passara na barraca de Ofoe-mami para comprar *kenkey* a crédito, um manequim na loja de contêiner vestia uma *kaba* que tinha mangas de renda e babados no pescoço. Reconheci o estilo. Era algo que Akushika Acquaye¹³ tinha usado duas semanas antes, enquanto dava as notícias. No segundo manequim havia um cafetã rosa. Uma linha branca e brilhante foi usada no bordado. Era muito bonito.

— Ela só quer nos ajudar — disse Amerley-mami.

— Então por que ela não pode me pagar para ser uma aprendiz aqui, como dr. Lutterodt faz por Amarkai? Por que tenho que trabalhar para ela por dois anos?

— Ela concordou em pagar as taxas escolares de Amarkai e Tsotsoo pelos próximos dois anos e me dar algum dinheiro em troca de seus serviços.

Comecei a chorar. Como ela concordou com isso sem me perguntar?

Como elas combinaram tudo entre si, como se eu fosse uma cabra sendo negociada no mercado? Por que ela não me perguntou se eu queria ir? Eu não tinha medo do trabalho. Podia cozinhar, limpar, varrer, lavar, esfregar e capinar enquanto dormia. Mas tinha medo de que tudo o que eu queria para mim desaparecesse se concordasse em ser empregada de tia Rosina. Amerley-mami ficaria feliz com as taxas de Amorkor e Tsotsoo sendo pagas por apenas dois anos? E se mais tarde elas decidissem entre si que eu trabalharia para tia Rosina durante os estudos de Amorkor e Tsotsoo? E se tia Rosina decidisse que não queria mais me mandar para a escola de moda? Quanto mais eu pensava nessas coisas, mais eu chorava. A leveza que senti mais cedo naquela noite tinha desaparecido havia muito tempo. O peso estava de volta. Sei que ela não tinha feito nada para justificar minha desconfiança, mas eu não confiava em tia Rosina. E confiava ainda menos em minha mãe.

— Olhe para mim, Amerley, olhe para mim. Não estou trabalhando, de onde vou tirar o dinheiro para continuar pagando o aluguel, para continuar alimentando e vestindo você e suas irmãs? Se Rosina não tivesse vindo hoje, estaríamos nas ruas no final do mês. Quanto a esse seu pai, *deε*, quanto menos se falar dele, melhor!

Chorei ainda mais.

Amerley-mami estava ficando nervosa.

— Amerley, por que você é tão ingrata? Tem noção de quantas garotas trocariam de lugar com você felizes da vida? Sabe quantas oportunidades vai ter? Esta é a sua chance de ser alguém na vida e fica aqui chorando! Quer acabar igual a mim? Não tem nada aqui para você, nada para você nem para suas irmãs. Se não for embora agora, a próxima coisa que vai acontecer é ficar grávida, ou acha que eu não sei de você e Nikoi? Quer acabar igual a Sheba?

Fiquei ofendida com isso. Devido à situação *dumsor dumsor* com a eletricidade, o negócio de água potável de Sheba não estava indo muito bem. O fornecimento de energia era irregular e todos do setor de alimentos congelados reclamavam. Mas, nos últimos meses, Sheba ajudou a alimentar minhas irmãs e a mim enquanto minha mãe estava deitada na cama. A única razão pela qual eu não estava fazendo a mesma coisa que Sheba era porque sabia que ela acabaria como minha mãe, dependendo de seu homem para o sustento diário. Eu queria mais do que isso para mim. Muito mais do que isso. E Nikoi? Como ela

ousava julgar Nikoi? Ela não sabia o que ele tinha feito por nós?

— Não fale assim de Nikoi. Ele pagou nosso aluguel e está economizando para me comprar uma máquina de costura — eu disse, minha perturbação e decepção dando lugar à raiva.

— É como dizem: “Se um homem nu diz que vai te dar roupas, você tem que perguntar qual é o nome dele”.

Revirei os olhos. Não achei que esta fosse a hora de ela citar provérbios locais.

— Mas Amerley-mami, é verdade. Se não fosse pelo dinheiro que ele deu, Nuumo teria nos expulsado em janeiro.

— Se ele tem dinheiro para gastar, deve cuidar da família dele.

É verdade que a família de Nikoi não era melhor que a nossa, mas isso não dava a Amerley-mami o direito de falar dele desse jeito. Nikoi podia não cumprir os critérios dela como um namorado adequado para mim, mas ela perdeu o direito de reclamar quando deixou de ser uma mãe responsável. Nikoi era um homem honesto, trabalhava duro como *mate* e, se não fosse por ele, estaríamos dormindo na varanda de Sheba.

— E o jeito que a senhora cuidou da gente nos últimos meses? Ele está me dando dinheiro para nos alimentar enquanto você fica deitada na cama fingindo estar doente.

Quando dei por mim, uma dor latejava na minha bochecha esquerda, e eu estava esparramada na cama de Amerley-mami. Eu nem tinha visto ela levantar a mão. Senti o gosto de sangue na boca e não sabia de onde vinha. Se da bochecha ou da língua.

Ela estava furiosa. Sua respiração saía em jorros e suas narinas estavam dilatadas.

— Você acha que pode me insultar por causa daquelas notas sujas que ele dá para você, *é*? E o que você dá para ele em troca? Ele está comprando uma máquina de costura e lhe dando algumas notas miseráveis em troca de quê? De seu corpo? Você se tornou uma *ashawo*?

Mantive a palma da mão na minha bochecha e não disse nada enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— *Oh!* — Os gritos de decepção aumentavam do lado de fora do nosso cômodo enquanto estávamos todos mergulhados na escuridão.

Os apagões eram quase tão frequentes quanto a falta de água. Não deveríamos ficar surpresos com isso, mas ainda gritávamos sempre que as luzes se apagavam.

— Enxugue suas lágrimas antes que suas irmãs voltem e se prepare para ir embora no sábado — disse Amerley-mami enquanto riscava um fósforo para acender uma vela.

Eu sabia que esta era a última vez que teríamos essa discussão. Minha mãe tinha encontrado uma maneira de ganhar dinheiro para si mesma, de ser independente do marido, e não estava disposta a desistir. Eu era sua passagem para fora da pobreza. Afastei os móveis e estendi os colchões. Deitei e fingi dormir quando minhas irmãs entraram, mas minha mente estava girando. Se eu não aceitasse a oferta de tia Rosina, não demoraria muito para que voltássemos ao ponto de partida — lutando pelo dinheiro do aluguel, pelas taxas escolares e por nossa manutenção básica. E se tia Rosina fosse confiável? E se ela cumprisse sua palavra e me matriculasse naquela escola de moda? Eu estava prestes a jogar fora uma oportunidade de ouro? Queria passar o resto da vida sendo responsável por minhas irmãs?

— Essa companhia de eletricidade, *paa*, esperam a hora da *Efiewura* para desligar a energia — disse Amarkai, vestindo uma camiseta. Mais tarde, durante a noite, ficava muito quente para usar nossas camisolas de algodão.

Ouvi a cama de Amerley-mami ranger quando Amarkai e Tsotsoo subiram nela.

— Amerley-mami, posso usar a vela? — perguntou Amorkor.

— Você vai ler nessa escuridão? Vai estragar seus olhos. Vá dormir — disse Amerley-mami enquanto abria as janelas com uma tábua de madeira.

Amerley-mami puxou o mosquiteiro e o enrolou no colchão. Acendeu outra serpentina para mosquitos e a colocou entre o colchão de Amorkor e o meu. Então, apagou a vela e deitou ao lado de Amarkai e Tsotsoo.

Amorkor, deitada ao meu lado, puxou o lençol sobre a cabeça e fingiu dormir também.

Fiquei deitada ouvindo os sons da noite enquanto minha família adormecia. Tsotsoo foi a primeira. Depois Amarkai. E, finalmente,

Amerley-mami. Quando Amorkor teve certeza de que minha mãe estava dormindo, saiu da cama, procurou a vela no escuro e acendeu um fósforo.

Ela pegou seu livro com uma das mãos e, com a outra, segurou a vela. Fiquei olhando para o outro lado, observando as chamas tremulantes que lançavam sombras escuras na parede. Cerca de uma hora depois, Amarkor apagou a vela, cobriu a cabeça com o lençol e adormeceu em minutos.

Eu não conseguia dormir, e não era apenas por causa do calor sufocante. A janela aberta mal deixava entrar ar. A casa que ficava bem na frente da nossa bloqueava a brisa que vinha do mar. Tsotsoo murmurou em seu sono e jogou um braço sobre Amarkai. Amorkor bateu em um mosquito e se virou.

Levantei do colchão. Embora estivesse escuro como breu, eu sabia o caminho. Meu colchão ficava ao lado de uma das poltronas. Segurei-a enquanto saía do colchão e tateava em direção à superfície áspera da mesinha. De lá, foram três passos até a porta da frente. Estendi minha mão e a abaixei até a altura do quadril, onde meus dedos viajaram ao longo de seu comprimento até sentir a maçaneta e a fechadura. De pouquinho em pouquinho, virei a chave na fechadura e abri a porta. A diferença de temperatura foi marcante. A brisa do ar frio secou as gotas de suor no meu corpo.

O complexo estava silencioso. Algumas das crianças mais velhas dos cômodos ao redor tinham estendido esteiras sob os cajueiros e as árvores nim e dormiam profundamente. Um dos cães do senhorio ergueu a cabeça quando saí do quarto. Quando percebeu que era eu e não Amarkai, sua cauda caiu e ele voltou a dormir. Saí do complexo e passei pela área de cozinha, onde outra cachorra estava com o nariz em uma das cestas que continham nossos utensílios. Eu a mandei embora. Mesmo se a deixasse, ela não encontraria nada além de *gari*.

Dava para ouvir as ondas antes mesmo de chegar ao mar. Escolhi o caminho que me manteria longe das rochas. Passei pelo trecho de praia onde os pescadores guardavam suas canoas e segui até um barraco abandonado onde moravam alguns dos homens da região. Eu me perguntei se Nikoi estava dormindo ou se tinha saído com seus amigos. Uma luz cintilou no galpão. Rastejei em direção à porta aberta e olhei.

Do lado de dentro, uma música *hiplife* tocava no telefone de alguém.

Um lampião de querosene estava em cima de uma caixa virada. Ele lançava um brilho opaco na sala e uma fumaça preta e grossa saía de lá. Eu duvidava que alguém aparasse os pavios. Algumas pessoas estavam dormindo em esteiras. As garotas estavam abraçadas com seus namorados. Dois rapazes estavam amontoados em um canto, dividindo um cigarro e discutindo sobre uma partida de futebol. Ao redor de seus pés havia pedaços de cana-de-açúcar mastigados. O quarto cheirava a suor rançoso, cerveja barata e cigarro.

— Ei, Amerley, entre e dê um oi — um dos rapazes gritou. Ele estava de camiseta e *short*. Um curativo sujo estava amarrado em seu joelho esquerdo. Mesmo de perto da porta consegui ver que lhe faltava um dente da frente. E que o dente ao lado da abertura tinha ficado marrom.

Caminhei na ponta dos pés pela massa emaranhada de corpos e algumas vezes tive que passar por cima das pessoas quando me aproximava de onde estavam sentadas.

— Boa noite, Tsina — eu disse e apertei sua mão. Não sabia o nome do outro homem. Fiz um sinal com a cabeça em sua direção e ele me cumprimentou de volta. Tsina era o namorado vai e volta de Sheba. Ele também era o pai de seu bebê que estava para nascer. Eles estavam na fase vai. Tsina sempre quis ser boxeador e treinava muito duro para isso. Quando tinha dezesseis anos, entrou em uma competição de boxe juvenil em Bukom. Infelizmente, para ele, foi nocauteado no terceiro *round* por um garoto de quinze anos. Foi nessa mesma luta que perdeu o dente da frente. Às vezes, quando ele ria e jogava a cabeça para trás, dava para ver pedaços da raiz quebrada na gengiva. Em algumas ocasiões, a gengiva ao redor ficava inchada e saía água suja.

Uma lesão no joelho, resultado de uma queda no ringue em outra luta, acabou com suas ambições de ser lutador de boxe. Agora, ele era puxador de carroça se não tivesse outro trabalho para fazer.

— Ei, *lai momo*. Então, se eu não a chamo, você não me chama, é? Sorri.

— Estou ocupada. Você sabe que minha mãe não está bem.

— Ocupada com o quê? Mas você sempre arranja tempo para Nikoi. Sorri novamente.

— Cadê ele? — Só de ouvir seu nome meu coração começou a bater mais rápido.

Tsina levantou os ombros.

— Onde mais?

Agradei e saí do casebre.

Eu adorava a praia à noite. Adorava a serenidade e a calma que sentia quando andava por lá, e adorava também porque havia menos pessoas. Ao me aproximar do coqueiral, ouvi o suave dedilhar de um violão. Meus pés aceleraram por vontade própria. Distingui a silhueta de uma pessoa sentada ao pé de uma das árvores. Um pedaço de cigarro aceso estava preso em seus lábios.

Deslizei para baixo da árvore e me sentei ao seu lado. Tirei o cigarro de sua boca e o esmaguei na areia. Não queria morrer de câncer de pulmão por causa de cigarros que nem fumava. Apoiei minha cabeça em seu ombro e toda a angústia que estava sentindo no coração flutuou com as notas que ele dedilhava. Ele tocou por mais alguns minutos antes de pôr o violão de lado e me puxar para perto dele.

— Achei que você não viria — disse ele.

— Não consegui fugir.

Enrolei a corrente de ouro que ele usava no pescoço no meu dedo.

— Mas as luzes se apagaram horas atrás.

— Amorkor estava lendo.

— Ei, essa é sua irmã viciada em livros! Tenho certeza de que, se fosse do jeito dela, teríamos vinte e três horas de sol e apenas uma hora de escuridão para que ela pudesse ler o dia todo.

Sorri e me aconcheguei mais perto dele.

— Ouvi dizer que você recebeu uma visita muito importante hoje.

Suspirei. Alguém não tinha ouvido falar da visita de tia Rosina?

— Ela é parente da minha mãe. Suas bisavós eram sogras ou algo assim.

— Não sabia que você conhecia pessoas importantes.

— Eu não sabia que ela existia até hoje.

— Ouvi dizer que sua mãe pagou todo o aluguel e as taxas de suas irmãs.

Suspirei de novo. Quantas “bocas de *okro*” havia naquele complexo? Tenho certeza de que a visita de tia Rosina serviu de alimento para todas

as fofocas do bairro.

— Sim.

Nikoi me afastou. Olhei para baixo, mas ele levantou meu queixo e à luz da lua olhou nos meus olhos. Ele me conhecia bem o suficiente para saber que eu estava preocupada.

— Amerley, qual é o problema?

Minha garganta doía e senti as lágrimas brotando em meus olhos.

— Tudo.

Afundi meu rosto em seu ombro e contei tudo o que aconteceu.

— Você vai embora?

— Eu não tenho escolha!

— Podemos fugir.

— Para onde? Para onde iríamos? Não tenho dinheiro e não quero ser uma *kayayo*. — Todos sabiam que a vida das carregadoras de bacia era dura.

Deitamos juntos na areia fria. Nikoi acariciou meu braço distraidamente. Seus pensamentos estavam a quilômetros de distância, e eu quase ouvi as rodas em sua cabeça girando enquanto ele pesava os prós e os contras de minhas opções.

— Talvez não seja ruim — disse ele, finalmente.

Olhei para ele com meus olhos cheios de lágrimas.

— O que você quer dizer?

— Não dizem que depois da tempestade vem a bonança? Eu acho que você deveria ir.

— O quê? Você está louco?

— Amerley, pense assim: você trabalha para ela por dois anos e, depois, ela matricula você em uma prestigiada escola de moda, com todas as despesas pagas. É muito melhor do que trabalhar com aquela madame muito conhecida na outra rua. Ela é orgulhosa, age como se soubesse de tudo e menospreza todo mundo.

— Nikoi, qual é o seu problema?

Tirei sua mão do meu ombro e me afastei quando ele tentou me tocar.

— Amerley, levei quase um ano para economizar o dinheiro que lhe

dei. Quando vamos terminar de comprar as coisas dessa lista? Quando vou conseguir economizar dinheiro suficiente para comprar meu próprio táxi? E vamos lá, nós dois sabemos que aquela madame não sabe tanto de costura quanto finge. Ela só é especialista em *slit* e *kaba*. Já ouvi pessoas dizendo que se entregar desenhos de uma revista ou de um catálogo, ela simplesmente estraga tudo. No mês passado, ela teve que reembolsar o custo de um vestido de noiva para uma de suas clientes. Você realmente quer ser assim ou quer ser uma especialista em todos os tipos de roupas: ternos femininos, vestidos, trajes de gala, vestidos de noiva, o que estiver na moda?

— Não acredito que você está dizendo isso.

Ele acariciou minha bochecha.

— Estou olhando para a frente, Amerley. Se essa mulher acolhe você, paga as taxas das suas irmãs, elas vão para a escola, fazem algo por si mesmas e se tornam independentes. Se você ficar, elas vão continuar sendo sua responsabilidade pelo resto de nossas vidas e vamos acabar como nossos pais: mal conseguindo sobreviver, vivendo com uma mão na frente e outra atrás todo mês, sempre nos preocupando com contas e de onde vai vir nossa próxima refeição. Estou cansado de viver assim.

— Sinto muito que você tenha que se preocupar comigo e com minhas irmãs. Não somos sua responsabilidade.

— Pare com essa conversa boba. Você é minha namorada. Se eu não cuidar de você, quem vai? Além disso, é só por dois anos. Quando terminar, devo ter meu próprio táxi. Não me importo se for de segunda mão. Vou trabalhar dia e noite para garantir que não precisemos implorar nada a ninguém.

— Mas e se a tia não fizer o que diz? E se ela não me matricular naquela escola de moda?

— Mas e se ela matricular?

Ficamos quietos e comecei a pensar em todas aquelas coisas.

— Ela deu dinheiro para Amerley-mami começar seu próprio negócio.

— Sim. Você já me contou.

— Você acha que Amerley-mami vai fazer um bom negócio?

— Bem, ela estava melhor. Acho que ela não vai ter uma

oportunidade como essa de novo.

— Além disso, pagamos o aluguel pelo próximo ano e meio, para ela não ter grandes despesas por algum tempo. Acho que se ela se dedicar, pode começar a ganhar algum dinheiro.

Nikoi assentiu com a cabeça e eu continuei organizando meus pensamentos.

— Vou fazer isso, então — eu disse, finalmente. — Vou passar dois anos na casa de tia Rosina. Se ela me matricular na escola, será um bônus. Se não, eu volto. Você vai ter economizado o suficiente para meu aprendizado com a madame, né?

— Sim.

— E se Amerley-mami cuidar bem dos negócios, minhas irmãs não serão mais minha responsabilidade. A única coisa em que eu teria que pensar seria em nós.

— Exatamente — disse Nikoi, me puxando para um abraço.

Embora eu tivesse dito isso como se tivesse tudo planejado, ainda estava com medo. Só de pensar, meu coração batia mais rápido, eu estava ansiosa. Como sobreviveria dois anos sem minhas irmãs, sem Sheba e sem Nikoi?

— Vou sentir saudade — sussurrei.

Um arrepio percorreu meu corpo, mas não tinha nada a ver com o clima.

Nikoi pensou que eu estava com frio, me puxou para mais perto dele e seu calor me aqueceu.

— Também vou sentir saudade, mas você vai estar em Acra. East Legon não fica na região Norte. Fica só a uma hora de carro.

— Mas eu não vou ver você todas as noites.

— Vou sentir falta disso, de sentar e conversar com você — ele sussurrou enquanto sua mão deslizava por baixo da minha blusa.

Embora minha pele formigasse e eu sentisse arrepios percorrendo minha espinha, empurrei sua mão para longe.

Ele suspirou.

— Amerley, você vai embora sábado.

— Eu já disse que não vou fazer sexo até me casar.

— Sim, eu sei. — Ele suspirou e me puxou de volta para seu abraço.

— Você vai me esperar?

— O que você quer dizer? — ele perguntou.

— Tem outras garotas que...

Ele riu.

— Eu que deveria perguntar isso. Você vai para East Legon e vai conhecer caras que têm tanto dinheiro que nem sabem o que fazer com ele. Eu que deveria estar preocupado de você não querer voltar.

— Vou voltar, prometo.

Ele me beijou.

— Eu sei que vai. E eu vou estar esperando você.

— Toca alguma coisa para mim? — pedi, me aconchegando.

Ele pegou o violão e começou a dedilhar. Adormeci em seus braços ouvindo-o tocar o refrão de “Candyman”, da Raquel. Ele me acordou pouco antes de amanhecer e me levou para casa. Voltei para o quarto e dormi. Eu não estava mais com medo de ir embora. Daria tudo certo e Nikoi ainda estaria esperando por mim quando eu voltasse.

12. É um popular seriado de televisão ganense que vai ao ar na TV3 Ghana. Ele se concentra em mostrar como os senhorios tratam os inquilinos e a relação existente entre os inquilinos. Começou a ser gravada em 2001 e ainda é produzida, tornando-se a série de TV mais duradoura do país.

13. É atualmente editora-chefe na Ghana Broadcasting Company (GBC). Atuou por muitos anos como apresentadora de telejornal na TV ganesa.



sábado amanheceu claro e brilhante. No dia anterior, eu tinha ido com Amerley-mami ao Mercado Makola para comprar os copos e as tigelas de plástico que ela ia vender. Eu ainda não sabia exatamente quanto dinheiro tia Rosina tinha lhe dado, mas ela foi aos atacadistas e comprou quinhentos copos e tigelas de plástico. Não disse uma palavra desde a noite em que me deu um tapa. Ainda doía que ela não usasse parte do dinheiro para meu aprendizado. Ela me comprou três blusas, três saias, três vestidos, um par de sapatos sociais, um par de sandálias e uma toalha. Eram todos *fos*, mas, mesmo tendo sido usados antes, pareciam novos. Ela também comprou cinco calcinhas, três sutiãs, uma esponja e um par de *charley-wotes*. Esses eram novos.

Em casa, minhas irmãs observavam com inveja enquanto eu arrumava as coisas em uma pequena mala de segunda mão. Eu já tinha tomado banho quando elas acordaram. Amerley-mami tinha saído para comprar *koko* e *koose* para elas. Amorkor saiu de fininho para comprar mais açúcar. O açúcar foi amarrado em camadas em um longo saco plástico. Pareciam grandes contas de rosário. Cada uma de nós pegou duas das sacolas amarradas.

— Irmã Amerley, não acredito que você vai embora — disse Amarkai, acariciando uma das blusas.

— Eu venho visitar vocês.

— Você tem tanta sorte — disse Amorkor, esfregando os dentes com o *kotsa* que estava mastigando. — Imagine, você pode conhecer um cara rico e se apaixonar.

Eu bufei.

— Essas coisas só acontecem nos livros. Você acha que caras ricos querem garotas como nós?

— Se você não tiver fé, não acontece. É tipo a história da Cinderela, e

tia Rosina é a fada madrinha. Agora, você só precisa conhecer o príncipe encantado, se apaixonar e viver feliz para sempre — disse Amorkor, batendo palmas de alegria.

Bufei ainda mais alto. Gostava de uma boa história tanto quanto qualquer outra pessoa, mas tinha o bom senso de saber onde os contos de fadas terminavam e o mundo real começava. Amorkor lia tudo — livros, pedaços de jornais em que os vendedores embrulham peixes, inscrições em camisetas, rótulos em garrafas... tudo. Ela leu a Bíblia de cabo a rabo três vezes. Em algumas ocasiões, eu achava que o corpo dela precisava de palavras para viver, assim como o resto de nós precisa de água. Se não tinha nada para ler, ficava mal-humorada. Amorkor tinha oito livros. Ganhou cinco no dia do discurso e entrega de prêmios na escola, um de presente de aniversário, quando Amerley-mami e Ataa estavam em melhores condições, encontrou um ali na rua e roubou um da biblioteca. Ela gostou tanto do *The Jasmine Candle*¹⁴ que o escondeu debaixo da blusa quando ninguém estava olhando e saiu da biblioteca com ele.

Eu gostava de ler também, mas coisas práticas como jornais, a Bíblia, livros didáticos e obras de literatura recomendadas, como *The Blinkards*¹⁵ e *O mercador de Veneza*. Comecei a ler os dois no Ensino Médio, antes de ser mandada para casa por não pagar minhas taxas. Não terminei de ler nenhum deles, mas, do pouco que li, gostei. Já Amorkor lia tudo e qualquer coisa, eram livros sobre príncipes e princesas e histórias bobas como essas que ela adorava.

— Ah, me fala, quem em sã consciência se apaixonaria por uma fera? — perguntei.

Amarkai estava rindo quando disse:

— Ou fala com um espelho e ele responde. Ei, esse é tipo *juju*, o jeito como os *wulomei* olham para uma cabaça de água e veem as coisas.

— *Oyiwa*, conta para ela. Já ser *mami wata* e vir para terra, *deε*, nem vamos falar dessa — eu disse, rindo.

— Bem, falando desse jeito, é um pouco assustador. É verdade que se alguém viesse aqui e mexesse uma varinha e transformasse ratos em cavalos e minha roupa em um vestido glamoroso, eu não ficaria lá conversando com ela — disse Amorkor.

— Não vou mentir, eu provavelmente sairia correndo para uma igreja

e pediria libertação ou algo assim. As pessoas brancas, elas não têm medo de nada? Quero dizer, por que alguém beijaria um cadáver? E se a pessoa voltasse à vida, você ficaria lá assistindo? — perguntei, rindo.

— Irmã Amerley, eu correria ainda mais rápido que o vento — disse Tsotsoo por trás de sua boca coberta.

— Prefiro as histórias do Ananse¹⁶. Não tem *tolis* nessas — disse Amarkai.

— Mas se um príncipe chegasse de cavalo branco dizendo que queria se casar com você e mudasse sua vida para sempre, você não gostaria? — perguntou Amorkor.

— Tire a cabeça das nuvens e pare de sonhar — respondi. — Se alguém vai mudar sua vida, é você. Nenhuma fada madrinha ou príncipe encantado ou tia rica ou qualquer outra pessoa vai fazer isso. Fico feliz que tia Rosina esteja nos ajudando, mas não vai fazer isso para sempre. Vocês, meninas, têm que estudar muito quando forem para a escola. Não esperem que alguém mude suas vidas por vocês. Se não gostam da vida que estão vivendo, vocês mesmas precisam mudá-la.

Minhas irmãs se sentaram aos meus pés e eu sentei na minha mala.

— Você, Amorkor, adora ler e isso é bom, mas precisa amar seus trabalhos escolares do mesmo jeito que ama seus livros de histórias. Daqui a pouco, vão acontecer suas provas. Amarkai, você tem sorte que dr. Lutterodt está lhe pagando uma boa escola, então tem que estudar muito no ano que vem quando começar os anos finais do Ensino Fundamental. Tsotsoo, você tem seis anos e ainda não conhece a tabuada. Se você não aprender isso, não vai ser nada. Vocês não querem ser “grandes” mulheres como tia Rosina e andar em carros elegantes?

Minhas irmãs concordaram.

— Se eu fosse tão rica como tia Rosina, teria uma biblioteca na minha casa, seria maior que o nosso quarto, e eu passaria cada minuto lá dentro — disse Amorkor.

— Mas, irmã Amorkor, você não sairia nem para comer? — Tsotsoo perguntou, com os olhos arregalados e as mãos ainda sobre a boca.

— Não. Eu só leria e leria e leria. Nunca mais sentiria fome.

Amarkai bufou.

— Você cairia morta do lado dos seus livros. Se eu fosse tão rica como

tia Rosina, abriria uma clínica veterinária para pessoas que não podem pagar o tratamento de seus animais.

Consegui visualizar Amarkai fazendo exatamente isto: morrendo de fome enquanto alimentava algum animal sarnento.

— Se eu fosse tia Rosina, comeria bolo e empadas de carne e beberia malte todo dia. Eu nunca mais comeria molho de *gari* ou *kenkey* — disse Tsotsoo.

Continuamos conversando até que ouvimos uma batida na nossa porta. Nikoi espiou através da rede rasgada. Tsotsoo se levantou e correu até ele.

— Irmão Nikoi! — Ela abraçou suas pernas. Ele colocou a mão no bolso e tirou cinco caramelos de leite condensado. Tsotsoo ganhou dois. O resto de nós, um.

Levantei-me da mala e fui com ele para fora do quarto. Não queria que Amerley-mami o encontrasse. Caminhamos de mãos dadas até a praia. No caminho, ele cortou um galho jovem do nim, arrancou a casca e começou a palitar os dentes. Não falamos nada. Não precisamos. Tudo o que precisava ser dito já tinha sido dito. Passamos pela fileira de canoas, pelo casebre em ruínas e pelo coqueiral; teríamos caminhado até a lua.

Quando estávamos fora da vista das pessoas, Nikoi parou e ficou olhando para mim. Tive a sensação de que ele não estava apenas memorizando os detalhes do meu rosto, estava olhando mais profundamente em meus olhos — em minha própria alma. Apesar do calor, estremei.

Ele cuspiu o galho, segurou meu rosto e me beijou. Nikoi tinha me beijado muitas vezes antes, mas desta vez... era diferente de tudo que já experimentei. Era quase como se ele quisesse me possuir, entrar no meu corpo, se tornar eu.

Quando nos separamos, ele enfiou a mão no bolso e tirou um anel. Não era como os que mostravam nas novelas — os tipos com o enorme diamante no meio que brilhava quando pegava os raios do sol. Onde ele teria conseguido o dinheiro para comprar um anel desses? O anel era branco, esculpido em algum tipo de osso. Eu gostaria que fosse de marfim, mas sabia que não era. Já tinha visto milhares deles à venda nas ruas.

— Sei que não é muito. Um dia vou dar um de verdade para você. Eu prometo. Esta não será mais a nossa vida.

Posso não acreditar em contos de fadas, mas aqui estava meu próprio príncipe encantado e eu acreditava em tudo o que ele dizia.

Ele tirou a corrente de ouro do pescoço. Pôs o anel de osso nela e os colocou no meu pescoço. O anel ficou pendurado no vão entre meus seios. Nikoi não precisou dizer nada para eu saber o quanto aquele ato era importante para ele. Girei a corrente no meu dedo. Nunca tinha usado ouro antes. Não sabia as palavras certas para agradecer, então o beijei e deixei que o beijo dissesse tudo o que precisava ser dito.

Uma hora depois, cheguei em casa e encontrei o motorista de tia Rosina me esperando. O rosto de Amerley-mami estava tenso de raiva, mas não me importei. Ela empurrou o saco plástico com mingau e bolos de feijão em minhas mãos. O motorista colocou minha mala no portamalas. Dei um abraço de despedida em cada uma de minhas irmãs. As três estavam chorando. Sheba e Vashti também vieram se despedir. A comitiva de animais de Amarkai estava ao seu lado, farejando suas mãos, esfregando-se em suas pernas, tentando chamar sua atenção.

Amerley-mami enfiou uma nota de dez cedís na minha mão.

— Você não terá outra oportunidade como esta. Não estrague tudo.

Subi no banco da frente ao lado do motorista. Estava tão frio que estremeci. Ele baixou as janelas e desligou o ar-condicionado.

Não olhei para trás enquanto nos afastávamos. Tive medo de pular do carro e voltar para casa. Quando estávamos na estrada da praia, juro que ouvi o dedilhar de um violão acima do rugido do oceano. Não pode ter sido minha imaginação.

Durante a maior parte da viagem para fora de Teshie, minha mente não estava na paisagem, mas em mil lugares diferentes ao mesmo tempo — na praia com Nikoi; na cozinha atrás de nossa casa; em nossa casa de um cômodo; no Centro Veterinário de La — em todos os lugares, menos no carro.

Logo me dei conta de que estávamos em East Legon. Como era possível viver toda a sua vida em uma cidade e nunca ter visto seu outro lado? As casas eram maiores do que qualquer outra que eu já tinha

visto. Os portões e muros tinham o dobro da minha altura. A maioria tinha cerca elétrica. Quase não havia pessoas nas ruas. Apenas um monte de terrenos com janelas escuras, que desapareciam nas casas muradas. Não havia esgotos entupidos, nem *trotros* na rua, nem vendedores ambulantes, nem pedintes.

O motorista parou em frente a um portão. O portão se abriu sozinho. Respirei fundo enquanto ele entrava no complexo. O primeiro dia dos próximos dois anos tinha acabado de começar.

14. Em tradução literal, *A vela de jasmim*, de Christine Botchway.

15. O título completo é *The Blinkards and the Anglo Fanti*, uma peça de Kobina Sekyi, autor ganês que faleceu em 1956. É uma sátira sobre os perigos da imitação cega da cultura inglesa pelo povo Fanti no início do século XX.

16. Ananse é um personagem da cultura popular ganense representado por uma aranha que se comporta como um ser humano. As histórias de Ananse foram transmitidas oralmente e são muito populares em Gana. Elas tratam de costumes, tradição, ética e respeito.



O complexo de tia Rosina era imenso. Não consegui localizar a cerca da parede embora soubesse que existia. Poderíamos encaixar uns quatro complexos de Teshie ali. A grama do jardim era mais verde do que qualquer outra que eu já tinha visto. Todos os tipos de flores e plantas cresciam ao redor do gramado bem cortado. Sebes de hibiscos rosa e laranja e de ixoras vermelhas se alinhavam na entrada frontal da casa. Vasos de flores cheios de rosas, lírios, malmequeres, orquídeas e numerosas plantas de folhas verdes estavam por todo o complexo. Depois do portão, dirigimos por cerca de três minutos antes de chegarmos propriamente à casa. Ela era enorme. Era pintada de creme e marrom. As janelas e portas eram todas marrons. Tijolos decorativos foram colocados em alguns lugares. Trepadeiras — ipomeias, maracujás e uma videira com flores amarelas — cresciam em uma treliça presa a uma parede. Mais plantas pendiam das varandas e dos parapeitos. Não paramos na frente das enormes portas de madeira, fomos para os fundos, para a cozinha.

— Madame vai ver você quando acordar — disse o motorista, que se apresentou como Nii Okai. Era o mesmo motorista que a levou uma semana antes para Teshie. Meus olhos podem ter traído a surpresa que senti. Era quase meio-dia. Quem dormia até o meio-dia?

— Ela tem enxaqueca se acordar antes do meio-dia. Um aviso: nunca, jamais a acorde antes do meio-dia, nem mesmo se houver um terremoto ou um tsunami. Ela nunca vai perdoar você se fizer isso. A última ajudante de casa que fez isso foi demitida.

Um nó se formou no meu estômago. Ela demitiu alguém por acordá-la antes do meio-dia? Que tipo de mulher era essa?

— Vou mandar suas coisas para o alojamento dos empregados. Passe por aquela porta para ir à cozinha. Magajia é a chefe por aqui. Ela vai lhe dizer o que fazer.

Assenti com a cabeça novamente e caminhei até a cozinha. Bati na porta. Não obtive resposta. Bati na porta mais uma vez e esperei. Não havia nenhum som vindo de trás da porta. Tentei a maçaneta. Não estava trancada. Uma rajada de ar frio me atingiu quando entrei. Fiquei ali maravilhada com o tamanho daquela cozinha. Era gigante. Era quatro vezes o tamanho do nosso cômodo em Teshie. A luz do sol entrava pelas janelas abertas e pulava amarelinha nas paredes. As bancadas eram todas de mármore e resplandeciam. Duas geladeiras e um *freezer* muito comprido zumbiam em seus cantos. O fogão — eu nunca tinha visto um fogão assim antes — brilhava. Parecia que tinham acabado de trazê-lo da loja. Em uma das bocas, tinha uma panela com frutos de palmeira fervendo. Havia dois fornos na parede. Também nunca tinha visto nada parecido. Os armários eram tão brilhantes, parecia que tinham acabado de ser lixados e envernizados. Tudo estava limpo. Não havia bacias com talheres e copos ou qualquer coisa desse tipo. Nenhum caldeirão preto cheio de água para amolecer a crosta de *banku* queimada no fundo.

Uma tigela com grandes maçãs vermelhas estava no centro da mesa ao lado de um vaso de girassóis recém-colhidos. As únicas maçãs que já comi eram verdes. Normalmente, recebíamos duas maçãs pequenas por um cedi quando começavam a ficar amarelas e estragar. As únicas flores que tinha visto dentro das casas das pessoas eram as de plástico, e geralmente estavam desbotadas e cobertas de tanta poeira que nem dava para distinguir as cores.

Uma porta aberta levava para fora da cozinha. Eu a cruzei até um corredor. Não entendi como poderia haver tanto espaço sem nada nele. Sem malas, sem latões ou potes de água, sem malas *Ghana-must-go* vermelhas e brancas ou azuis e brancas, nada. Apenas um vasto espaço com pinturas nas paredes. Uma das pinturas era de um movimentado mercado local e mostrava mulheres feirantes com seus largos chapéus de cana sentadas atrás de suas mercadorias. Outra era da praia: uma única canoa com a inscrição *Jeee nyEhe sane* estava amarrada em um coqueiro. Todas as outras pinturas eram de cães — diferentes raças de cães.

Ouvi um som e o segui até uma sala. Uma mulher, mais velha que minha mãe, mas não tão velha quanto Awo, estava arrumando lírios-brancos em uma mesa de centro. Plantas cresciam em vasos por toda a

sala, samambaias e outras plantas muito frondosas. A mulher estava com uma saia preta sem forma e uma camisa branca enorme. Seu cabelo estava trançado com linhas pretas. Ela não usava brincos ou joias. Nos pés, sandálias marrons.

Grandes cadeiras de couro na cor creme estavam dispostas ao redor da mesa. Havia várias velas e estatuetas em uma das prateleiras das paredes. Em outra parede, havia uma pintura das costas de uma mulher nua. Uma terceira parede tinha fotos — algumas eram de tia Rosina e de um homem que presumi ser seu marido. A maioria era de crianças, traçando seu crescimento desde quando eram bebês até o que eu supunha serem suas idades atuais. Havia duas crianças — um menino e uma menina. O menino aparentava ter a mesma idade que eu, dezesseis. A menina aparentava ser mais jovem, talvez doze ou treze. Ela parecia mais jovem que Amorkor, mas mais velha que Amarkai.

— Boa tarde, tia — eu disse.

A mulher deu um gritinho de susto e se virou na minha direção.

— Quem é você? Como é que entrou aqui?

— Meu nome é Amerley. Tia Rosina mandou me buscar. Nii Okai disse que eu podia entrar.

— Nii Okai lhe disse que podia entrar e aí você entra. Você não está vendo que o chão ainda está molhado? Olhe a lamaceira que você fez!

Eu me virei para olhar para o que ela estava apontando. Foi só então que notei que o chão tinha acabado de ser limpo. Deixei um rastro de pegadas sujas de sapato que ia do corredor até a sala.

— Pegue esse esfregão e limpe tudo agora mesmo!

Olhei para onde ela apontava. Tinha um esfregão e um balde ali. Eu apenas a encarei.

— Oi, oi? Você é surda? Não me ouviu? O chão não vai se esfregar sozinho, sabia? Pega esse esfregão e começa a trabalhar agora mesmo! E da próxima vez, não use a porta da cozinha. Não quero pessoas como você rondando minha cozinha. Use a porta lateral.

Ela me deixou ali de pé e saiu. Senti as lágrimas picarem a parte de trás dos meus olhos. Eu nem sabia por que queria chorar. Certamente não foi porque ela me pediu para esfregar. Eu poderia fazer coisas muito mais exaustivas do que esfregar. Era só esse seu comportamento

— o jeito que ela falou comigo, como se eu não tivesse dignidade, como se eu não fosse humana.

Limpei a sala, o corredor e a cozinha, depois saí e joguei a água suja no gramado atrás da cozinha. Eu estava lavando o esfregão na torneira externa quando ela apareceu atrás de mim.

— Ei! Quem mandou jogar a água suja na grama? Você não sabe que tem cloro? Sabe o quanto pagamos para essa grama ficar assim? Menina do mato! Você acha que esta é a sua aldeia suja onde pode fazer as coisas de qualquer jeito? Olhe aqui, se...

— Magajia, o que é isso?

Desviei o olhar de Magajia para o garoto alto que apareceu atrás da casa. Ele vestia *short* branco, camisa polo azul, tênis branco e tinha uma raquete de tênis na mão.

— Não é essa a nova garota que acabou de vir para cá? Amerley ou sei lá como ela se chama! Está aqui há menos de dez minutos, mas está me provocando. Sujou a cozinha, o corredor e a sala com lama, e agora veio aqui e derramou água sanitária na grama!

Enquanto ela falava e apontava para o gramado, o garoto olhou para mim e sorriu. Ele colocou um dedo ao lado da cabeça e o girou, indicando que ela era louca. Eu sorri. Magajia se virou e me pegou sorrindo.

— Ah, é? Agora eu sou comediante, é? Isso é engraçado para você. Virei uma comediante! Virei uma cara engraçada, é? Patrão Zaed, avise essa garota, avise, ou não vou ser responsável por minhas ações!

Ela se afastou de nós e saiu pisando duro de volta para a cozinha.

O garoto se virou para mim e me estendeu a mão.

— Sou Zaed. Estou vendo que já conheceu Magajia.

Limpei minhas mãos molhadas na parte de trás da minha saia. Um erro que percebi tarde demais. Quando secasse, teria listras brancas no meu vestido azul.

— Sou Amerley e me desculpe pela grama. Eu não sabia que tinha água sanitária na água.

Ele encolheu os ombros.

— É só grama. Ninguém nem vem aqui. Mas, então, você é a nova garota.

Assenti com a cabeça.

— Magajia era a babá do meu pai. Ela pensa que é Deus por aqui. Meu pai mantém seu emprego porque são meio relacionados. Aquela coisa, o sobrinho da amiga da prima da mãe, o tio da avó...

Eu ri. Era como tia Rosina e eu.

— Não a leve a sério. Cão que ladra não morde.

Assenti com a cabeça. Gostei de Zaed. Ele era engraçado.

Nii Okai apareceu.

— Patrão Zaed, Timothy está pronto para levá-lo.

— Diga a Magajia que dei a Amerley o resto do dia de folga. Então, leve-a para seu quarto e mostre tudo — Zaed disse a Nii Okai.

— Sim, senhor — Nii Okai disse.

— Se não puder fazer isso, peça para Priscilla quando ela voltar.

— Sim, senhor.

Fiquei ali assistindo a um garoto de dezesseis anos instruir alguém que tinha pelo menos vinte.

— Vejo você por aí — disse Zaed.

— Sim, senhor — eu disse. Meu lugar na casa ficou muito nítido para mim.

Nii Okai teve que levar um dos cachorros ao veterinário, então foi Priscilla, a outra ajudante, que me mostrou tudo. Ela entrou com outro motorista justo quando Nii Okai estava saindo com o cachorro.

Priscilla não era tão alta quanto eu, embora tivesse dezenove anos. Era baixa, robusta e usava uma longa trança presa em um rabo de cavalo no alto da cabeça. Vestia uma calça preta elegante e uma blusa branca, as cores do nosso uniforme. Ainda bem que Amerley-mami me comprou uma saia preta e uma blusa branca.

— Ei, então você veio? — ela disse quando saiu do carro. Não esperou que eu respondesse antes de acrescentar: — Me ajude a tirar essas coisas, está bem? — Ela instantaneamente me lembrou de Sheba. Era uma daquelas pessoas que dizem o que está na cabeça.

Priscilla tinha ido ao mercado, mas os tipos de comida que trouxe

me diziam que não era o mesmo tipo onde os comerciantes exibiam suas mercadorias no chão e havia pilhas de lixo na calçada. Magajia não estava na cozinha quando Priscilla e eu desempacotamos as coisas. Havia quatro tipos diferentes de cereais, achocolatado, pacotes de sucos de frutas, sardinhas, linguiças, queijos diversos, leite condensado, carne em conserva, espaguete, arroz, mistura para panquecas... era quase como se Priscilla tivesse entrado em um *shopping* e pegado um pouco de tudo. Só os vegetais e as carnes já eram coisa demais. Eu não sabia metade de seus nomes.

Priscilla riu quando viu o olhar no meu rosto.

— Eu também fiquei assim quando cheguei aqui. Dá para acreditar que isso é só para um mês?

Meus olhos se arregalaram, embora eu não quisesse parecer “do mato”.

Ela riu e começou a guardar as coisas.

— Já conheceu alguém?

— Nii Okai, Magajia e o patrão Zaed.

— Ei, você já conheceu “a inimiga do progresso”? O que ela fez com você?

Narrei o que aconteceu com a água e o esfregão.

— Ela é assim com todos nós, não se importe com ela. Mas Nii Okai é legal. Ele é o motorista da Madame. Já dos outros, não gosto muito deles, não falam comigo e eu não falo com eles.

— Achei que Nii Okai fosse o único motorista.

— Não. Aquele é o Timothy, ele é motorista da srta. Zarrah e o do patrão Zaed. O motorista do sr. Iddrissu é o Abdul. O General dirige sozinho desde que fez dezoito anos e tirou a carteira de motorista.

— Quem é o General?

— O filho adotivo do sr. Iddrissu. Seu nome de verdade é Omar, mas o pai era um general do Exército e morreu quando o General era pequeno, aí o sr. Iddrissu se casou com a mãe dele, mas depois se divorciaram. A mãe também ficou doente e morreu. Nessa época, o sr. Iddrissu já tinha conhecido e se casado com a Madame. O General não tinha parentes, então o sr. Iddrissu adotou ele. Não tem como não ver, ele anda sem camisa para mostrar a tatuagem de leão no peito.

— Eu não sabia que tia Rosina tinha um enteado.

— Só no nome. Ele não ouve nada do que ela fala. Ele é a razão da maioria das ajudantes não ficar aqui. Acho que ele só fica pensando em jeitos de atormentar e fazer que elas desistam, e ouvi dizer que já atacou algumas delas.

— Há quanto tempo você está aqui?

Ela fez uma careta, se concentrando.

— Um ano e quatro meses na próxima semana.

— Por que *você* ficou?

— O salário é bom e realmente não tem muito trabalho aqui. Alguns dos outros lugares em que trabalhei, minha irmã, nem pense em ir. Mas, então, quanto estão pagando para você?

Encolhi os ombros.

— Não sei. Pagaram para minha mãe.

— Ei, então não ficou com nada? Mas é você que vai trabalhar.

Pensei na nota de dez cedis que Amerley-mami tinha enfiado na minha mão.

— Não, nada.

— Humm... Isso é, *deε*, um verdadeiro burro de carga. Por que você tem de trabalhar feito uma condenada enquanto outra pessoa recebe o fruto do seu trabalho?

— Tia Rosina prometeu me matricular em uma escola de moda quando eu terminar aqui. — Priscilla bufou e continuou guardando as coisas. — Além disso, não me importo de trabalhar para minhas irmãs terem uma vida melhor. Vai ser só por dois anos.

— Já eu, o que recebo é meu. A agência fica com dez por cento, mas fico com o restante.

— E sua família?

— O que que tem?

— Eles não ficam com nada?

— Fui eu que implorei, eu que pedi para os meus pais terem filhos de que não podiam cuidar? Na minha família, é cada um por si e Deus por todos. Minha irmã mais nova arranhou um cara bem mais velho que paga as contas dela; um dos meus irmãos é aprendiz de mecânico; e os

dois mais velhos foram para Tarkwa para fazer o *galamsey* há dois anos, ninguém mais ouviu falar deles. Todo mundo avisou para não irem à mina ilegalmente, mas eles seguiram alguns rapazes da minha aldeia e agora ninguém sabe onde estão.

Gostei de Priscilla, mesmo não a conhecendo bem, mas não entendi como ela não se importava com o que acontecia com seus irmãos. Sua irmã mais nova já tinha um namorado bem mais velho? E ela contava isso do jeito que alguém diria que sua irmã mais nova estava no Ensino Médio, como se fosse normal. Era difícil, para mim, entender isso.

— Então a Madame é sua tia mesmo? Ela e sua mãe têm os mesmos pais?

— Não. A avó da minha mãe e a avó da mãe dela eram sogras ou algo assim. Não tenho muita certeza da conexão.

— Eu imploro, se você tem juízo, não a chame de tia Rosina na frente de convidados ou na frente dos filhos dela, especialmente da srta. Zarah.

— Como eles são, a família?

— Ah, o patrão Zaed é normal. Ele até fala comigo de vez em quando. A srta. Zarah é mais ou menos — ela disse, sacudindo a mão para cima e para baixo. — Às vezes ela é muito legal, outras vezes não dá pra acreditar que ela tem só doze anos. E quando eu digo que ela é legal, não quero dizer comigo. Ela finge que sou invisível. Quando cheguei aqui, ela me perguntou qual era o meu nome. Para falar a verdade, nem terminei o quarto ano antes de deixar a escola. Toda a minha vida, todo mundo me chamou de Princilla. Então, quando ela perguntou, eu respondi: “Princilla”. Ela me pediu para soletrar. Eu disse: P-R-I-S-C-I-L-L-A.

Priscilla fez uma pausa e, embora o incidente tivesse ocorrido havia mais de um ano, eu sabia que ela ainda estava ferida.

— Sabe o que aquela garota *nyatse nyatse* me disse?

Fiz que não com a cabeça.

— “Você deve ser mais burra do que parece. Não consegue nem pronunciar seu nome direito.”

Ela balançava a cabeça enquanto falava.

— E o que a mãe dela disse?

Um olhar amargo surgiu em seus olhos.

— A mãe dela? O que ela diria? Você acha que aquela mulher se importa que eu tenha sido humilhada e feita de idiota pela filha?

Se minhas irmãs ou eu falássemos assim com alguém mais velho do que nós, Amerley-mami nos daria uma bofetada.

— Olhe, eu sei que você diz que é parente, mas deixa eu lhe falar a verdade. A Madame não tem controle sobre os filhos. Ela não pode falar o que eles têm que fazer. Se ela faz isso... problemão!

— E o pai deles?

— Que pai? E ele por acaso para por aqui? Ele sai de casa às seis da manhã e volta depois das dez da noite se estiver em Acra, mas, na maioria das vezes, nem está no país. Ele viaja a negócios. É só um caixa eletrônico, dando dinheiro, dinheiro, dinheiro. Aquela srta. Zarah, você devia ver as roupas que ela tem, ela usa uma vez e dá embora. Você tem sorte de ser quase do mesmo tamanho dela, pode conseguir algumas coisas boas.

Olhei para o vestido azul *fos* que eu usava. Naquela manhã, em nosso quarto em Teshie, era bonito e eu vi os olhares de inveja no rosto de minhas irmãs. Porém, parada aqui na opulência da casa dos Iddrissu, dava para ver o que realmente era — um vestido azul desbotado de segunda mão.

— Já a... — Priscilla começou a dizer, mas Magajia escolheu aquele momento para entrar na cozinha.

— Sempre fofocando! Sempre fofocando e mesmo assim se pergunta por que não progride na vida — disse ela enquanto passava por Priscilla. — Você — ela apontou para mim —, Madame quer vê-la agora. Ela está na sala de estar.

— Obrigada, tia — eu respondi.

— Ei, espere aí! O que faz você pensar que compartilhamos o mesmo sangue? Nunca mais me chame assim, ouviu?

Assenti com a cabeça. Eu só disse “tia” em sinal de respeito; não quis dizer nada familiar com isso. Priscilla revirou os olhos e continuou desempacotando as compras.

— Você é um lagarto? Abro minha boca para falar com você e fica só balançando a cabeça.

— Desculpe, Magajia, não vou chamar a senhora assim de novo.

— E você, espero que não amasse os frutos das palmeiras — ela disse para Priscilla enquanto eu saía da cozinha.

Encontrei tia Rosina na sala de estar, exatamente como Magajia disse. Ela estava deitada no sofá com os pés para cima e folheava os jornais. Usava um vestido com estampa africana, o vestido estava bem acima dos joelhos. Seu rosto estava maquiado e o cabelo caía em cascata pelos lados do rosto. Eu sabia que era alongamento, tinha visto muitas vezes na TV. O cabelo encaracolado e sedoso emoldurava seu rosto. Ela ainda cheirava a jasmim e flores de laranjeira.

— Ah, Amerley, estou tão feliz que chegou... — Ela suspirou e pôs os jornais de lado. — Lamento não ter recebido você quando chegou, mas tenho essas terríveis enxaquecas de manhã e os médicos dizem que a melhor coisa a fazer é dormir. Como você está?

— Estou bem, tia — eu disse, esquecendo o conselho de Priscilla.

— Ah, sim, isso é outra coisa. Eu sei que somos parentes, mas você não pode me chamar de “tia” nesta casa. Os outros vão pensar que estou favorecendo você, então, me chame de “madame”, está bem?

— Sim, ti... Madame.

— Ótimo. Magajia lhe mostrará o que fazer. Não é fácil. Há muito o que fazer e ninguém aprecia o meu esforço para administrar esta casa. Pensam que tudo acontece por mágica.

Ela colocou uma das mãos, muito bem cuidada, no peito e respirou fundo. Suas unhas estavam pintadas de rosa-bebê, ela usava três anéis em uma das mãos e uma pulseira de ouro. Exalou ruidosamente e repetiu o processo mais três vezes.

— Amerley, pegue minhas pílulas, estão ali naquele armário.

Fui até o armário e o abri. Frascos de pílulas cobriam as prateleiras.

— Traga o frasco com a tampa verde e o outro com a tampa rosa.

Levei os frascos para ela.

— Madame, devo pegar um pouco de água para a senhora?

— Sim, sim, e diga a Magajia para fazer uma sopa leve para mim, realmente não estou me sentindo bem hoje. Diga a ela para usar carne

de cabra.

Fui à cozinha e transmiti a mensagem a Magajia. Priscilla pegou um copo, colocou em uma bandeja e acrescentou uma garrafa de água.

— Não abra até ela pedir — ela sussurrou.

Assenti com a cabeça e levei a bandeja para tia Rosina. Ela segurava duas pílulas azuis na mão e uma pílula branca. Engoliu as pílulas, se deitou no sofá e fechou os olhos. Seu vestido subiu mais cinco centímetros. Se subisse mais, daria para ver sua calcinha. Fiquei ali segurando a bandeja e me perguntei se deveria levá-la de volta para a cozinha.

— Sirva-me um copo, está bem? — ela disse depois de uns cinco minutos.

Coloquei a bandeja na mesa, despejei a água no copo e ofereci a ela na bandeja. Ela tomou um gole da água e me devolveu.

— Diga a Magajia para preparar um pouco de *apem* e *abom* com um pouco de *mankani* e um pouco de *koobi* cozido para o meu almoço. Peça a ela que adicione alguns arenques defumados, salmão, dois ovos cozidos e muito *kpakpo shito*. — Ela se deitou e suas pálpebras se fecharam. — Hoje em dia não tenho apetite nenhum, humm... Diga a ela para não usar tanto óleo de palma como fez da última vez. A equipe médica diz que tenho colesterol alto.

— Sim, Madame.

— Você pode ir agora, Amerley. Acho que vou descansar um pouco.



Comecei a trabalhar no dia seguinte. Meus deveres na casa dos Iddrissu incluíam lavar os banheiros uma vez por semana. Em Teshie, também era meu dever lavar o banheiro comunitário que dividíamos com as outras nove famílias quando era a vez da minha família limpar. Os banheiros da casa dos Iddrissu eram um paraíso em comparação; não havia mofo esverdeado ou algas nas paredes, nem vermes entre os ladrilhos do chão, como havia entre as conchas de ostras no chão do banheiro em Teshie. As pessoas não faziam xixi ou defecavam no banho, como faziam em Teshie quando a fila no banheiro comunitário era muito longa. Eu poderia dormir no chão do banheiro de East Legon sem medo de pegar uma doença incurável.

Comecei com o quarto de Zarrah. Priscilla já estava lá para aspirar o tapete e tirar o pó dos móveis. Fiquei espantada em como era grande o seu quarto. Era maior do que o nosso cômodo lá em casa. A cama dela era maior que a de Amerley-mami. Me disseram para trocar os lençóis toda semana. Sua cor favorita era lavanda e tudo no quarto tinha essa tonalidade — das cortinas ao tapete e às paredes.

Parei na frente de seu *closet* e fiquei admirada com suas roupas, bolsas, cintos e sapatos (Zarrah poderia encher uma loja de departamentos com tudo o que tinha). Depois, fui ao banheiro. Seus produtos de banho enchiam duas prateleiras nos armários. A maioria cheirava a frutas e flores. Eu ainda estava limpando o banheiro quando ela entrou, se deitou na cama, ligou a TV de tela plana e começou a assistir a um filme.

Cumprimentei-a, caminhei até a porta principal, onde tinha deixado a água sanitária, e voltei ao banheiro. Assim que fechei a porta do banheiro atrás de mim, ela se levantou e borrifou purificador de ar no quarto. Quando saí, vinte minutos depois, ela me disse:

— Você fede muito, use um desodorante. Da próxima vez, venha

limpar quando eu não estiver por perto.

A Madame, que estava passando pela porta, ouviu o que ela disse e entrou no quarto.

— Isso não é uma coisa bonita de se dizer.

— Mas é verdade! Ela fede! Kristin e Aseye virão aqui mais tarde. Imagine como vão se sentir se ela entrar aqui. Vai ser muito vergonhoso!

Madame suspirou e disse:

— Amerley, você pode ir agora.

Fui ao quarto de Zaed em seguida. Não tive medo dele entrar e me dizer também que eu fedia. Tentei não olhar para os pôsteres de estrelas do tênis que cobriam as paredes do quarto ou para a estante cheia de livros. Passei pela porta e fui direto para o banheiro. Zaed era mais organizado que Zarrah. Tenho certeza de que enxaguava as paredes depois de cada banho. Ele também tinha frascos de xampu, sabonete líquido e creme de barbear em um armário.

O quarto de Omar — ou General — era pintado de preto. Nas paredes, havia fotos de leões, uma delas era a de um leão rugindo e dava até para ver a língua e as presas dele. Não me aventurei em qualquer lugar perto de sua cama. Priscilla me contou que se cortou uma vez quando estava aspirando, ela não estava usando sapatos. Omar quebrou um copo e não limpou os cacos. Ela também me avisou sobre a tendência de Omar não dar descarga no vaso sanitário depois de usá-lo, de modo que, por mais que se tentasse, não dava para evitar olhar para o vaso. Acho que o cheiro não o incomodava.

Naquela noite, enquanto tomava meu banho, esfreguei minhas axilas com limão, esperando que qualquer cheiro que eu tivesse desaparecesse. Na manhã seguinte, enquanto arrumava a mesa do café da manhã, Zarrah sussurrou para Zaed:

— Tenho que prender a respiração sempre que ela aparece.

Depois daquela primeira experiência, implorei a Priscilla que tomasse sempre meu lugar na hora das refeições. No final do mês, quando Madame me deu meu primeiro dinheiro, usei-o para comprar a mesma marca de desodorante que a própria Zarrah usava. Ela parou de reclamar.

— O que é que eu vou fazer? — Priscilla disse, entrando no quarto que dividíamos no alojamento dos empregados. Nii Okai tinha um quarto só para ele. O outro motorista, Timothy, não morava na propriedade. Abdul só aparecia quando o sr. Iddrissu estava na cidade. Ele também não morava no complexo.

— Com certeza Magajia vai me matar quando descobrir que eu não mandei consertar a blusa dela.

Priscilla e cada um dos motoristas tinham um dia de folga uma vez por semana. Ela costumava passar a folga dela no salão, arrumando o cabelo e as unhas. Saiu de casa às quatro da manhã e voltou já passava um pouco das dez da noite. Priscilla tinha feito microtranças que iam até a cintura.

Eu não tinha um dia de folga, mas os fins de semana com os Iddrissu normalmente não eram ocupados, a não ser que eles oferecessem um jantar ou recebessem amigos. Eu geralmente tinha o dia para mim depois que minhas tarefas eram feitas. A melhor parte dos fins de semana era poder falar com Nikoi. Havia um telefone fixo no alojamento dos empregados, mas como Nii Okai e Priscilla tinham seus próprios telefones, eu era a única que esperava as ligações ali. Não podia fazer nenhuma chamada, mas podia receber. Nikoi me ligava todo sábado à noite, às oito horas, de uma cabine telefônica em um posto de gasolina não muito longe de nossa casa em Teshie. Às vezes, minhas irmãs e Sheba iam com ele. Tsina tinha um telefone para o qual eu poderia ligar e falar com Nikoi, mas preferia esperar que ele me ligasse aos sábados. A única vez que usei o telefone de Priscilla para ligar para Tsina e falar com Nikoi, ela me fez pagar pelos créditos que usei. As ligações de Nikoi aos sábados eram o ponto alto da minha semana. Também eram a única maneira de eu acompanhar o que estava acontecendo em Teshie.

— Eu me esqueci completamente. Onde vou arranjar alguém para fazer o que ela quer? — Priscilla resmungou quando caiu em sua cama.

— Seu cabelo está bonito — eu disse, em uma tentativa de consolo, mas também porque era verdade. As tranças estavam muito caprichadas e uniformes. Nem um fio de cabelo à vista.

— Né? — ela disse, balançando a cabeça. O movimento fez as tranças balançarem como uma cortina ao seu redor. — Esse é o estilo que Nana Ama McBrown¹⁷ usou em seu programa na semana passada.

— Não dói? — perguntei, olhando para as finas separações em seu couro cabeludo.

— Nem um pouco. A mulher que faz isso tem mãos leves. A gente quase não sente nada. Só que ela leva uma eternidade para fazer e trabalha sozinha, fiquei sentada lá por doze horas. Por isso fui cedo, para poder começar e terminar cedo, e na pressa de sair esqueci a blusa de Magajia.

— O que Magajia quer fazer com a blusa?

Priscilla pegou uma das blusas preferidas de Magajia e a trouxe para mim.

— Ela diz que as cavas são muito apertadas, queria que a costureira afrouxasse um pouco.

Peguei a blusa e examinei as mangas. Havia material suficiente para eu fazer os ajustes necessários.

— Se você quiser, posso fazer essas alterações.

— Você sabe mesmo costurar?

— Sim. Eu sou muito boa.

— Tem certeza? Magajia vai ter um ataque se descobrir que me esqueci de levar a blusa para a costureira, mas vai me esfolar viva se descobrir que você fez isso.

— Ela não vai saber se você não contar para ela. Eu posso consertar. É bem simples, na verdade, termino em um minuto. Se eu terminar e você não gostar, pode mandar a blusa para a costureira amanhã e dizer para Magajia que a mulher não terminou porque acabou a luz.

Priscilla não estava convencida, mas permitiu que eu fizesse os ajustes. Enquanto ela tomava banho, desfiz os pontos ao redor da cava e preendi o tecido com alfinetes. Enfiei uma agulha e terminei uma das mangas. Priscilla saiu do banheiro.

— Deixe eu ver — disse ela, vindo atrás de mim enquanto eu trabalhava. Mostrei o que tinha feito.

— Meu Deus, você realmente sabe costurar! Parece ponto de máquina. Uau! Você é realmente talentosa.

Encolhi os ombros.

— Eu consertava roupas para as pessoas o tempo todo quando morava em Teshie.

— Elas pagavam você?

— Eu não cobrava. A maioria dos consertos era das minhas vizinhas e eu recebia o que elas achavam que era o suficiente.

Priscilla rangeu os dentes.

— Por quê? Você não gosta de dinheiro? — Ela pegou o telefone e começou a enviar mensagens de texto. — Vou falar de você para todas as minhas amigas. Sempre que suas madames ou filhas precisarem de consertos, elas vão trazer para você. Vamos fazer um negócio. Você faz os consertos e eu consigo clientes. Separamos dez por cento do lucro para comprar novas agulhas e linhas e o que mais você precisar, depois damos dez por cento para a ajudante da casa que trouxer as coisas das suas madames e a gente divide os oitenta por cento meio a meio. Concorda?

— Mas vamos ganhar o suficiente?

— Lógico que vamos ganhar o suficiente! Magajia me deu cinquenta cedis por essa coisa que você fez. Priscilla pegou sua bolsa e me deu vinte e cinco cedis. — Já essa gente rica não valoriza o dinheiro. Espera só e vai ver o dinheiro que vamos ganhar.

— Mas as madames não vão ficar bravas quando descobrirem que os trabalhos estão vindo para mim?

— Elas não vão saber. São todas como nossa madame. “Priscilla, mande isso para minha costureira, mande ela apertar um centímetro na cintura. Isso está muito frouxo” — disse Priscilla, imitando perfeitamente tia Rosina. — Quando eu trouxer de volta e estiver do jeito que ela gosta, você acha que ela vai ligar para a costureira e perguntar se eu realmente levei as coisas para ela?

— Não sei se é uma boa ideia.

— Não se preocupe com nada. Eu vou cuidar disso. Imagine, você pode até comprar sua própria máquina de costura com o dinheiro que ganhar.

Foi o pensamento de ter minha própria máquina de costura que me fez concordar com o plano.

— Vou fazer isso com uma condição.

Priscilla fez uma careta.

— Que condição?

— Vamos dar os dez por cento para as ajudantes da casa que trouxeram as roupas, mas vamos economizar todo o restante para comprar a máquina de costura e outras coisas que vou precisar. Só depois começamos a dividir meio a meio os oitenta por cento.

A carranca de Priscilla cresceu.

— Isso não é justo, no fim das contas você fica com a máquina e eu não ganho nada.

— Sim, fico com a máquina, mas vamos poder dobrar ou triplicar as roupas com uma máquina de costura. Eu poderia ter feito as alterações nesta blusa em cinco minutos, em vez de uma hora que gastei usando linha e agulha. E, pense, podemos oferecer a entrega do serviço no mesmo dia e cobrar o dobro.

Priscilla mordeu o lábio inferior enquanto pensava no que eu tinha acabado de dizer.

— É, isso faz sentido — disse ela, me estendendo a mão. Havia um brilho em seus olhos quando ela disse: — Mas como fui eu que trouxe esta primeira cliente, fico com meus dez por cento.

Ela tirou cinco cedís dos vinte e cinco que tinha guardado para si e me deu a nota de vinte cedís. E foi assim que comecei a economizar para comprar minha própria máquina de costura.



Terminei de lavar o banheiro e o vaso sanitário de Zaed e fiquei lendo os títulos dos livros em sua estante. Amorkor babaria se estivesse aqui. Nunca conheci um garoto que amasse tanto ler quanto Zaed. A verdade é que, além de Amorkor, eu não conhecia ninguém que amasse ler apenas por ler.

Notei *The Blinkards* em sua estante e o puxei. O exemplar era novinho em folha — nada parecido com aquele despedaçado que nos deram na escola. Abri em uma das minhas páginas favoritas e estava lendo quando Zaed entrou.

Fiquei tão surpresa que deixei o livro cair. Pensei que ele tivesse ido para as aulas de tênis. O que Madame faria comigo se soubesse que eu estava bisbilhotando no quarto dele? Magajia me daria uma boa bronca, com certeza.

— Eu não toquei em nada, só estava olhando o livro. — Zaed olhou de mim para o chão acarpetado onde estava o livro. — O exemplar que nos deram na escola era muito antigo e faltavam algumas páginas. Eu estava conferindo para ver quais partes tinha perdido. — Peguei o livro e o coloquei de volta no mesmo lugar na estante. — Me desculpe, senhor. Isso não vai acontecer de novo, prometo. — *Por favor, não conte para Magajia.*

Zaed passou por mim e tirou o livro da estante.

— Tome, você pode ler. Apenas o devolva quando terminar.

Fiquei ali parada, olhando para Zaed. Ele não me denunciaria e ainda me emprestaria o livro.

— Obrigada, obrigada, senhor.

Ele sorriu como se estivesse muito cansado.

— Se vamos ser amigos, você pode largar esse lance de “senhor, senhor”. Me chame só de Zaed.

Assenti com a cabeça.

— Eu não posso. Magajia me mataria, mas obrigada pelo livro.

Eu me virei e estava prestes a sair quando ele me chamou de volta.

— Sente, converse comigo.

— Tenho trabalho...

Ele pegou o interfone e disse a Magajia que tinha trabalho para mim e que ela atribuisse meus deveres para Priscilla ou Nii Okai.

— Sente — disse ele, apontando para uma das cadeiras. — Ele deitou na cama. — Fale comigo sobre qualquer coisa. Só continue falando, não pare.

— Sobre o quê, senhor?

— Sei lá. Me fale sobre sua família.

Minha família? Não sabia por onde começar. Conteí a ele como às vezes eu desejava ser um menino para que Ataa tivesse ficado em casa e eu pudesse continuar meus estudos.

— Você acredita em carma? — Zaed perguntou.

Neguei com a cabeça.

— Acredito que Deus tem um plano e um propósito para todos.

Ele sentou na cama e olhou para mim.

— Por favor, não me diga que você é uma dessas pessoas nascidas de novo. Eu não preciso disso agora, alguém pregando para mim.

— Eu sou.

Ele riu, mas não havia humor em seu riso.

— Então você lê sua Bíblia e vai à igreja e acredita que “todas as coisas cooperam para o bem”?

Assenti com a cabeça. Morava na casa dos Iddrissu tempo suficiente para saber que ninguém ali levava a religião a sério, exceto Magajia, que estendia seu tapete de oração no quarto e rezava cinco vezes por dia. O sr. Iddrissu era muçulmano não praticante. Tia Rosina era uma cristã que nunca ia à igreja nas manhãs de domingo por causa de suas enxaquecas. Nenhum dos três filhos frequentava algum templo.

— Sabe para que os homens brancos que trouxeram o cristianismo para a África usam suas igrejas agora? Discotecas e clubes. E nós pegamos a religião deles e a engolimos com anzol, linha e chumbada.

Encolhi os ombros. O que o deixou com raiva? Ele foi até a estante e tirou dois livros. Um era sobre a evolução e o outro sobre a teoria do Big Bang.

— A ciência prova que foi assim que viemos a este mundo! Que prova você tem? Se tiver alguma, prove!

Eu não sabia por que ele estava com raiva de mim. O que eu tinha feito?

— Também não consigo ver o vento, mas isso não significa que não esteja por aí.

Ele cobriu o rosto com as mãos.

— Meu Deus, como você é ingênua! O vento? Essa é a sua prova?

— Não é só o vento, é tudo. As estrelas no céu, um sorriso no rosto de uma criança, flores, árvores e animais. O mar, a praia, tudo ao meu redor me prova que existe um Deus. Essas coisas vieram de algum lugar, alguém as criou.

— De que adianta acreditar em Deus? Ele ouve suas orações? É isso que ele quer para você, seus “filhos”? Que sejam pobres? Empregadas domésticas? Que sirvam outras pessoas?

— Posso não gostar da minha condição atual, mas isso não significa que Deus não se importa ou que não me ouve quando eu oro.

— Se existe um Deus, onde ele está quando coisas ruins acontecem com pessoas inocentes? — ele perguntou e seus olhos se encheram de lágrimas. — Meu melhor amigo foi baleado ontem. Eu nem sabia, apareci na quadra de tênis e ele não estava lá. Liguei para sua casa e alguém me disse que ladrões armados invadiram a casa dele e atiraram nele, simples assim. Ele morreu antes de chegar ao hospital. Se existe um Deus, onde ele estava quando isso aconteceu? Por que não salvou meu amigo? Jeremy nunca machucou ninguém. Ele era um cara legal, nunca fez nada de ruim. Ele era como você, nascido de novo. Onde estava Deus? Por que ele não o salvou?

— Sinto muito que ele tenha morrido, mas se ele foi salvo, está com Deus agora. Ele está no céu.

— E se não houver céu?

— Então ele não perdeu nada.

Ele se afastou de mim e bateu os punhos na parede com tanta força

que começaram a sangrar. Então, começou a chorar. Eu não sabia o que fazer. Saí do quarto. Eram quase onze da manhã, grudei meu ouvido na porta de Madame. Com enxaqueca ou não, o filho precisava dela. Esperava que reduzir seu tempo de sono em uma hora não custasse meu emprego.

O quarto de Madame estava em silêncio. Bati duas vezes na porta. Nada. Girei a maçaneta e entrei no quarto dela. O ar frio me atingiu com força. As cortinas estavam fechadas, mas dedos de luz solar se esgueiravam entre as frestas das cortinas e iluminavam partes do quarto. Com a ponta dos pés fui até a cama dela. Ela estava deitada de costas, máscara de dormir preta sobre os olhos, uma garrafa de água na mesinha lateral. Ela roncava baixinho.

Falei seu nome, ela continuou imóvel. Coloquei a mão em seu ombro e a balancei suavemente.

Ela tirou a máscara. Seus olhos lutaram para se concentrar em mim no quarto escuro antes do reconhecimento irromper em sua mente cheia de sono.

— Madame, é o patrão Zaed, ele está chorando. Seu melhor amigo morreu.

Ela pulou da cama e saiu do quarto *como um raio*. Suspirei de alívio. Tinha feito a coisa certa ao chamá-la.

Ao descer as escadas, espiei o quarto de Zaed. Ele estava agachado em um canto, a cabeça enterrada entre as pernas. Seu corpo estava tremendo de tanto soluçar. Madame estava ajoelhada ao seu lado, com os braços à sua volta. Ela sussurrava algo em seu ouvido e esfregava suas costas. O que quer que ela sussurrasse só o fez chorar ainda mais. Escapuli antes que me notassem.

Naquela noite, quando Nikoi ligou, contei o que tinha acontecido e como eu estava com medo de que a Madame me repreendesse por acordá-la, mas que mais tarde naquela noite ela veio me agradecer.

— O filho dela estava sofrendo, é lógico que ela gostaria de saber — disse Nikoi.

— Só me impressionou como ela e Amerley-mami são diferentes, só isso.

— Não fique comparando, Amerley. Você tem o suficiente para comer, um teto sobre sua cabeça e roupas no corpo. Suas irmãs também. Contenta-se com o que tem.

Enrolei o fio do telefone no dedo e afundei no chão ao lado da mesinha do telefone.

— Não estou sendo ingrata, é só... às vezes é difícil não ser amarga, sabe?

— Eu sei — disse Nikoi. — Mas, se você ficar pensando nas injustiças da vida, o que os filhos de sua madame fizeram para merecer uma vida fácil, o que fizemos para merecer a nossa, se continuar pensando nessas coisas, você vai ficar triste e amargurada o tempo todo. É difícil de acreditar, mas estamos muito melhor do que muita gente.

Eu sabia que o que ele dizia era verdade, mas viver com os Iddrissu abriu meus olhos para muitas coisas. Simplesmente nada era justo.

— Como estão minhas irmãs?

— Estão bem. Amarkai embarcou no meu *trotro* a caminho da escola na quarta-feira. Disse que Amorkor vai receber um prêmio no final do semestre em literatura inglesa.

Meu coração se aqueceu.

— Isso não me espanta. Ela só lê. Como estão as outras?

Nikoi riu e pude ouvir a risada em sua voz quando ele disse:

— Acho que Ofoe-mami sente sua falta. Vive reclamando que suas irmãs não comprem mais o *kenkey* dela. Ela perguntou quando você volta.

Eu ri.

— As meninas têm medo dela. Ela é muito rude.

— Falando em pessoas rudes, como está sua Magajia?

— Do mesmo jeito. Sempre encontrando trabalho para fazermos se achar que alguém está ocioso.

— E como vai o negócio?

— Nada mal. Preguei dois botões em uma camisa para um dos patrões de um dos amigos de Priscilla hoje. As camisas nem estavam rasgadas. Um botão estava solto e o outro estava pendurado por um fio. O homem ia pagar cem cedís a um alfaiate para pregar os botões para

ele.

— Ei! Cem cedis?

— Hum-hum.

— Então ninguém na casa deles tinha linha e agulha?

— Nii, eu não sei nada deles.

— Estou feliz por você. Nesse ritmo, você vai conseguir sua máquina em pouco tempo e vai poder me ajudar a comprar meu táxi.

Eu ri.

— Os louros não são meus. São de Priscilla. Ela é uma empresária muito astuta. Nem sei como ela conhece tanta gente. Algumas amigas dela começaram a me trazer suas roupas também.

— Droga — Nii sussurrou.

— O que foi?

— Só tem um minuto no cartão de chamada.

— Quando vir minhas irmãs, diga que mandei um abraço e, por favor, dê os parabéns para Amorkor.

— Pode deixar. Ligo sábado que vem para você.

— Vou esperar. Boa semana.

— Boa semana também.

— Eu...

Tu, tu, tu, tu, o tom de desligado ecoou no meu ouvido.

— Amo você — disse no fone desconectado e, ao mesmo tempo, vi a maçaneta da porta do nosso quarto girar.

Priscilla e Nii Okai tinham saído e eu me tranquei. A maçaneta da porta girou novamente.

— Quem está aí? — perguntei quando fui até a janela. Tínhamos um interfone, e, se alguém na casa principal precisasse de nós, era por ele que nos chamavam.

Afastei a cortina e olhei para fora bem a tempo de ver a figura de Omar se afastando. O que ele queria? Por que estava indo embora? Por que não bateu? Ele e os irmãos nunca tinham posto os pés no alojamento dos empregados desde que eu tinha chegado lá. Talvez ele tivesse vindo ver Nii Okai e apenas percebeu que era seu dia de folga. Essa era a única explicação que fazia sentido. Verifiquei novamente as

fechaduras da porta e fui para a cama.



s Iddrissu fizeram uma festa surpresa para Zarrah no seu aniversário de treze anos. Foi Madame quem organizou a festa; o sr. Iddrissu estava fora da cidade. Naquela manhã, Timothy levou Zarrah e Zaed ao dentista. Zaed precisava de uma obturação e Zarrah tinha uma consulta com seu ortodontista. Quando Priscilla me disse que o aparelho de Zarrah custava quase oito mil cedís, pensei que estava brincando, até que ela me mostrou o recibo, que encontrou na lata de lixo. Oito mil cedís só para endireitar os dentes! Não dava para acreditar.

Quando chegaram em casa, os amigos da escola de Zarrah já tinham chegado. Decoradores e fornecedores tinham transformado o gramado em um cenário saído da TV. Eu nunca tinha visto nada parecido na vida real. O DJ também já estava pronto. Dava para ouvir os gritos de Zarrah antes mesmo de ela sair do carro.

Madame foi abraçar a filha. Algumas tias e tios também foram paparicá-la e logo seus amigos a cercaram e ela estava gritando de alegria ao ver quem tinha aparecido.

— Você! Você! Não acredito que não me contou nada! Estou muito surpresa! — ela disse, socando o braço de Zaed de brincadeira.

— Ai! — disse ele, esfregando o braço. — Mamãe disse que eu não podia contar nada para você. Não é assim que se prepara uma festa surpresa?

Ela gritou quando o câmara foi em sua direção.

— Eu tenho que me trocar! — Correu para dentro de casa e seus amigos e parentes riram. Ela desceu vinte minutos depois, toda enfeitada em um vestido lilás curto e saltos nude. Estava até maquiada. Madame contratou uma maquiadora para a ocasião. Dessa vez, quando o câmara veio em sua direção, ela sorriu e posou para ele.

Fiquei perto das portas e direcionei as pessoas para os banheiros.

Era meu trabalho garantir que os banheiros estivessem limpos, com papel higiênico e sabonete suficientes, e fui orientada, também, a limpar o chão depois que alguém os desocupasse. Perdi a maior parte do que acontecia lá fora, mas de vez em quando me esgueirava até as janelas para olhar. A música estava tão alta que fazia as janelas chacoalharem. Todo mundo estava se divertindo. Madame estava à vontade, jogando a cabeça para trás, rindo e aceitando com recato elogios sobre como “não aparentava ter mais de trinta anos”. Parecia até que o aniversário era *dela*. A aniversariante trocou de roupa três vezes antes que o dia terminasse. As roupas eram diferentes, mas todas eram da cor lavanda.

Quase todos os convidados trouxeram presentes para ela. Era função de Priscilla recebê-los e dar-lhes uma lembrança em troca do presente. Os amigos de Zarah receberam um frasco de perfume de grife. Os adultos ganharam uma garrafa de champanhe.

Mais tarde, depois que Zarah fez um pedido e apagou as velas do bolo, vi Zaed entrar pela porta da frente. Assumi minha posição diante do banheiro dos convidados. Ele me viu e disse:

— Você deveria comer alguma coisa. Não está com fome?

— Estou bem, senhor — respondi.

— Vá lá... pegue um lanche ou o que quiser. Eu mostro às pessoas o caminho.

Sorri e neguei com a cabeça. Meu trabalho não envolvia apenas mostrar às pessoas o caminho. De todo modo, não conseguia imaginá-lo esfregando o vaso sanitário com um escovão. Sem contar que Magajia torceria meu pescoço se me visse em qualquer lugar que não fosse onde me designou.

— Comi antes da festa começar — menti.

— Tem certeza?

— Sim, senhor.

— Posso pegar alguma coisa para você? Um refrigerante, talvez?

Negueei com a cabeça mais uma vez. Até beber água no trabalho era um pecado capital aos olhos de Magajia. De qualquer forma, quem gostaria de comer ou beber ao lado de um banheiro?

— Estou bem, senhor, obrigada.

— Está certo, tudo bem, vejo você mais tarde então. — Ele passou por mim e subiu as escadas.

Alguns minutos depois, Magajia veio até mim com uma mulher jovem e bem-vestida que carregava um bebê chorando.

— Leve-a para passear lá fora, a música aqui está muito alta — disse Magajia.

— Tem certeza de que é por isso que ela está chorando? — a mulher perguntou. Ela estava muito preocupada e relutante em entregar o bebê para mim.

— Shh, Aseda, está tudo bem — ela balbuciou para o bebê.

— Ela só está com sono e esse barulho não está ajudando — disse Magajia, tirando a bebê da mulher e entregando-a para mim.

— Srta. Fanny, vá comer alguma coisa, relaxe e aproveite a festa. Aseda vai ficar bem — disse Magajia enquanto conduzia a jovem ansiosa de volta à festa. A mulher se permitiu ser levada, mas continuou se virando para olhar para mim e sua filha.

O rosto da bebê estava enrugado e ela continuava gritando. Usava um vestido cor-de-rosa com girassóis amarelos, sapatinhos cor-de-rosa combinando e tinha enfeites cor-de-rosa no cabelo. Balancei-a enquanto caminhava em direção ao portão. Caminhei por apenas duas casas antes que a bebê parasse de se agitar e adormecesse. No minuto em que me virei e comecei a voltar para casa, ela recomeçou a choramingar. Não tive escolha a não ser continuar andando até o final da rua, onde havia uma casa em construção. Desejei ter pegado uma toalha para poder amarrar a bebê nas minhas costas.

Quando chegamos à construção, que ficava a apenas cinco casas de distância e ainda à vista dos Iddrissu, me sentei em um toco debaixo de uma mangueira a pouca distância da rua. Uma brisa suave mantinha o clima fresco e as folhas da árvore nos protegiam do sol. A rua estava vazia. Embora eu vivesse com os Iddrissu havia quase seis meses, nunca deixei de me surpreender: como o bairro deles era diferente de Teshie. Não havia crianças correndo para cima e para baixo nas ruas empurrando pneus velhos de caminhão, nenhum grupo de mulheres indo ou vindo do mercado, nenhum vendedor ambulante, nenhum animal de rua, nada.

Até esta mangueira, debaixo da qual me sentei, era anormal. Havia

mangas maduras nos galhos e muitas frutas caíram no chão e começaram a apodrecer. Sorri para mim mesma. Isso nunca aconteceria em Teshie. As mangas desapareciam misteriosamente das árvores quando a primeira faixa amarela surgia. Balancei a cabeça e olhei para a bebê, que dormia. Sua boca estava aberta e ela continuava fazendo barulhos de mamar. Fiquei me perguntando se ela estava sonhando com a mamadeira. Admirei seu cabelo preto encaracolado e o lindo vestido que usava. Ela era uma das sortudas. Uma daquelas que nunca iria para a cama com fome, nem usaria roupas *fos*, nem seria mandada de volta para casa por não pagar as taxas escolares, nem se preocuparia se seus pais poderiam pagar o aluguel de sua casa. Eu a ninei quando ela começou a choramingar e pensei em Sheba e seu bebê. A última vez que Nikoi me ligou, ele me contou que Sheba tinha dado à luz.

Eu ainda estava debaixo da árvore quando a mãe da bebê veio nos procurar. Será que ela achou que eu fosse fugir com sua bebê? As outras ajudantes de casa, que me traziam roupas para serem consertadas, sempre tinham histórias de terror sobre algumas das pessoas para quem trabalhavam. Uma garota disse que instalaram um rastreador em seu telefone para que sua madame sempre soubesse onde ela estava, mesmo quando levava as crianças para a escola. Outra contou que era obrigada a higienizar as mãos antes de tocar em qualquer um dos filhos de sua madame. Outra, que trabalhava para um ministro de Estado, contou que um segurança armado a acompanhava sempre que ela estava perto das crianças.

A mãe da bebê era muito mais jovem que a Madame. Aparentava ter uns vinte e poucos anos. Mesmo com maquiagem no rosto, dava para ver suas olheiras. Ela usava um vestido amarelo lindo de renda e sapatos azuis de salto alto.

— Finalmente dormiu, hein? — ela disse, enquanto se aproximava e se sentava ao meu lado no pé da árvore. Nem limpou o toco nem nada, apenas se sentou e chutou os sapatos. Eu esperava que o vestido não manchasse.

Já ia entregar a bebê para a mãe, mas a mulher balançou a cabeça.

— Não, você a segura. Eu só queria ficar longe da música. Estava me dando dor de cabeça.

Eu me perguntei se ela também tinha frascos de pílulas como a

Madame.

— Eu me chamo Fanny Mills. Acho que nunca vi você na casa de Rosina.

— Meu nome é Amerley, sou nova aqui.

— Naa Amerley é a primeira garota, certo?

Assenti com a cabeça.

— É um nome bonito. — Ela bocejou e se espreguiçou. Seus anéis brilhavam à luz do sol. Tanto o anel de noivado quanto o de casamento eram de prata. Pensei que fossem feitos apenas em ouro.

— Acho que vou descansar um pouco os olhos. — Ela se encostou no tronco da árvore e, em segundos, estava dormindo. Ninguém nunca tinha me dito que meu nome era bonito. Não deveria significar muito, mas significou. Fiquei surpresa. Como aquele simples elogio fez eu me sentir bem! Aproveitei para olhar para tia Fanny enquanto ela dormia. Era linda, mas sua beleza era diferente da de Madame, que nos fazia querer parar e olhar para ela. A dela era uma beleza simples e comum, mas posso estar sendo tendenciosa porque ela disse algo bom para mim. Embora houvesse bolsas debaixo de seus olhos, não havia rugas em seu rosto. Sua pele era lisa, tinha apenas uma cicatriz acima da sobrancelha esquerda.

O sol começou a se pôr e mãe e filha ainda dormiam. Os convidados estavam deixando o complexo dos Iddrissu em seus grandes carros quatro por quatro. Eu não sabia o que fazer. Ela ficaria chateada, como Madame, se eu perturbasse seu cochilo? Acordá-la custaria meu emprego? Apesar de inicialmente ter relutado em vir trabalhar para tia Rosina, eu adorava estar aqui. Estava comendo como nunca, dormindo em uma cama confortável, ganhando roupas boas, minha mãe e minhas irmãs estavam bem, e quase tinha dinheiro suficiente para comprar minha máquina de costura. Era uma vida boa e eu não queria jogar tudo aquilo fora.

Pensei em levar a bebê para Magajia, mas e se tia Fanny acordasse e descobrisse que tínhamos ido embora? Ela ficaria brava? Além disso, eu não poderia simplesmente deixá-la dormindo no meio da rua, poderia? Eu ainda estava pensando no que fazer quando um homem lindo saiu da casa dos Iddrissu. Ele olhou para os dois lados da rua, nos viu e começou a caminhar em nossa direção. O homem era lindo mesmo.

Alto, mas não muito forte; careca, mas tinha bastante barba. Usava um cafetã preto azulado, calças e um par de chinelos de couro. Ele sorriu quando viu que tia Fanny e Aseda estavam dormindo. Quando sorriu, covinhas apareceram em suas bochechas.

— Minhas Belas Adormecidas — ele sussurrou. E sacou o telefone do bolso. — Tudo bem se eu tirar uma foto? — ele perguntou.

Assenti com a cabeça. Ele tirou várias fotos de suas “Belas Adormecidas” e guardou o telefone.

— Sou Joojo Mills. Obrigado por cuidar delas. Vou pegar o carro e dizer a Rosina que vamos embora.

Assenti com a cabeça. Joojo Mills era um sonho. Alguns minutos depois, ele dirigiu até onde estávamos em um carro preto quatro por quatro. Tia Fanny acordou quando o carro parou.

— É hora de ir — disse o sr. Mills, ajudando a esposa a ficar de pé.

— Eu estava só descansando os olhos — disse tia Fanny.

— Você estava dormindo profundamente — disse o sr. Mills rindo, e suas covinhas apareceram.

— Acabei de fechar os olhos — insistiu tia Fanny com um sorriso.

— Tenho evidências que provam o contrário — disse o sr. Mills, pegando o telefone.

Tia Fanny riu tanto que deu um tapa na coxa quando viu as fotos, mas então tapou a boca com a mão e se virou para ter certeza de que não tinha acordado Aseda. O sr. Mills ficou lá sorrindo. Tia Fanny pegou Aseda de mim, amarrou-a no assento de trás do carro e sentou-se ao lado dela. Sua bolsa e a bolsa de fraldas de Aseda também estavam no banco de trás. O sr. Mills entrou no carro e abriu a porta do passageiro para mim.

— Venha, vamos levar você.

— Não, está tudo bem. Vou andando.

— Nós nos sentiremos melhor sabendo que você chegou em casa em segurança — disse tia Fanny do banco de trás.

Subi ao lado do sr. Mills e, em pouco tempo, estávamos na casa dos Iddrissu.

— Muito obrigada pela ajuda — disse tia Fanny.

— Sim, obrigado por cuidar das minhas meninas — acrescentou o sr. Mills.

Saí do carro e acenei um adeus enquanto se afastavam. Queria aquilo que os Mills tinham. Não o dinheiro e suas posses — embora isso fosse um bônus —, mas o relacionamento entre tia Fanny e seu marido. Ficou tão nítido que o sr. Mills tratava sua esposa como uma igual. Queria exatamente aquilo para Nikoi e para mim.



— Mais tarde, naquela noite, depois que todos foram embora, Zarrah abriu seus presentes. Priscilla e eu ficamos por perto para recolher os papéis de embrulho. Zarrah ganhou uma roupa com tecido *kente* dos pais. Sabíamos que apenas tia Rosina tinha escolhido o presente, pois o sr. Iddrissu provavelmente havia se esquecido do aniversário da filha. O tecido era composto de fios lavanda e dourado. Certamente, tinha sido feito sob medida para ela. Tecidos *kente* lavanda não eram comuns. Acompanhando a roupa havia uma bolsa lavanda e sapatos de cunha feitos com retalhos de tecido africano estampado. Ambos ostentavam o selo House of Style, a escola de moda onde eu esperava estudar.

— Zaed lhe deu a coleção de livros da saga *Crepúsculo*.

— Sério, Zaed? Livros? — ela disse revirando os olhos.

— Achei que você adorasse essas histórias — protestou Zaed.

— Dããã, eu adorava assistir aos filmes, mas não quero ler as histórias. Já tenho bastante leitura da escola.

— Foi mal — disse Zaed, estourando o plástico-bolha que envolvia a bolsa.

General não esteve em casa o dia inteiro, mas deixou um cartão para ela.

Ela o rasgou. Uma nota de dez cedis caiu no chão.

— Sério, o que eu vou fazer com isso? — ela perguntou, pegando a nota. — Como assim? Ele quer que eu compre dois espetos de *kebab* ou o quê?

— Dê uma chance a ele, pelo menos está tentando — disse Zaed.

— Tentar seria ele aparecer na festa — disse tia Rosina, pegando o cartão da mão de Zarrah e jogando-o na pilha crescente de lixo. — Eu o

lembrei da festa esta manhã, mas o que ele faz? Dá um cartão barato com dez cedis no meio. Para quê? Estou por aqui com esse rapaz! Amerley, traga minhas pílulas!

A essa altura eu já sabia quais pílulas tia Rosina tomava dependendo de seu humor. Quando voltei com a bandeja com a garrafa de água, um copo e as pílulas nos frascos verde e marrom, Zarah e Zaed tinham ido para seus quartos. Zarah provavelmente estava no telefone com uma amiga e Zaed talvez jogando *videogame*, lendo uma revista de tênis ou um dos livros novos que comprou. Havia uma pilha de presentes no pé do sofá — camisetas, um colar feito com miçangas locais, pulseiras de plástico, um par de sandálias e os quatro livros da saga *Crepúsculo*. Priscilla estava juntando o papel de embrulho rasgado, as fitas e o cartão do General.

— Obrigada — disse tia Rosina, pegando a bandeja —, e livre-se daquelas coisas ali — disse ela, apontando para a pilha de presentes. — Ela não quer nada daquilo.

— A senhora quer dizer que eu devo jogar fora?

Ela deu de ombros.

— Pegue o que quiser e jogue o resto fora.

Quando saí com as coisas, Priscilla estava me esperando.

— Eu quero o colar e as sandálias.

Entreguei-os para ela, pensando em como Amorkor adoraria os livros, Amarkai ficaria linda com as camisetas e Tsotsoo ficaria encantada com as pulseiras de plástico.

— Vem, vamos fazer nossa própria festa, antes que a Magajia arrume trabalho para nós — disse Priscilla, indo para o alojamento dos empregados.

O alojamento dos empregados ficava longe o bastante da casa principal para que pudéssemos ouvir música bem alto sem incomodar ninguém. Antes mesmo de abrir a porta, dava para ouvir D’banj cantando “*I like Nadia Buari cuz she no de eat gari...*”¹⁸.

— Ah, ah! Ei, eu comecei sem vocês! Por que demoraram tanto? — Nii Okai perguntou quando entramos na sala.

— Ei, dinheiro é doce! — Priscilla disse, pegando uma samosa da bandeja e a enfiando inteira na boca.

As sobras da festa estavam na mesinha de centro da sala. Nii Okai tinha feito uma pilha de comida em seu prato. Havia um pouco de tudo: arroz *jollof*, almôndegas, salada de repolho, *waakye*, uma bola de *banku*, tilápia grelhada, samosas e duas coxas de frango. Uma quantidade generosa de *shitɔ* cobria a pirâmide em seu prato. Ao seu lado, havia uma tigela, uma garrafa de cerveja, uma lata de refrigerante e uma garrafa de cachaça. Ele despejou as três bebidas na tigela e as bebeu rapidamente.

— Essa gente rica curte a vida — disse ele, sugando o tutano do osso de frango.

Priscilla baixou o volume do som e sintonizou na TV3, estava passando uma novela. Ela pegou uma bola de *banku*, duas postas de tilápia grelhadas, um pouco de *shitɔ* e se acomodou para assistir à TV.

— Você vai comer só isso? — Nii Okai perguntou, olhando para seu prato com surpresa.

— Para que pressa? Isso aqui só vai preparar o caminho. Se não tomar cuidado com esta comida *oyibo*, ela nos engana. Você pensa que tá cheia, *ah-mah*, aí acorda de noite com uma *nketenkete* e tem que se levantar para comer alguma coisa.

Meu prato era uma versão em miniatura do de Nii Okai, sem o *banku* e em porções razoáveis. Sentei-me de pernas cruzadas no chão ao lado de Priscilla, que estava mastigando as espinhas da tilápia. Na novela, a protagonista saiu de um clube. O sujeito que ela estava paquerando, mas que rejeitou as investidas, a seguiu e se manteve nas sombras.

— *Woaa hwe!* Mas essas garotas ficam procurando problemas. Olhe essa garota *yɛyɛ*. Aonde que ela vai vestida desse jeito e de noite?

— Cale essa boca suja! — Priscilla disse, só que soou como “Cara moca suza”, porque ela estava com a boca cheia de comida.

Na tela da TV, o homem agarrou a mulher por trás, colocou uma faca em sua garganta e ameaçou matá-la se ela gritasse. Então, ele a deitou no chão e a estuprou.

Priscilla engoliu seu *banku* e se virou para Nii Okai.

— Você está dizendo que é culpa dela ter sido estuprada?

— Onze horas da noite, qualquer garota decente estaria na cama. O que ela está fazendo fora de casa? E vestida desse jeito! Ela só achou o que estava procurando!

— Idiota — Priscilla disse. — Ela disse “não” quando o cara perguntou se ela queria dormir com ele.

— Ah! Mas todo mundo sabe que quando as garotas dizem “não” na verdade querem dizer “sim”, e olhe ali, ela só fica deitada lá, não grita, não se defende. Não é estupro se você não gritar ou se defender.

Quando Nii Okai terminou de falar, levou a tigela à boca, tomou um grande gole e arrotou alto.

— Ela só fica deitada lá porque está em choque. Quando você está em choque, congela. Você não sabe de nada?

— Ei, *koraa*, não é estupro de verdade. Ela conhece o cara e estava paquerando ele. Estupro mesmo é quando um estranho faz isso.

— Então você acha que ela está deitada ali gostando de ser violentada só porque conhece o cara? Amerley, por favor, coloque um pouco de juízo na cabeça desse estúpido para mim! — Priscilla disse, me chamando para a discussão deles.

Eu não sabia o que dizer. Em Teshie, quando alguém era estuprada, a maioria das pessoas compartilhava as opiniões de Nii Okai. Diziam que não deveria ter saído tão tarde ou se vestido seja lá como. Diziam que apenas garotas “dadas” eram estupradas.

— A esposa do sr. Mills, tia Fanny, foi falar com todo mundo na agência. Ela disse que devemos denunciar se alguém tocar em nós sem nossa permissão ou nos assediar e que vão mandar o sujeito para o tribunal por nós de graça — disse Priscilla.

— Ah, essas advogadas, todas levando essa coisa de “direitos humanos” longe demais, mas todo mundo sabe que esses casos não dão em nada. As famílias sempre resolvem fora do tribunal — disse Nii Okai.

— Mas isso não significa que não devemos denunciar.

— Deus julga as pessoas, *paa* — disse Nii Okai, falando com a boca cheia. — Se eu fosse ele, determinava que mulheres que usam *short*, *legging* e calças apertadas não vão para o céu. Mulheres que pintam o rosto e as unhas: não vão para o céu. Mulheres que usam biquínis, fio

dental e roupas transparentes: não vão para o céu. Saias curtas e vestidos: não vão para o céu. Roupas sem mangas e decotadas: não vão para o céu.

Priscilla o observou de boca aberta. E depois balançou a cabeça, incrédula.

— Se você acredita nisso tudo, é mais burro do que parece.

Sorri por dentro quando percebi de onde tinha vindo sua fala. Foi a mesma coisa que Zarah disse a ela quando pediu que soletrasse o próprio nome.

Nii Okai continuou comendo como se Priscilla não tivesse dito nada. Na TV, a mulher tinha ido para um hospital. Os médicos informaram a polícia sobre o estupro.

— E os homens? — perguntei.

— O que que têm eles?

— O que teriam que fazer para Deus negar o céu a eles?

— Ora! Mas não são as mulheres que fazem os homens pecarem? Desde Eva até agora, são as mulheres que tentam os homens!

— E os homens que andam de peito nu exibindo seus tanquinhos e coisas do tipo? Eles não estão tentando as mulheres? — Priscilla perguntou.

Nii Okai bufou.

— A Bíblia diz que o homem é a cabeça.¹⁹

— E o que uma coisa tem a ver com a outra? — Priscilla perguntou. Mas Nii Okai voltou à mulher da TV.

— Ah, uau, olha, agora ela vai falar com a polícia! Quem vai querer essa mulher quando as pessoas souberem disso? Quem vai querer essa mulher, agora que foi estragada?

As opiniões de Nii Okai me surpreenderam. Mesmo sendo um rapaz da cidade, supostamente informado, seus pensamentos espelhavam os de pessoas como meu pai, que culpava as mulheres por todos os seus problemas. As garotas do meu bairro que foram estupradas fugiram silenciosamente para outros lugares. As pessoas ficavam apontando para elas e falando para as outras meninas que era aquilo que aconteceria se ficassem na rua até tarde, bebendo e fumando. Por um lado, eu não acreditava que era culpa delas terem sido estupradas, mas,

por outro lado, eu as responsabilizava por se colocarem em situações que as levaram ao estupro. Mas dizer que Deus deveria punir as mulheres por usarem certas roupas e insistirem no uso de camisinha era demais! Evitei a discussão e continuei comendo minha comida. Sentia pena da mulher que cometeria o erro de se apaixonar por Nii Okai. Não era à toa que ele ainda estava solteiro.

Priscilla não aguentou mais.

— Nii Okai, se você não consegue falar uma coisa que preste, CALE A BOCA!

O telefone fixo tocou e pulei para atender. Tinha perdido a ligação de Nikoi às oito horas da noite. Agora eram nove horas.

— Oi! Nikoi?

— Onde você estava?! — ele gritou. — Você sabe que eu sempre ligo sábado às oito.

— Foi aniversário de Zarrah. Tia Rosina deu uma festança para ela. Acabamos de limpar tudo.

Ele ficou em silêncio.

— Nii?

— Então tinha muita gente?

— Umas cem pessoas. As crianças e os pais. Você tinha que ter visto a comida. Era...

— Então aquele monte de jovem rico veio com seus motoristas, é?

— Sim. Alguns pais deixaram os filhos sozinhos. Outros foram trazidos pelos motoristas e...

— E o que você ficou fazendo?

— Fiquei encarregada de manter o banheiro limpo e depois tive que tomar conta da filha de uma mulher. Por que todas essas perguntas?

Ele ficou em silêncio por um tempo, então suspirou.

— Continuo achando que você vai conhecer outra pessoa. Alguém melhor do que eu.

— Ah, Nii, isso não vai acontecer! Todo mundo estava ocupado limpando as coisas. Mesmo sabendo que você ligaria, não teria como eu atender o telefone às oito.

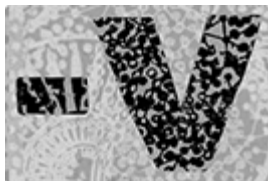
Ele suspirou novamente.

— Tem muita gente esperando para usar a cabine telefônica. Ligo para você na semana que vem. — Ele nem esperou eu dizer “tchau” antes de desligar.

Coloquei o telefone no gancho e levei meu prato de comida para a cozinha. Não queria mais ficar com Priscilla e Nii Okai. Tinha perdido o apetite. Fui direto para o meu quarto. Os telefonemas de Nikoi eram a parte boa da minha semana. Eu sentia tanta saudade dele. Sentia falta de conversar e de me aconchegar com ele na praia. Como eu poderia fazê-lo entender que não precisava ter medo de nada?

18. Em tradução literal, “Eu gosto de Nadia Buari porque ela não come *gari*”.

19. “Todavia, quero que vocês saibam que a cabeça de todo homem é Cristo, que a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus.” (I Coríntios 11,3)



— Você foi dormir antes de me contar sobre o sr. Mills ontem à noite — disse Priscilla. Ela e eu lavamos a cozinha. Depois, limpamos a casa inteira. Magajia disse que todas as pessoas que entraram e saíram no dia anterior abandonaram seus germes lá. Eu estava de joelhos esfregando o chão. Priscilla estava logo atrás de mim.

Bocejei, não tinha dormido bem. Estava preocupada com Nikoi. Ele estava esquisito. Ontem à noite, quando ligou, tive a impressão de que queria brigar comigo. Eu não sabia o que fazer.

— E aí? — Priscilla me cutucou. — O que ele falou quando conheceu você?

Contei a ela o que aconteceu quando o sr. Mills veio procurar a família dele na noite passada.

Priscilla tinha uma queda pelo sr. Mills. Eu tinha só uma quedinha. Ele era lindo e, mais do que isso, era uma pessoa tão legal. Ele e sua esposa eram muito legais.

— Ele é tão, tão fofo. Será que ele tem um irmão?

Levantei uma sobrancelha.

— O quê? Uma garota pode sonhar.

Suspirei e voltei para o meu trabalho.

— Mas a bebê deles é muito mimada. Eles nunca colocam a menina no chão. Quando ela faz *ké* e abre a boca para chorar, os dois pulam como se o mundo fosse acabar, mimam demais e ela está sempre no colo de alguém.

— Ela se acostumou. Deviam ter deixado a bebê dormir sozinha quando era menorzinha. Agora, está acostumada a ficar no colo.

— Sinto pena de tia Fanny. Ela é ignorante quando se trata dessa bebê. Você deveria ter visto quando ela teve Aseda. Tinha medo até de

colocar a menina para dormir sozinha. Os pais dela estão no Reino Unido e a mãe do sr. Mills não queria o casamento deles. Quando Aseda nasceu, a sogra nem foi visitar a bebê e só a conheceu quando ela completou dois meses de vida. E ainda não quis carregar a bebê no colo.

Não dava para entender como alguém podia olhar para Aseda e não se apaixonar instantaneamente por ela.

— Como você sabe disso? Você estava lá?

— A ajudante da casa deles, Jennifer, é minha amiga. Ela me contou. Somos registradas na mesma agência.

Era uma pena que nem a mãe de tia Fanny nem a sogra estivessem lá para ajudá-la com a bebê. Em Teshie, quando uma mulher tinha um bebê, ela e a criança iam morar com a mãe. Se a mãe fosse falecida, iam morar com a sogra ou com uma tia mais velha ou uma parente do sexo feminino.

— Não é à toa que tia Fanny estava tão cansada. Ela dormiu debaixo da mangueira quando foi me procurar.

— Mas tia Fanny é uma mulher de sorte. O marido adora ela.

Concordei. Isso era verdade. Ele parecia ser um bom homem. Ainda estávamos trabalhando quando o General entrou na cozinha. Ele nem sequer nos dignou um olhar. Não sei por onde ele andou nem como conseguiu enlamear as solas dos tênis. Ele foi direto para a geladeira, tirou duas latas de refrigerante e um prato de *pizza* fria e subiu para o quarto.

Priscilla estava fumegando. Fiquei de boca fechada. O chão da cozinha era de piso frio, seria fácil de limpar. Mas pensar que ele deixaria um rastro de lama pela sala de estar, pelas escadas e no seu quarto acarpetado nos enfureceu.

— Querido Deus, o Senhor tem que preparar um lugar especial no inferno para pessoas como esse rapaz — disse ela, olhando para o teto como se pudesse ver Deus.

— Vamos limpar isso antes que Magajia volte. Você sabe como ela fica.

— Adivinha? — Priscilla chegou esbaforida em nosso quarto dois meses mais tarde. O sorriso em seu rosto era de orelha a orelha. A única

coisa que deixava Priscilla tão animada era dinheiro. Quase tínhamos economizado o suficiente para comprar uma máquina de costura elétrica. Eu estava aprendendo a costurar assistindo a vídeos no telefone dela. Lógico, Priscilla sendo quem era, me cobrava por cada vídeo que eu assistia. Ela não concordou com minha sugestão de tratarmos isso como uma despesa comercial. Paussei o vídeo a que assistia e olhei para ela.

— O que foi, os Iddrissu deram um aumento para você?

— Quem me dera!

— Temos um grande pedido?

— Não. Algo ainda melhor.

O que poderia ser melhor do que dinheiro para Priscilla?

— Desisto.

— Os Mills vêm para o jantar na sexta-feira!

Balancei a cabeça.

— Você sabe que ele já é casado, né?

— Sim, eu sei, mas...

— Uma garota pode sonhar — dissemos juntas.

Não foram apenas os Mills que apareceram na sexta à noite. Havia cerca de cinquenta pessoas no coquetel que os Iddrissu ofereceram em homenagem a um dos parceiros sul-africanos do sr. Iddrissu. Magajia se certificou de que todas as superfícies da casa fossem esfregadas ou polidas com perfeição. Priscilla e eu ficamos a postos o dia todo. Uma banda ao vivo chegou mais cedo e foi montada à beira da piscina. Madame contratou uma empresa de bufê que veio com seus próprios garçons. Magajia estava encarregada de ajudar o pessoal do bufê a se preparar e dar a eles o que precisassem da casa. Priscilla ficou de serviço no banheiro e eu, mais uma vez, fiquei encarregada de Aseda.

— Estou tão feliz em vê-la, Naa Amerley — disse tia Fanny, entregando Aseda para mim. Tia Fanny estava com um vestido preto curto, usava sapatos vermelhos de salto alto e batom vermelho brilhante. Aseda usava um macacão azul e branco. — Na noite do aniversário de Zarrah, ela dormiu a noite toda. Não ouvimos um pio

dela.

Posicionei Aseda em meu quadril. Ela estava mastigando um molho de chaves de plástico.

— Espero que a música não a perturbe — disse o sr. Mills, entrando no quarto de hóspedes com a bolsa de fraldas de Aseda. Ele usava um cafetã e mocassins pretos. — Como você está, Amerley?

— Estou bem, obrigada. — Ambos se lembraram do meu nome. Era uma coisa tão corriqueira, me chamar pelo nome, mas significava muito para mim.

— Voltarei para alimentá-la em cerca de uma hora. Chegamos antes de perceber que um *certo alguém* esqueceu de tirar o leite da geladeira — tia Fanny disse, olhando para o sr. Mills.

— Ainda bem que o equipamento da mamãe está sempre pronto, não é? — o sr. Mills disse, abraçando a esposa e lascando um beijo em sua boca bem na minha frente.

— Meu batom — tia Fanny protestou, mas se inclinou para o marido e continuaram se beijando.

Desviei meu olhar. Eles se esqueceram de que eu estava ali. Dei uma tossida leve. Eles se separaram como duas crianças que foram pegas fazendo alguma travessura e me encararam com sorrisos tímidos.

— É melhor nos juntarmos aos outros — disse o sr. Mills, pegando a mão de tia Fanny. — Vejo você mais tarde, Amerley.

Coloquei Aseda na cama quando seus pais saíram, ela fez uma careta e começou a chorar. Balancei a cabeça, eles a mimaram demais. Ela era um daqueles bebês que querem ficar no colo o tempo todo, não sabia ficar sozinha. Eu a peguei e me sentei. Ela começou a chorar novamente e só parou quando me levantei e fui andar pelo quarto.

— Ei, eu não posso ficar andando para cima e para baixo com você por duas horas! Vamos ter que sentar em algum momento.

Ela soltou um murmuro e soprou uma bolha de cuspe na minha cara.

— Não. Você não pode me subornar com beijinhos no ar.

Aseda fez beicinho. Largou as chaves de plástico, agarrou o anel de osso da mãe de Nikoi em minha corrente e o colocou na boca. Um fluxo de saliva escorreu pelo lado de sua boca. Eu a equilibrei no meu quadril

e abri sua bolsa de fraldas. Tinha três trocas de roupa, brinquedos, chocalhos e dois livros. Parece que eles ficariam o fim de semana inteiro em vez de apenas duas horas. Encontrei um pacote de lenços umedecidos e limpei a boca de Aseda.

Criei Tsotsoo praticamente sozinha, por isso sabia muito sobre bebês. Mas Aseda decidiu que eu não poderia deitá-la na cama e nem me sentar com ela no colo. Depois de outra tentativa fracassada de me sentar com ela, a levantei para ficarmos cara a cara e disse:

— Você é muito pequena para ser tão malvada. — Aseda enfiou um punho na boca e sorriu. Não dava nem para ficar com raiva dela, ela era muito fofa.

Tia Fanny bateu na porta depois de uma hora, como prometido. Aseda começou a choramingar e a lutar para sair do meu colo, estendendo os braços para a mãe. Acho que ela sabia que era hora de sua alimentação, porque não se incomodou nem uma vez quando tia Fanny se sentou com ela na mesma poltrona que eu tentei sentar a noite toda. Ela chutou e bateu nos braços enquanto tia Fanny abria o zíper do vestido.

— A paciência é uma virtude — disse tia Fanny, sorrindo para a filha. Aseda agarrou o seio e mamou como se estivesse faminta por uma semana. Usei o tempo para escapar para o meu quarto e pegar um lenço grande. Tia Fanny a estava fazendo arrotar quando voltei. No minuto em que ela saiu, amarrei Aseda nas minhas costas. Suas mãos e pernas estavam cobertas pelo pano. Ela se contorceu em protesto e começou a se agitar, mas fiquei balançando e em minutos ela dormiu.

Soltei-a das minhas costas e, com muito cuidado, a deitei para dormir na cama. Ela fez uma careta quando suas costas tocaram o colchão, mas esfreguei sua barriga, cantarolei e ela voltou a dormir. Deitei-me ao seu lado, grata por descansar os pés, e arrumei travesseiros do outro lado para que ela não caísse. Fechei os olhos, pretendendo apenas “descansá-los”, como tia Fanny fez na noite da festa de Zarrah. Não sei quando cochilei.

Acordei com o cheiro de fumaça de cigarro. Soube imediatamente que alguém estava no quarto conosco. Enrijei e tentei fingir que ainda estava dormindo, mas meu coração estava batendo tão forte que mal conseguia respirar. Os sons do coquetel chegavam ao quarto, as pessoas ainda estavam lá. A respiração constante de Aseda me garantiu que ela

ainda estava dormindo. Fiquei me perguntando se alguns convidados tinham entrado no quarto. O que queriam? Não sabiam que cigarro fazia mal para bebês?

Esforcei-me para abrir os olhos. General estava sentado na cadeira em que tia Fanny tinha se sentado quando amamentou Aseda. Ele me encarava com seus olhos inexpressivos. Os pelos dos meus braços e da minha nuca se arrepiaram. Ele continuou me encarando quando me sentei e ajeitei minhas roupas. O que ele queria? Ele me denunciaria a Madame por dormir?

Ele soprou uma baforada de fumaça em minha direção. Tossi e tentei espantar a fumaça para longe com as mãos.

— A fumaça faz mal para a bebê.

Ele não mudou a expressão do seu rosto. Continuou sentado ali, fumando, jogando cinzas de cigarro no tapete e me encarando. Quando o cigarro estava na ponta, ele o apagou no braço de madeira da cadeira, se levantou e saiu.

Pulei para trancar a porta e, depois, fui abrir as janelas. Não gostava do General. Ninguém gostava. Bem, talvez Zaed, mas Zaed gostava de todo mundo. O resto da família apenas o tolerava, tia Rosina quase nem isso. Ela costumava tomar seus comprimidos quando ele estava por perto. Ela e o sr. Iddrissu discutiam constantemente por causa dele, mas nada mudava. O General ia e vinha todo contente e fazia o que queria. Ninguém era capaz de discipliná-lo. Havia algo nele que me deixava desconfortável. Felizmente, ele ficava fora do meu caminho.

Peguei uma toalhinha no banheiro e limpei as cinzas que ele jogou no tapete. Eu tinha acabado de lavar as mãos quando ouvi uma batida na porta.

— Amerley? — tia Fanny gritou com uma pitada de preocupação na voz.

— Só um minuto — eu disse, correndo para destrancar a porta.

Uma carranca tinha tomado conta de seu rosto.

— Por que a porta estava trancada? — Ela entrou no quarto e verificou Aseda.

— Eu não queria que as pessoas entrassem e atrapalhassem o sono dela. Alguém veio aqui para usar o banheiro. — Eu não tinha ideia de

onde a mentira tinha vindo nem por que eu estava protegendo o General.

O sr. Mills, que vinha atrás de tia Fanny, farejou o ar.

— Isso é fumaça de cigarro?

Abri a boca, preparada para contar outra mentira, mas tia Fanny ergueu Aseda e a embalou.

— Deve ter vindo lá de fora. Esses sul-africanos fumam como se não houvesse amanhã.

— Acha que ela vai dormir a noite toda de novo? — o sr. Mills perguntou, passando um dedo pelas bochechas rechonchudas de Aseda.

— Espero que sim. Amerley parece ter jeito com ela.

— Gostaria que Jennifer tivesse esse jeito que Amerley tem com ela — disse o sr. Mills.

Eles me agradeceram e saíram do quarto. Arrumei a cama e estava levando a toalha suja para a lavanderia quando Madame mandou Priscilla me buscar.

— O que você fez? — Priscilla perguntou. — O sr. Mills e tia Fanny estavam com ela. Ouvi falarem seu nome, mas não consegui escutar o que disseram.

Meu coração disparou. Estava em apuros porque tranquei a porta? Ou foi porque deixei a bebê deles no quarto cheio de fumaça de cigarro? Deixei a toalha em uma das máquinas de lavar e fui lá fora, onde de fato os Mills estavam parados ao lado dos Iddrissu. A maioria dos convidados tinha ido embora, embora alguns ainda estivessem de pé com bebidas nas mãos, conversando e trocando cartões de visita.

— Madame? — eu disse, de pé com as mãos atrás das costas.

Querido Senhor, por favor, não deixe que eles me mandem embora. Eu gosto daqui. Gosto daqui de verdade. Prometo não reclamar de como a vida é injusta. Por favor, não deixe que me demitam. Por favor.

Madame estava com o astral elevado. Tenho certeza de que o coquetel estava sendo um sucesso estrondoso. Seria o assunto de suas colegas pelas próximas semanas, e isso a deixou feliz. Ela usava um vestido dourado brilhante que se agarrava às suas curvas em todos os lugares certos. As únicas peças de joalheria que usava eram um par de

brincos de diamante em forma de gota e seus anéis de noivado e casamento. O sr. Iddrissu estava ao seu lado, parecendo imaculado em um terno preto.

— Os Mills têm algo para lhe perguntar — Madame disse.

Virei-me para tia Fanny e para o sr. Mills, eles não estavam bravos. O sr. Mills estava até sorrindo.

— Tudo bem se você cuidasse de Aseda uma ou duas vezes por semana?

Era isso? Era isso o que queriam? Só queriam que eu tomasse conta de Aseda?

— Jennifer não leva jeito com ela. Sempre que as deixamos juntas, descobrimos que Aseda chorou o tempo todo em que estivemos fora. Fanny vai voltar ao trabalho. É meio período por enquanto, mas estávamos preocupados em deixar Aseda com Jennifer.

Fiquei tão aliviada que fiquei sem palavras.

— Vamos pagar pelo seu tempo, é óbvio — disse tia Fanny.

— É óbvio — disse o sr. Mills como se fosse um papagaio. Eu teria concordado em tomar conta de Aseda mesmo que não me pagassem.

Olhei para minha patroa e para seu marido.

— A decisão é sua — disse Madame.

— Está bem — concordei.

— Maravilha! Enviaremos Raul para buscá-la. Serão apenas duas vezes por semana por enquanto. Das nove da manhã ao meio-dia. Acho que não vou aguentar ficar longe dela por mais tempo — disse tia Fanny, beijando os lábios rosados da ainda adormecida Aseda. O sr. Mills abraçou tia Fanny e eles sorriram para mim como se eu tivesse acabado de transformar água em vinho.



Comecei a acordar mais cedo às segundas e terças-feiras para conseguir fazer todas as minhas tarefas antes que Raul, o motorista dos Mills, viesse me buscar. A casa deles não era tão grande ou extravagante quanto a dos Iddrissu, mas qualquer coisa maior que um único cômodo me impressionava. A casa era pintada com cores creme e marrom, como a dos Iddrissu. Em vez de plantas com flores, eles tinham uma grande horta no quintal onde cultivavam tomate, alface, repolho, quiabo, cebola, hortelã e inhame. Havia bananeiras, laranjeiras, limoeiros e abacateiros nas margens da horta e, logo ao lado da janela da cozinha, as trepadeiras de um maracujazeiro subiam por uma treliça.

A sala de estar deles era como um santuário de Aseda. Havia fotos dela por toda parte. Fiquei surpresa ao ver que eu estava em uma das fotos — aquela que tiraram no dia do aniversário de Zarrah, quando tia Fanny e Aseda dormiram debaixo da mangueira. Era uma bela fotografia. Embora eu estivesse nela como uma pessoa meio apagada segurando Aseda, fiquei honrada por incluírem a foto em suas paredes. Jennifer também estava em duas das fotos com Aseda. Uma placa em uma das paredes dizia:

**FALE A VERDADE,
MESMO QUANDO SUA VOZ FALHAR.
ANÔNIMO**

Queria perguntar à tia Fanny o que a citação significava, mas eu era muito tímida. Embora ela fosse legal e acessível, eu tinha consciência da diferença de nossos níveis sociais. Não queria que ela achasse que eu pensava nela como uma igual, como alguém com quem eu pudesse conversar sobre coisas normais e cotidianas, como citações em sua

parede, por isso resolvi me concentrar no que estava lá para fazer: cuidar de Aseda.

Os Mills estavam certos. Aseda não gostava de Jennifer. Ela poderia estar roncando em meus braços, mas no minuto em que Jennifer a pegava para colocá-la no berço, ela acordava e começava a gritar.

— Devo ter sido a madame malvada dela em uma vida passada ou algo do tipo — Jennifer me disse uma vez enquanto descascava amendoins cozidos e os levava à boca. Ela era mais alta do que eu e usava um *piercing* no nariz. Quando terminava de fazer suas tarefas, passava o tempo no sofá da sala assistindo a filmes nigerianos. Jennifer tinha um quarto na casa principal. O alojamento dos empregados dos Mills funcionava como depósito. Ninguém morava lá.

Ela não se importou com o fato de os Mills terem me levado para ajudar com Aseda.

— O dinheiro é deles e estou sendo paga do mesmo jeito. Por que eu deveria me importar? — ela disse quando mencionei isso.

O quarto de Aseda era o cômodo mais bonito da casa. Tinha duas vezes o tamanho de nosso quarto em Teshie. Estava pintado em tons de rosa e creme, com flores e borboletas desenhadas nas paredes. Um mensageiro dos ventos estava pendurado em uma das janelas e tremeluzia quando o vento soprava. O berço tinha um dossel rosa-claro. Uma placa com o nome de Aseda, escrito em letra cursiva, estava pendurada em uma das paredes. Na cômoda, além de roupas, havia sapatinhos de bebê e acessórios de cabelo que foram organizados por cor. Quatro álbuns de fotos já estavam preenchidos, e a bebê tinha apenas cinco meses! Bichos de pelúcia enchiam duas cestas. Em outra parede, havia uma prateleira repleta de livros para bebês. Uma cadeira de balanço de bambu com duas almofadas de Ancara estava apoiada na janela que dava para o jardim. Tia Fanny costumava se sentar ali para alimentá-la.

Cuidar de Aseda era muito fácil. Em sua casa, ela me permitia colocá-la no chão por alguns minutos ou segurá-la no colo quando me juntava a Jennifer para assistir aos filmes. Não sei o que Jennifer fazia na casa dos Mills; era sempre uma bagunça e ninguém se incomodava com isso, muito menos Jennifer. Às vezes, eu chegava de manhã e encontrava a pia cheia de pratos do café da manhã e Jennifer já em seu posto na frente da TV. Outras vezes, tinha uma pilha de roupas para lavar e

Jennifer dizia que estava muito cansada, mas nunca estava cansada demais para comer e estava sempre petiscando alguma coisa — batatas fritas, amendoim cozido, pipoca.

Jennifer era uma péssima cozinheira. Ela não cozinhava nem arroz direito. Geralmente, às segundas e terças-feiras, tia Fanny comprava comida quando voltava do trabalho. Ela sempre comprava para mim também e, embora me convidasse para a refeição com ela e Jennifer, sempre recusei. Eu levava minha comida para a casa dos Iddrissu e às vezes dividia com Priscilla e Nii Okai. Era muito estranho pensar em me sentar à mesa e comer com tia Fanny.

— Você está me evitando? — Nikoi perguntou quando atendi o telefone no sábado seguinte.

Suspirei. Seria uma daquelas noites. Ele estava de mau humor e eu não estava com vontade de mimá-lo. Já passava das nove horas. Às dez para as oito, fui chamada à casa principal para limpar o banheiro de Zarrah. Ela estava em uma fase de cuidados com o corpo e experimentando novos produtos de banho; tinha enchido a banheira com água, despejado cerca de meia garrafa de algum produto novo que fez bolhas e acabou transbordando da banheira. Passei trinta minutos limpando o chão.

— Fui chamada à casa principal para limpar o banheiro que inundou, por isso não estava aqui às oito.

Nikoi ficou em silêncio. Não sei se ele acreditava em mim ou não e, francamente, naquele momento, nem me importava. Estava cansada e só queria ir para a cama.

— Tem certeza?

— Nii, eu disse por que não estava aqui às oito. Se você acredita em mim ou não, é problema seu.

Ele suspirou.

— Desculpe. Isso é mais difícil do que eu esperava.

Meu coração derreteu.

— Eu sei. Temos pouco mais de um ano pela frente e aí eu termino aqui. E adivinha?

— O quê?

— Lembra aquele trabalho de babá que eu falei para você?

— Hum-hum.

— Paga tão bem que já tenho o suficiente para comprar uma máquina de costura!

— Mesmo? Mas essa é uma ótima notícia! Parabéns!

Dava para ouvir o sorriso em sua voz e isso me deixou feliz.

— Você ainda vai voltar para casa na semana que vem?

— Sim. Em carne e osso, ao vivo e em cores — respondi com um enorme sorriso no rosto.

Os Iddrissu me deram duas semanas de folga para visitar minha família. As escolas de Ensino Médio estavam de férias e Madame e seus filhos estariam fora do país no próximo mês.

— Nem acredito.

— Eu também não. Não vejo a hora de voltar. Estou com muita saudade.

— Também estou com saudade.

Conversamos até Nikoi ficar sem créditos. Subi na cama e sonhei com ele e minha família.

Depois de oito meses, eu finalmente iria para casa.



Irmã Amerley! Irmã Amerley! — Tsotsoo chorou, correndo em direção ao carro, seguida por cinco colegas. Fiquei contente ao ver que ela estava completamente vestida, até usava *charley-wotes* limpos nos pés. Em um canto do pátio, um grupo de meninos que estava brincando parou para ver o carro chegar à nossa porta.

— Ei, olhe, você virou uma madaminha! Tenho certeza de que suas irmãs vão fazer todo o trabalho da casa. Vai poder até dormir e acordar ao meio-dia, se quiser — Nii Okai brincou quando outros vizinhos saíram de seus cômodos para ver eu sair do carro.

Amorkor se levantou da varanda onde estava cozinhando *banku* em um pote de carvão. Quando o vento soprou, as brasas dançaram ao redor do pote preto. Ela me abraçou tão forte que quase não consegui respirar. A colher de pau ainda estava em sua mão e um pouco da mistura quente de milho e mandioca escorreu pelo meu braço.

— Vá terminar de cozinhar o *banku* senão vai ficar todo encaroçado — eu disse.

— Ah, irmã Amerley, você quer comer *banku*? Vamos comprar arroz frito para você — disse Amorkor.

— Não precisa. Senti falta de comer *banku* com pimenta.

— Já, já fica pronto — disse ela, enfiando um dedo na massa de cozimento para verificar a consistência.

— Ei, vocês não usam mais o barracão na parte de trás para cozinhar? — perguntei quando notei as novas prateleiras na parede que abrigavam a maioria dos nossos utensílios de cozinha. Dois sacos de carvão foram colocados no canto da varanda.

— Não, não mais. Nuumo até transformou em outro curral de cabra.

— Que bom para todo mundo, cozinhar na estação chuvosa era sempre uma chateação!

Nii Okai tirou minhas malas do porta-malas e as crianças correram para pegar e carregá-las até o nosso quarto. Ele voltou para o carro.

— Você não vai ficar e comer? — perguntei.

— Magajia quer que eu busque algo da Spintex²⁰ para ela. Talvez daqui a duas semanas, quando eu vier buscar você.

— Tomara que essas duas semanas não passem rápido demais — eu disse enquanto ele entrava no carro.

— Vão passar, quando você piscar, já passaram. Quando queremos que o tempo pare, é quando ele voa, e quando queremos que ele passe rápido, é quando ele para — disse Nii Okai e foi embora.

Andei por todo o complexo cumprimentando os nossos vizinhos e oferecendo sorrisos falsos porque sabia que a maioria esperava que eu tivesse trazido presentes.

— Ei, Amerley, é você? — Ofoe-mami perguntou a caminho de sua barraca. Ela estava andando atrás de dois homens que empurravam uma carroça carregada com bacias de seu *kenkey*, cestos de peixe frito e camarões e baldes de tinta de *shitɔ* nas cores vermelha e preta. — Ei, olhe como você virou uma garota fina.

Dei-lhe um sorriso falso e murmurei algo sobre a graça de Deus. Uma das garotas da vizinhança veio jogar água suja na sarjeta em frente a Ofoe-mami. Espirrou um pouco em sua perna.

— Ei! *Olu? Kwɛmɔ buului anii ni ofee!* — ela gritou, se virando para a garota.

Aproveitei a oportunidade para escapar e voltei para o nosso cômodo. Conhecendo Ofoe-mami, ela não ia parar de reclamar até que toda a vizinhança soubesse o que tinha acontecido.

— Onde está Amerley-mami? — perguntei enquanto puxava um banquinho e me sentava ao lado de Amorkor na varanda. Ela se sentou em outro banquinho na frente do pote de carvão. Pedacos de carvão queimavam em vermelho vivo dentro do pote. Chamas de fogo azuis e vermelhas lambiam o fundo do caldeirão preto. Amorkor colocou os pés nas barras de metal que sustentavam o pote de carvão. À medida que a mistura engrossava, toda a parte superior do seu corpo e seus braços se moviam em um ritmo próprio para deixar o *banku* suave e macio. Eu estava orgulhosa dela, a ensinei bem.

— Ainda está no mercado. Agora ela sai às cinco da manhã e volta às sete da noite, às vezes às oito. Quando chega, está tão cansada que só janta e dorme — disse Amorkor, moldando o *banku* em uma cabaça.

— Então o negócio dela está indo bem, né? — Fiquei feliz em ver que a tela da porta tinha sido substituída. Um tapete de boas-vindas com todas as letras estava na frente da porta.

— Muito bem. Agora ela compra as mercadorias em Togo. Lá é mais barato.

— E quem está em casa quando Tsotsoo volta da escola?

— Tsotsoo tem aulas de francês três vezes por semana. Nos outros dois dias, aulas de informática. Quando minha aula termina, vou buscá-la e voltamos para casa juntas.

— Que bom!

— Sim, Amerley-mami disse que um dos clientes falou para ela que todas as crianças importantes sabem francês e mexer no computador.

— E Amarkai? O que ela faz depois da escola? Por que ainda não chegou?

— Irmã Amerley, você ainda pergunta? Ela passa o tempo todo na clínica.

Tsotsoo saiu do quarto com um copo de água gelada.

— Ei, temos uma geladeira agora? — perguntei, aceitando a água. Percebi que era um copo novo. Não havia lascas ou rachaduras. Bebi toda a água.

— Sim, um frigobar. Amerley-mami faz ensopado e sopa para a semana inteira no sábado — respondeu Amorkor.

— Irmã Amerley, olhe — Tsotsoo disse, sorrindo para mim.

— O quê? — perguntei.

Ela abriu ainda mais o sorriso. Foi então que notei seus dentes. Os dois da frente tinham crescido, eram grandes. Cerca de duas vezes o tamanho dos que tinha perdido.

Eu ri.

— O lagarto não pegou, hein?

Ela balançou a cabeça.

— Tsotsoo, traz um prato de vidro para a irmã Amerley.

— Não, está tudo bem. Vamos todas comer juntas. Como fazíamos.

— Tem certeza?

— Sim.

Ela moldou uma bola grande de *banku* e a pôs em uma tigela; guardou duas bolas menores em duas tigelas diferentes — uma para Amerley-mami e outra para Amarkai. Então, deixou a panela com *banku* em um canto da varanda e derramou um pouco de água dentro. Tsotsoo limpou a mesa de madeira, colocou um copo e uma garrafa de água e me trouxe uma tigela com água para lavar as mãos. Amorkor esquentou um pouco de *bɔbi tadi* no fogão, o cheiro de *bɔbi* me deu água na boca. Não comia *bɔbi* desde que me mudei para East Legon. Amorkor pegou o *asanka* e rapidamente moeu um pouco de *kpakpo shitɔ*, um tomate e metade de uma cebola pequena. Mandeí Tsotsoo comprar uma lata de sardinha, a abrimos e despejamos no *asanka*. O óleo da sardinha flutuou em cima da pimenta.

— Isso fez eu me lembrar de que a irmã Sheba trouxe alguns abacates para nós — disse Amorkor, que desapareceu lá dentro, voltou com dois abacates e os cortou sobre a pimenta.

Assim que Amorkor colocou o guisado na mesa, peguei uma bola de *banku*, a moldei e a mergulhei no *bɔbi tadi*. *Banku* com guisado de anchovas era uma das minhas refeições favoritas, mas ninguém comia anchovas na casa dos Iddrissu. A bola de *banku* queimou o céu da minha boca e abriu um buraco na minha garganta enquanto descia. Dava para sentir a bola quente se instalar no meu estômago. Usei os dedos para abanar a boca e bebi mais um pouco de água, Tsotsoo tinha enchido o copo de novo. Acalmei-me depois disso e soprei o *banku* antes de engolir.

Amarkai chegou em casa enquanto estávamos comendo. Depois de quase derrubar a mesa quando se inclinou para me abraçar, ela lavou as mãos e se juntou a nós. Depois do jantar, minhas irmãs me seguiram até o quarto. Fiquei surpresa ao descobrir que tinha sido pintado e Amerley-mami havia comprado um ventilador de pé. Abri minha mala e tirei os livros da saga *Crepúsculo* e alguns outros que Zaed tinha me dado, assim como o par de sandálias que Zarrah havia jogado fora, e dei para Amorkor. Para Amarkai, dei um par de sapatos e um velho livro sobre cachorros que o sr. Iddrissu tinha descartado. As duas dividiram uma tonelada de roupas de Zarrah. Tsotsoo pegou as bonecas velhas,

brinquedos e joias de plástico de Zarrah. Ela gritou de alegria e começou a pular para cima e para baixo.

Coloquei três vestidos de tia Rosina, duas bolsas, uma carteira e um par de tamancos de salto baixo na cama para Amerley-mami. Enquanto minhas irmãs se alegravam com seus presentes, peguei minha toalha e minha esponja. Amarkai tirou água de um tambor na varanda e levou até o banheiro para mim. Amorkor já tinha estendido seu colchão e começado a ler o primeiro livro da saga *Crepúsculo*. Tsotsoo estava na cama de Amerley-mami conversando com seus novos brinquedos.

Quase fugi do banheiro quando pus os pés lá. Tinha me esquecido do mofo verde nas paredes, do cheiro de urina e das minhocas que rastejavam entre as conchas das ostras. Algumas coisas mudaram, mas outras permaneciam as mesmas. Eu precisaria de galões de água sanitária para limpar direito.

— Vocês não limpam o banheiro? Está tão nojento — eu disse assim que voltei para o nosso quarto.

— Ei, não faz nem um ano ainda e você já está bancando a todopoderosa — disse Amerley-mami. — Cuidado ou as pessoas vão dizer que você ficou muito metida. — Minha mãe tinha chegado em casa e estava comendo *banku* e *bɔbi tadi*.

— Boa noite. Não vi você.

Amerley-mami não me via nem falava comigo havia oito meses. Achei que ela seria mais acolhedora. Estava errada. Será que ela ainda não tinha me perdoado pela briga que tivemos antes de eu ir embora?

— Então, como você está? — ela perguntou, moldando a última bola de *banku* na mão.

— Estou bem.

Ela assentiu com a cabeça e saiu para lavar as mãos. Depois voltou, pegou a toalha e foi tomar banho. Enquanto ela tomava banho, as luzes se apagaram.

— Ah, pensei que racionavam luz só durante o dia — eu disse. Os Iddrissu têm um gerador reserva. As luzes nunca ficam apagadas por mais de trinta segundos na casa deles.

— Irmã Amerley, *paa*, é normal faltar luz — disse Amorkor, acendendo uma lâmpada recarregável que ela colocou ao lado do

travesseiro e continuou lendo.

Quando Amerley-mami voltou, foi direto para a cama. Não entendi por que estava sendo tão fria comigo. Nem fingiu estar interessada no trabalho que eu fazia para os Iddrissu. Eu não estava fazendo o que ela queria? Ela não percebia tudo o que eu estava sacrificando pela família? O que mais ela queria que eu fizesse? Mesmo fingindo não me importar, isso me machucou muito. Deitei-me no meu colchão, no calor, e esperei o sono chegar.

Quando acordei na manhã seguinte, todas já tinham saído. Eram quase nove da manhã. Fiquei surpresa por não ter ouvido enquanto se preparavam para o trabalho e para a escola. Peguei um copo de água, fui atrás da casa e escovei os dentes. Eu estava voltando para o quarto quando alguém chamou meu nome do outro lado do complexo.

— Ei, Amerley! Amerley! Então é verdade.

Virei-me para ver quem era. Era Sheba. O filho estava amarrado às suas costas.

— **Atuu** — ela disse, me abraçando. Eu a abracei de volta. Ela cheirava a fumaça de lenha e urina. Tinha uma mancha molhada no tecido com o qual amarrou o bebê nas costas. Ela desamarrou o filho e o ofereceu para mim. Ele tinha contas brancas nos pulsos e nas pernas, e vestia uma blusinha branca e uma cuequinha de algodão, que estava molhada de urina. Ele não usava fraldas como Aseda. O nariz dele estava escorrendo e quase sujando a roupa, e Sheba usou a batinha de sua blusa para limpar.

— Ah! Sheba, você está grávida de novo?

Ela riu.

— Dá para perceber? Pensei que ainda não estivesse aparecendo.

— Mas ele não tem nem nove meses ainda.

Ela riu mais um pouco.

— Aconteceu. Ave-Maria! E você e Nikoi? Ele não vai esperar você para sempre. Você está lá longe, alguém vai roubar ele de você.

— Sheba, eu nem tenho um bom emprego ainda. Onde Nikoi e eu vamos morar?

— Ah, se você está esperando ter uma casa e um bom emprego, então, minha irmã, você vai esperar para sempre...

Assim como Aseda, o bebê de Sheba agarrou o anel de osso em volta do meu pescoço com as mãos sujas. Levou direto para a boca. Ele babou saliva e catarro no meu pescoço.

— Ah, ele gosta de você — Sheba balbuciou e usou a bainha de sua blusa para limpar a saliva do bebê do meu pescoço.

— Qual é o nome dele? — perguntei.

— Adivinha — disse ela, rindo.

— Nii...

Ela balançou a cabeça antes de eu terminar.

— É um nome bíblico.

— Pedro?

Ela negou com a cabeça.

— Paulo?

Ela negou de novo com a cabeça.

— É um nome incomum.

— Bartolomeu?

Ela revirou os olhos.

— Jericó?

— Minha nossa! Por que eu daria o nome de Jericó para o meu filho?

— Desisto. Qual é?

Ela abriu um sorriso tão largo que deu para ver o espaço de onde ela havia arrancado um de seus molares.

— Hosanna.

Olhei para ela.

— O que isso significa?

— Por que você está me perguntando, você não é *Osofo Maame*? Significa “salve-nos”.

Olhei para Hosanna, que estava ocupado chupando o anel de osso, e torci para que ele não acabasse como eu — tendo que trabalhar em algum lugar para pagar as contas de sua família.

— Pena que você não estava aqui na cerimônia de nomeação, foi

espetacular! Fechamos a rua daqui até lá — ela se virou para me mostrar —, tinha até uma banda ao vivo. Costurei *kaba* e *slit*, um estilo elegante com as mangas de renda, e envolvi minha cabeça em um *gele*. Queria que você tivesse me visto, eu estava *muuaah*. — Ela colocou todos os cinco dedos nos lábios e os beijou.

— E como você pagou pelas roupas, pela festa?

Ela encolheu os ombros.

— Tsina pediu dinheiro emprestado. Eu falei que queria uma grande cerimônia de nomeação ou então o bebê não teria seu nome. Depois de todo sofrimento que passei na maternidade, era o mínimo que ele podia fazer.

Fiquei ali, boquiaberta, incrédula. Eles não podiam pagar nem duas refeições por dia, mas organizaram uma grande cerimônia de nomeação para o bebê.

— O quê? *Yɛbɛwu enti yɛrenna*? Amerley, pena que você não estava aqui! Nós nos divertimos tanto. Na hora que dancei, as pessoas colocaram dinheiro na minha testa. No fim do dia, eu tinha cento e vinte e cinco cedís.

Sorri. Conhecendo Sheba, ela guardou todo aquele dinheiro para si mesma. Duvido que Tsina tenha ficado com um pesewa que seja.

— Como está no trabalho?

— Tudo bem, a não ser aqueles *aaba ei*, mas se damos algum cedi para eles, não amolam de novo.

— Trouxe algumas roupas para você.

Os olhos dela se iluminaram quando me seguiu para o nosso cômodo.

Hosanna escolheu esse mesmo momento para fazer xixi em mim.

— Eu disse que ele gosta de você! Quando um bebê faz xixi em alguém, significa bênçãos, *ɔɔɔ*!

Minha próxima visita naquele dia foi Nikoi. Que bom que já tinha tomado banho e trocado de roupa quando ele chegou. Joguei meus braços ao seu redor e agarrei ele.

— Achei que você estivesse no trabalho!

— Falei para o meu patrão que comi uma comida de beira de estrada que não me caiu bem. Disse que estava com piriri desde cedo.

— E se ele descobrir? Tenho certeza de que já viram você aqui. As pessoas falam, sabia?

— Deixe as pessoas falarem — disse ele e me levou para a cama de Amerley-mami. Quando me deitou no colchão, deslizou a mão para dentro da minha blusa. Eu me afastei.

— Eu tinha que tentar — disse ele, sorrindo.

— Não vai mudar, não importa quantas vezes você tente. O que aconteceu com a sua barba?

Ele estava deixando a barba e o bigode crescer, mas não se preocupou em aparar. O cabelo desgrenhado crescia por todos os lados e estava mais comprido em algumas partes e mais curto em outras.

— Gostou? Ouvi dizer que estou mais *sexy* — disse ele, acariciando a barba.

— Está mais despenteado — eu disse, empurrando-o para longe. — E arranha meu rosto.

Ele puxou o colar do meu peito.

— Você ainda tem isso?

— Você não achou que eu ia jogar fora, achou?

— É o meu anel de compromisso. — Ele me beijou. — Pensei em você todo santo dia.

— Também pensei em você dia e noite. Senti tanta saudade — eu disse, apertando mais o abraço.

Ele sorriu.

— Achei que você já tivesse me esquecido.

— Mas conversamos toda semana, quando você liga.

Ele levantou um dos braços e pôs a mão na cabeça. O cheiro de sua axila me atingiu. Era assim que eu cheirava quando cheguei na casa dos Iddrissu? Olhei mais de perto sua camiseta preta e ela fedia e tinha crostas secas de saliva e de *kenkey*.

— Você usou desodorante hoje? Quando foi a última vez que lavou essa camiseta?

Deixou o braço cair ao lado do tronco e se afastou de mim.

— Por quê? Estou fedendo?

— Eu não quis dizer isso, saiu de forma errada — eu disse, me aconchegando perto dele. — Mas você tem um cheiro um pouco forte.

Ele se afastou de mim.

— “Um pouco forte” era bom para você antes. Eu sempre tive esse cheiro.

— Nikoi, por favor, só vou ficar mais treze dias aqui. Por favor, não vamos brigar. — Eu me levantei e fui em direção à minha mala. — Aqui, trouxe algumas coisas para você — disse, pegando algumas das roupas e dos sapatos velhos do General e de Zaed. Nikoi olhou para mim como se eu o tivesse insultado e caminhou até a porta.

— Não preciso de suas esmolas.

Eu o segui porta afora e desci até a praia para onde ele estava indo, tentando não pisar nas roupas que as pessoas tinham deixado para secar na areia. Senti saudade do oceano, de ouvir o rugido das ondas e do cheiro salgado do ar. Senti saudade dos sons das gaivotas guinchando, da cacofonia de vozes enquanto os pescadores e peixeiros regateavam os preços e da sensação da areia nos meus pés, mas não desfrutei nada disso, queria apenas alcançar Nikoi.

— Nikoi, espere, por favor, espere — pedi, agarrando seu braço.

Ele empurrou meu braço para longe e caminhou pela praia.

— Nikoi, eu não quis insultar você. Você fez muito por minhas irmãs e por mim. Eu queria mostrar o meu carinho.

Ele se virou para me olhar e parecia magoado.

— Meus amigos estavam certos; isso não vai funcionar.

— Nikoi, o que não vai funcionar?

— Você e eu... nós. Você saiu daqui há oito meses e já mudou muito.

— Eu? Eu não mudei. Eu ainda sou eu.

— Sério? Estou com você só faz dez minutos e você já está me criticando!

— Eu não estava... não estou criticando você.

— Sério? Primeiro você finge estar surpresa em me ver...

— Eu não estava fingindo...

— Ah, é? E aquele interrogatório sobre eu não estar trabalhando?

Olhei para ele com surpresa.

— Depois você diz que estou “despenteadado”. Então, fala que meu cheiro é forte e me traz roupas de um garoto rico porque de repente o jeito que me visto não é mais bom o bastante para você.

— Nikoi, isso não é verdade!

— Não é? Se você ainda me ama, como é que nunca me ligou, nem uma vez sequer?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você sabe que eu não tenho telefone. O telefone fixo para onde você me liga só recebe chamadas!

— Você quer que eu acredite que aquelas pessoas ricas não deram um telefone velho para você? Parece que eles deram de tudo para você... Meus amigos estavam certos!

— Você vai parar de falar nos seus amigos? Nós é que temos que conversar!

— Eu sei. É melhor terminarmos agora. Não faz sentido prolongar tudo isso. Quando você começar a frequentar a escola de moda e conhecer pessoas importantes, vai ficar pior ainda.

Eu tinha um nó na garganta.

— Nikoi, eu amo você. Desculpe se o magoei, mas...

Ele agarrou meus braços.

— Se você me ama, deixe o emprego e volte para cá. Você tem sua máquina de costura agora. Eu tenho algum dinheiro guardado. Podemos usar como depósito com a madame daqui. Estou trabalhando em um acordo com uma instituição financeira em Acra Central; se der tudo certo, vou dirigir um táxi em breve e lhe dou o resto das coisas que você quer. Não volte. Fique aqui comigo, Amerley.

— Eu não posso. Tenho que pensar nas minhas irmãs. Não posso quebrar o acordo de Amerley-mami com tia Rosina. Além disso, não foi você mesmo que disse que trabalhar lá era uma grande oportunidade para mim?

— Eu disse, mas isso está mudando você.

— Não, não está!

Ele soltou meus braços.

— Você nem consegue perceber que mudou. O que vai acontecer na próxima vez que vier para cá? Você vai pensar que é boa demais para mim e me largar. Não faz sentido continuar com isso. Vamos acabar com isso agora.

— Simples desse jeito?

Ele desviou o olhar.

— Vai ser melhor assim.

Muito antes de conhecer Nikoi, eu tinha decidido que nunca imploraria para um homem ficar comigo se ele não me amasse. Eu nunca seria uma daquelas garotas que paravam de viver porque um homem a deixou.

Ele se virou e continuou andando pela praia. Segurei o anel de osso que ele me deu. Nunca em um milhão de anos pensei que faria isso. Fiquei ali olhando ele partir — e sentindo meu coração se quebrar em dois.

20. Spintex é a região de Acra que circunda a via de mesmo nome e se tornou um badalado ponto turístico da cidade.



assei a maior parte da primeira semana em casa evitando Nikoi. Isso significa que não podia ir à estação de *trotro* ou à feira noturna. Foi terrível. Jurei que nunca choraria por um homem, mas não aguentei. Chorei e chorei e chorei. Vestia uma cara de corajosa na frente das minhas irmãs e fingia estar animada com as histórias que elas me contavam. Nunca imaginei que um rompimento pudesse machucar tanto. Meu coração estava em carne viva, como se alguém o tivesse passado em um ralador e, depois, jogado sal na ferida.

— Dê um tempo para ele — Sheba me disse enquanto balançava Hosanna em seu joelho. Acabei virando babá de Hosanna. Sheba o deixava comigo de manhã antes de sair para vender suas coisas. O leite de Sheba não era suficiente para o filho, então ela trazia um frasco de *koko* todas as manhãs quando o deixava e eu lhe dava quando tinha fome.

— Quanto tempo você acha que eu devo esperar? Tenho menos de uma semana. E se ele não me procurar até eu voltar para a casa dos Iddrissu, como vamos conversar?

— Vou falar com ele. Se não funcionar, vou pedir para o Tsina falar com ele. Ele só está assustado porque você ficou muito chique.

Eu? Chique? Essa não era uma palavra que usaria para me descrever.

— Não sou chique — eu disse.

Sheba revirou os olhos.

— Sim, você é. Olhe suas roupas e o jeito que você fala. Até a maneira como você anda mudou.

Discordei com a cabeça.

— Ainda sou a mesma pessoa. Não mudei nada.

Ela olhou para mim e sorriu.

— É disso que eu gosto em você, Amerley. Você não entende muito as coisas.

Não concordei com ela, mas fiquei quieta. Discutir exigia muita energia, e, depois de chorar por Nikoi naquela noite, já não tinha nenhuma.

— Existe... Ele tem outra garota?

— Quem, Nikoi? — Sheba negou com a cabeça. — Óbvio que não. O que ele ia querer com outra garota quando ele tem você?

— Talvez...

— Talvez nada. Você sabia que ninguém vai usar o telefone público às oito da noite? Aos sábados? Todo mundo sabe que é nessa hora que o Nikoi liga para você. Quando vemos ele indo no rumo do telefone público aos sábados, já sabemos que são quase oito horas. Ele adora você. Queria que Tsina me tratasse do jeito que Nikoi trata você.

Se ele me adora tanto, por que é que terminou comigo?

— Você conseguiu sua máquina de costura e isso deve ter piorado as coisas.

— O que você quer dizer? Ele ficou feliz quando eu disse que finalmente tinha comprado a máquina de costura. Ele me apoiou tanto. Como assim?

Sheba encolheu os ombros e aconchegou Hosanna um pouco mais.

— Os homens gostam de se sentir necessários. Quando era ele quem sustentava você e suas irmãs, ele sabia que você precisava dele, sabia que era importante para você. Agora ele não sabe muito bem por que você está com ele, já que você deve conhecer taxistas que estão melhor de vida do que ele todos os dias.

— Isso não faz o menor sentido. Eu amo o Nikoi. Eu escolhi ele.

Sheba olhou para mim com surpresa.

— Você está percebendo só agora que os homens *não* fazem sentido?

Passei a semana seguinte tentando falar com Nikoi. Ele nunca estava no terminal quando eu ia lá e, à noite, não estava no casebre de Tsina ou em nosso lugar na praia. Na minha última noite em casa, tentei mais uma vez.

Ouvi as cordas do violão antes de chegar aos coqueiros. Eu estava tão agradecida por finalmente tê-lo encontrado! Isso era um sinal, certo? Se o que Sheba disse era verdade, ele tinha que saber que ainda era importante para mim.

Eu me sentei na areia ao lado dele. Ele me ignorou. Quando terminou a música que estava tocando, segurei sua mão.

— Desculpe se fiz você sentir que não era bom o suficiente para mim — forcei as palavras a sair. Um nó tinha se formado na minha garganta e minhas lágrimas ameaçavam cair. — Eu só queria fazer algo de bom para você. Você é tão bom para minha família, tão bom para mim. Nikoi, por favor, me dê uma segunda chance.

— Amerley, não...

Vi a dor em seus olhos. E me senti melhor, mas não muito. Pelo menos eu não era a única que estava sofrendo. Resolveríamos as coisas. Sim, nós resolveríamos as coisas.

— Por favor, Nikoi. Só me dê uma segunda chance. E se mudássemos nosso horário para as nove da noite? Ninguém nunca me chamou para ir à casa principal às nove da noite. Falta pouco mais de um ano. No ano que vem, a uma hora dessas, estarei quase voltando. Por favor, Nii, dê uma segunda chance para nós.

Ele apertou minha mão e um lampejo de esperança se desenrolou dentro de mim.

— Estou com tanto medo de perder você, Amerley.

— Eu estou bem aqui. Você nunca vai me perder. Escolhi você, Nikoi. Sempre vou escolher você. — As lágrimas desciam pelo meu rosto mais rápido do que eu conseguia enxugá-las.

Nikoi apertou minha mão mais uma vez e a soltou. Naquele instante, soube que o tinha perdido.

— Volte para a casa dos Iddrissu — disse ele, sem malícia. — Se matricule na escola de moda e abra sua própria loja quando terminar o curso. Encontre alguém que ame você e que não seja um fardo que nem eu. Você merece uma vida boa, Amerley, e eu não quero ser a pessoa que a impede de conseguir isso.

— Não, Nii...

— Shh... — Ele colocou um dedo em meus lábios e beijou minha

testa. — Voltar é a coisa certa a fazer, Amerley. Foi egoísta da minha parte pedir para você ficar. Me esqueça. Você vai conhecer alguém melhor. — Ele se levantou e pôs o violão no ombro.

Eu não sabia que era possível um coração já partido se partir novamente. A dor era muito mais profunda do que na semana anterior.

— Nii, espere — eu o chamei, indo atrás dele.

Ele parou, se virou. Estava a poucos passos de mim, mas parecia que estávamos a oceanos de distância. Coloquei as mãos atrás do meu pescoço para soltar a corrente de ouro com o anel de osso que ele me deu.

Ele colocou a mão na minha para me parar.

— Fique com o colar e com o anel. Deixe aí para se lembrar de mim... do amor que um dia vivemos.

Quando Nii Okai veio me buscar no dia seguinte, fiquei feliz por deixar Teshie. Talvez a distância fizesse eu esquecer Nikoi.

— Ele é um idiota — Priscilla disse quando contei que Nii e eu terminamos. Ela me convidou para sair com ela, para conhecer alguns amigos, mas eu não estava interessada.

A vida com os Iddrissu continuou como de costume. Permaneci ocupada durante o dia e, à noite, estava tão cansada que dormia no minuto em que minha cabeça tocava o travesseiro. Não tinha tempo para pensar em Nikoi.



i, Amerley, olhe para o meu rosto, olhe. — Priscilla se afastou do espelho para me encarar.

— Fique parada para eu poder terminar o que estou fazendo.

Ela ficou parada enquanto eu terminava de fazer a bainha do vestido com a agulha. Cortei a linha com os dentes e cuspi o pedaço da boca.

— Pronto, agora sim.

Ela girou na frente do espelho.

— Hoje, *deÉ*, estou um arraso!

Passei os últimos três dias consertando um dos vestidos de Madame para caber em Priscilla, e agora, olhando para o trabalho feito, me orgulhei do que tinha conquistado. Se eu podia fazer aquilo com talento bruto, o que eu seria capaz de fazer depois de receber treinamento formal? Ansiava que o próximo ano passasse rápido para que pudesse finalmente começar a estudar na House of Style.

— Amerley, olhe bem para este rosto negro. Não diga que não me conhece quando ficar famosa.

Revirei os olhos, coloquei a mão no meu coração e, com uma cara séria, disse:

— Prometo que não vou esquecer você.

Ela contraiu a barriga enquanto eu fechava o zíper na parte de trás do vestido. Espero que o zíper não quebre quando ela estiver na festa com suas amigas da agência. Uma das amigas de Madame estava dando uma festa para ajudá-la. Priscilla tinha convidado eu e Nii Okai, mas recusei. Sheba e minhas irmãs passaram a me ligar aos sábados. Era por elas que eu ficava sabendo de Nikoi, o que ele estava fazendo. Eu sabia que era patético, mas, agora que não estávamos nos falando, eu me sentia melhor quando ouvia notícias dele. Elas me contaram que agora ele

dirigia um táxi.

Priscilla calçou um par de sapatos de salto azuis que Zarah doou. Priscilla tinha dezenove anos, Zarah tinha treze. Os sapatos eram para uma menina de treze anos, mas Priscilla insistiu, fizesse chuva ou sol, que esses eram os pares que ela usaria com aquele vestido. Ela completou o visual com um cinto azul largo e girou mais uma vez na frente do espelho.

— Fale para mim, vai — disse ela, me olhando do reflexo no espelho.

Eu ri.

— Você está um arraso!

Ela sorriu e pegou a bolsa, também da Madame, assim que Nii Okai a chamou na frente da porta:

— Eu não estou pagando a mais pelo táxi!

Ela revirou os olhos e gritou:

— Estou indo, estou indo!

Ela colocou um pouco mais de *gloss* nos lábios e se encharcou com metade do frasco de perfume.

— Ainda não é tarde demais para mudar de ideia, hein? A Madame e a srta. Zarah não voltam esta noite. Elas vão ficar com a irmã dela depois da recepção do casamento e vão para o culto de Ação de Graças na igreja com o casal amanhã. Magajia está dormindo como um bebê, não vai ouvir nada, e voltamos bem antes de amanhecer.

Discordei com a cabeça, recusando o convite.

— Priscilla! — Nii Okai gritou novamente.

— Nii Okai, você quer que eu faça o quê? O quê? Foi você que recebeu o convite? Não me apressa, eu já disse que estou indo!

Ela acenou para mim e saiu pela porta, com Nii Okai a repreendendo em voz alta enquanto a seguia de perto.

Fui ver que horas eram. Eram apenas sete e meia da noite. Tinha mais meia hora antes que Sheba e minhas irmãs ligassem. Fui me deitar no sofá para ver um pouco de TV. Enquanto estava mudando de canais, meus olhos caíram sobre o conjunto da trilogia *O Senhor dos Anéis*, que Zaed tinha me emprestado. Peguei os livros e fui até a casa principal. Ia começar um novo livro enquanto esperava a ligação delas.

A casa dos Iddrissu estava um breu. Subi as escadas e bati na porta de Zaed, que estava entreaberta. A música estava tocando alto em seu aparelho de *home theater* com som *surround*. Era um *rap* dos Estados Unidos mais rápido que Sarkodie²¹. Bati outra vez e abri a porta.

Zaed e General estavam sentados um ao lado do outro em frente à TV de tela plana jogando um jogo de corrida de carros. General me viu primeiro e baixou o volume do som. Ele estava com um pirulito na boca e um olhar divertido no rosto.

— Você tem visita — disse ele a Zaed.

General nunca tinha reparado em mim antes. Se Zarrah se comportava como se eu não merecesse sua atenção, para General eu devia ser invisível. A não ser naquela noite em que ele olhou para Aseda e para mim enquanto dormíamos, ele não me dava a mínima atenção.

Zaed se virou para me olhar.

— Ah, oi, pode deixar ali.

Coloquei os livros de volta na estante e me virei para sair.

— Não vá, sente aí — disse General. Ele se virou para Zaed. — Sua mãe ficaria horrorizada com sua falta de boas maneiras. Você não vai oferecer uma bebida para ela?

Zaed olhou para o General. Estava meio confuso e apontou para uma das cadeiras. Depois se levantou, pôs uma bebida cremosa em um copo plástico descartável e o entregou para mim. Os copos de ambos estavam cheios da bebida. Olhei para a garrafa, que estava aos pés do General. Era um tipo de licor. Tomei um gole. O sabor era muito agradável, a bebida era cremosa, mas senti o gosto do álcool. Bebi o que estava em meu copo e fiquei olhando eles jogarem. Zaed fazia todo tipo de contorções com os braços, mas estava perdendo. General ficava parado, cotovelos apoiados nos joelhos, movendo seu controle de um lado para outro.

Depois da primeira partida do jogo, eles me pediram para esquentar algumas sobras de *pizza* para eles. Desci as escadas e fiz exatamente isso. Levei alguns pratos de papel e guardanapos, mas eles comeram direto da caixa. General voltou a encher meu copo, que eu tinha esvaziado sem perceber, e me ofereceu uma fatia. No meio do segundo jogo, General se levantou e disse que precisava fazer xixi. Ele me entregou seu controle e entrou no banheiro de Zaed.

Eu nunca tinha jogado *videogame*, então Zaed me mostrou o que fazer. Mesmo quando General voltou, ele apenas sentou e ficou me olhando jogar. Embora eu continuasse perdendo, estava me divertindo também. Agora eu conseguia entender por que os dois passavam tanto tempo jogando em seus quartos. Era viciante. No final do meu terceiro jogo com Zaed, General tinha enchido meu copo mais duas vezes.

Ouvi o relógio de pêndulo soar no andar de baixo e me lembrei do telefonema que estava esperando de Sheba e minhas irmãs. Olhei para o relógio no quarto de Zaed. Eram nove horas da noite. Quando as oito horas chegaram e se foram? Dei um salto para ficar de pé e cambaleei.

— Eu... eu... ahn... ahn... tenhoqueir — eu disse e ri quando me ouvi arrastando as palavras.

— Ir para onde? — perguntou General. — São só nove horas ou você vai se transformar em alguma coisa ao badalar da meia-noite?

Por alguma razão, achei isso muito engraçado e ri alto.

— Ela está bêbada — ouvi Zaed dizer. — Ela provavelmente nunca fez essas coisas antes.

General riu.

— Quem ouviu falar de alguém que ficou bêbado com licor?

— Nunquinha — eu concordei. — Não bebo álcool.

Zaed enlaçou meu braço em volta de seu pescoço e me apoiou com o outro braço.

— Você vai ter uma dor de cabeça terrível amanhã.

Achei isso ainda mais engraçado e ri.

— Amanhã, quando estiver vomitando no banheiro, você não vai achar nada engraçado. Venha, vou levar você para o seu quarto.

Quando dei por mim, estava deitada na cama de Zaed.

— Qual é o seu problema? — Ouvi General dizer. Sua voz soava como se estivesse vindo do outro lado do quarto, embora eu pudesse ver seu rosto pairando sobre o meu. — Você tem uma garota bêbada no seu quarto e vai mandar ela embora?

Mãos puxaram minha saia e arrancaram minha blusa.

— Ela usa contas na cintura — disse General. — Alguém ainda usa isso?

Senti alguém em cima de mim, então o rosto de General atravessou a névoa em meu cérebro. Eu o ouvi rugindo. Virei a cabeça, vi Zaed parado ao seu lado nos observando e, então, desmaiei. Quando acordei, General ainda estava em cima de mim. Senti como se minhas entranhas tivessem sido rasgadas. Senti as contas da minha cintura despedaçarem. Desmaiei novamente. Quando voltei a mim de novo, estava no meu quarto, na minha cama, nua, exceto pela corrente de ouro com o anel de osso no pescoço e um manto de vergonha.

General voltou ao meu quarto cerca de uma hora depois com minhas roupas. Puxei meu lençol, apertei em volta de mim e me encolhi, grudando-me o máximo possível da parede.

— Se você contar para alguém, vou dizer que está mentindo, que não foi nossa primeira vez. Vou dizer que você quis. E ninguém vai acreditar em você, você é só a empregada.

Ele jogou as roupas em mim e saiu do quarto.

21. Michael Owusu Addo, conhecido profissionalmente como Sarkodie, é *rapper*, compositor e empresário ganês.



General começou a me chamar de *mumu* uma semana depois do que aconteceu. Parar de falar não foi uma decisão consciente minha, apenas desliguei. Não eu toda, só minha caixa de voz, ou aparelho de voz, ou o que quer que exista na minha garganta onde as palavras são produzidas.

Às vezes, eu sentia as palavras borbulhando, prestes a transbordar, como quando fervemos mandioca para o *fufu* e o vapor levanta a tampa fazendo a água transbordar. Na maioria das vezes, era assim que eu me sentia. Mas quando as palavras estavam prestes a sair da minha boca, a temperatura caía e minha garganta congelava. As palavras congelavam junto e eu só ficava ali parada... sem palavras.

Naquela tarde, ele estava deitado no sofá assistindo à TV com sua família quando entrei com uma bandeja de salada de frutas. Na tela da TV, Nadia Buari gritava com John Dumelo²², dizendo que ele era um “desgraçado inútil”. Invejei aquela raiva. Invejei o jeito que ela pulou em John Dumelo e o socou na cara, no peito e na barriga. Invejei as palavras saindo de sua boca. Gostaria de ter feito o mesmo. Os únicos que assistiam ao filme eram Tia Rosina e Zarrah. General estava jogando em seu *smartphone*.

— Amerley, quando você terminar de lavar a louça, venha se juntar a nós. Esta é a segunda parte do filme que assistimos duas semanas atrás — disse tia Rosina quando ofereci uma das tigelas com a salada de frutas.

Neguei com a cabeça.

Ofereci a bandeja para Zarrah. Ela a olhou com desdém.

— Cadê o leite condensado? Eu disse que queria a minha com leite condensado. Cadê?

Só fiquei lá porque as palavras “Não temos leite condensado” não

sairiam.

— Qual é a sua? Você não sabe falar?

Nunca deixei de me surpreender com a maneira como essa menina de treze anos falava comigo. Amorkor tinha quinze anos. Em casa, ela falava comigo com mais respeito do que essa menina. Foi tia Rosina quem intercedeu.

— Priscilla disse que nosso leite condensado acabou. Vou comprar amanhã. Experimente a fruta, é gostosa.

Zarrah resmungou algo baixinho e voltou para a tela da TV.

— Você está na minha frente — ela me disse.

Assim que me afastei, fiquei invisível. Ela não tinha mais serviço para mim.

Levei a bandeja para Zaed, que balançou a cabeça antes mesmo de eu chegar perto dele. Sua cabeça estava enterrada nas páginas de um livro desde que entrei na sala. Nem tentei dar uma olhada no título, como teria feito uma semana atrás. Eu não me preocupava. Não me importei.

Fui até General, que desviou o olhar da tela do telefone para me olhar. Ele estava de peito nu. Sua tatuagem de leão parecia se mover enquanto ele mexia o braço. Era como se o leão estivesse realmente rugindo. General piscou e pegou uma tigela de frutas. Ele passou os dedos deliberadamente na minha mão. Gritei por dentro. Por fora, ainda era eu. Muda. Silenciosa. *Mumu*. Nenhuma expressão no meu rosto.

— Tem sorvete?

Olhei para ele.

— Fiz uma pergunta para você.

Baixei o olhar para os meus pés e notei que tinha uma unha quebrada. Eu precisava cortar minhas unhas. Meu silêncio o enfureceu.

— *Mumu!* Responda quando eu falar com você.

Quando não obtive resposta, ele se levantou e ficou bem na minha frente. Inclinou a bandeja. Os pedaços de frutas caíram na minha blusa branca. As tigelas de vidro se quebraram no chão de mármore. Pedacos de frutas e suco escorriam para debaixo do sofá.

— Omar! Controle-se! — sua madrastra advertiu, mas General saiu da

sala.

— Amerley, por favor, limpe essa bagunça — tia Rosina disse sem tirar os olhos da tela da TV.

Peguei os cacos de vidro e os coloquei na bandeja antes de voltar com a pá e o esfregão. Dava para sentir os olhos de Zaed perfurando minhas costas. Não olhei em sua direção. Ele se levantou com o livro e saiu da sala. Tia Rosina suspirou. O momento em família tinha sido arruinado.

Na escola, quando escrevíamos redações com o tema “O dia que nunca esquecerei”, os textos eram principalmente sobre dias felizes, como aniversários, formaturas ou Natal. Às vezes, sobre fazer algo estúpido como dar dinheiro a um homem no terminal de *trotro* que dizia que poderia triplicá-lo se você fechasse os olhos e contasse até cem. Sheba tinha sido tola o bastante para cair nessa. Quando ela contou até cem e abriu os olhos, o homem que triplicava o dinheiro tinha desaparecido, assim como seu dinheiro da feira. Ela se recusou a ir para casa naquela noite; sabia o que sua mãe faria com ela. Nada que minha mãe ou qualquer uma de nossas vizinhas dissesse conseguiu fazê-la mudar de ideia. Ela ficou conosco por três dias até voltar para casa, e isso apenas porque sua mãe enviou uma mensagem por Vashti: “Mesmo se mover o céu e o inferno, ainda vai voltar para casa e vou estar esperando você”. Sheba finalmente decidiu ir para casa e encontrar o que estava a esperando. Não dá para jogar fora dinheiro e não ser punida por isso.

Houve dois dias na minha vida que nunca vou esquecer. O primeiro foi quando tia Rosina foi à nossa casa em Teshie. O segundo foi uma semana atrás aqui em East Legon. Era espantoso como algo que não havia durado nem dez minutos no mundo real pôde mudar toda a minha vida e me fazer sentir que eu tinha morrido e nascido de novo em um mundo mais cruel, mais triste e mais feio. No mundo real, foram apenas dez minutos. No meu mundo novo, levou uma eternidade para acabar. Senti que se passaram dez anos. Talvez o tempo tivesse parado. Talvez não. Talvez eu já não soubesse mais.



— Ah, ora! Você não tem trabalho para fazer? Por que ainda está aqui? — Priscilla perguntou, entrando na cozinha, onde eu estava sentada, olhando para o horizonte. — Você não vai se arrumar? Raul vai chegar daqui a pouco. Se Magajia vir você parada aí, ela vai lhe dar mais trabalho. “Os banheiros não ficam limpos sozinhos, você sabe.”

Eu me levantei da cadeira. Na semana passada, teria rido dela por imitar Magajia tão perfeitamente. Desta vez, tive a sensação de que nunca mais riria.

— Amerley, o que está acontecendo? Você anda tão *leemm* ultimamente. Por que está tão para baixo?

— Nada — respondi, passando por ela e subindo as escadas que levavam ao primeiro andar. Senti que Priscilla estava me observando enquanto eu subia as escadas, mas não me seguiu, tinha uma tonelada de roupas para lavar na lavanderia.

Desta vez, também não parei na frente do *closet* de Zarah para admirar seus pertences como costumava fazer. Fui direto para o banheiro. Embora ela tivesse saído para a escola uma hora antes, as janelas e os espelhos do banheiro ainda estavam cobertos de vapor. Mesmo quando o sol estava alto no céu e o chão estava tão quente que era como se os pés estivessem sobre brasas, Zarah tomava banho com água tão quente que daria para depenar uma galinha.

O quarto seguinte era o de Zaed. Também não permaneci ali, nem cheguei perto de sua escrivaninha, onde vi uma pilha de romances novos esperando para serem transferidos para a estante. Fiquei entorpecida o suficiente para atravessar a porta e ir direto para o banheiro. Enfiado debaixo de uma das garrafas, havia um envelope. Meu nome estava nele. Peguei e abri. Continha algum dinheiro e uma

carta que começava com as palavras “Querida Amerley, sinto muito...”. Guardei a carta de volta no envelope e a coloquei de volta embaixo da garrafa. Nem me preocupei em contar o dinheiro. Ele achava que escrever uma carta de desculpas seria suficiente? Ou achava que, se me desse algum dinheiro, magicamente tudo ficaria bem? Peguei o esfregão para limpar. Esfreguei mecanicamente, pensando em nada e em tudo. Quando terminei, saí do quarto.

Fui direto para o quarto de General e algo chamou minha atenção. Meu cordão de contas da cintura pendia da borda de seu cesto de papéis. Deixei onde estava, entrei no banheiro e esfreguei a louça.

Lá fora, Priscilla tinha tirado o primeiro monte de roupas brancas da máquina de lavar e estava pendurando as peças no varal.

— Tem certeza de que está bem? — ela perguntou.

Assenti com a cabeça.

— Pode me ajudar com isso? — ela pediu, desenrolando um lençol branco e amarelo e agarrando uma ponta; segurei a outra e nós o estendemos no varal. Ela colocou os prendedores e parou na minha frente. — Aconteceu alguma coisa no fim de semana?

Olhei para ela e senti as lágrimas se acumularem atrás dos meus olhos. *Se você contar para alguém, vou dizer que está mentindo, que não foi nossa primeira vez. Vou dizer que você quis. E ninguém vai acreditar em você, você é só a empregada.* Neguei com a cabeça e desviei o olhar.

— Você recebeu más notícias de casa?

Neguei novamente.

— Você ainda está chateada com Nikoi?

Neguei pela terceira vez quando me abaixei para pegar as fronhas e as pendurei para secar. Priscilla continuou olhando para mim por um minuto antes de pegar a calcinha de Zarrah e estendê-la para secar ao lado da fronha.

Priscilla e eu terminamos de pendurar o primeiro monte de roupas quando Magajia enfiou a cabeça para fora da cozinha.

— Amerley, Raul está aqui. Não pense que vou bater o *fufu* esta noite. Se você não estiver aqui para fazer isso, Priscilla vai fazer tudo sozinha.

Priscilla me acompanhou até o portão. Segurava uma manga quase madura. Bateu-a na parede algumas vezes para amolecer. A cada batida,

a manga deixava uma mancha verde na parede branca.

— Hoje vai ser um dia péssimo. Magajia ficou resmungando a manhã toda. Quando você sair, ela vai começar a murmurar que tem trabalho para ser feito aqui, e mesmo assim você escolheu dar uma volta. Como se ela não soubesse que são os Mills que chamaram você para trabalhar lá.

Ela bateu a manga um pouco mais. A mancha verde ficou maior. Ela deu uma mordida profunda. Ao observá-la comer a fruta, que ainda estava meio verde, tensionei meu maxilar e minha boca salivou.

— O que foi? — ela perguntou, notando meu olhar. — Estou esperando para comer essa manga faz três dias. Se eu não a arrancasse, Nii Okai a comeria...

— Ei! Priscilla ou qualquer que seja o seu nome! Quem você quer que esvazie a lata de lixo? Você acha que ela vai se esvaziar sozinha? — Magajia chamou de dentro da casa.

Priscilla revirou os olhos e chupou a manga com gosto.

— Acho que ela foi sargento do Exército em uma vida passada. Como que uma pessoa pode ficar gritando assim de manhã até de noite? Olhe, não precisa voltar cedo. É só uma mandioca e um pouquinho de banana mesmo. Posso bater. Se eu estivesse no seu lugar, passava cada minuto olhando para o rosto do sr. Mills.

Nem me dei ao trabalho de contar a ela que, quando chegava lá, o sr. Mills já estava no trabalho e que via apenas tia Fanny e Jennifer.

— Priscilla! — Magajia gritou.

Priscilla arrancou do caroço a polpa da manga. O suco escorria pelo seu braço. Ela virou a mão e lambeu.

— Priscilla!

Priscilla enfiou o caroço da manga inteiro na boca, acenou para mim e correu de volta para a casa.



ava para ouvir os gritos de Aseda do portão da entrada dos Mills. Subi correndo a escada principal. Assim que levantei minha mão para bater na porta, ela se abriu. O sr. Mills estava na minha frente, vestindo uma camiseta branca e um *short* camuflado. Seus olhos estavam vermelhos. Sua barba estava desgrenhada. Devem ter tido uma noite muito difícil com Aseda, pois ele ainda estava em casa a essa hora e nem tinha se vestido para o trabalho. Ele olhou para mim com reverência, como se eu tivesse algum poder de cura em meu toque. Como se eu fosse um daqueles pastores da TV que só precisam falar, e os deficientes começam a andar e a correr pelo palco.

— Por favor, entre. Nós a levamos ao hospital ontem. Disseram que ela estava com febre porque o dente está nascendo... está uma loucura lá dentro... não sei o que tem de errado com ela.

O sr. Mills me levou ao quarto de Aseda. Ela estava deitada no berço, gritando a plenos pulmões. Tia Fanny estava sentada no chão ao lado do berço. Ela se balançava, os olhos bem fechados. Cada vez que Aseda gritava, ela fazia uma careta e estremecia, como se os gritos de Aseda fossem agulhas quentes que perfuravam seu corpo.

Havia brinquedos espalhados por todo o lugar — todos os bichos de pelúcia que se pode imaginar, chocalhos, livros infantis e bonecas. Havia um *notebook* em uma das mesas; cantigas de ninar tocando repetidamente. Ao lado do *notebook*, havia dois livros. Um intitulado *Seu bebê e você*, com uma foto de uma mãe feliz e sorridente segurando seu bebê igualmente feliz e sorridente. O segundo livro estava aberto em um capítulo sobre a dentição. Tantos parágrafos foram destacados em amarelo que achei que seria melhor se o livro inteiro tivesse sido impresso em papel amarelo. Vários marcadores tinham sido colados nas páginas dos livros. Duas mamadeiras e três chupetas diferentes estavam em uma das mesas. Ao lado do berço, tinha um frasco de

xarope de paracetamol e um tubo de pomada para gengiva.

O rosto de Aseda estava vermelho e contraído, prestes a soltar outro grito. Quando ela abriu a boca, vi dois montículos rosados na parte da frente de suas gengivas inferiores, as pontinhas dos dentes de leite já eram visíveis. Eu a peguei no colo. Ela chutou e gritou ainda mais alto. Verifiquei sua fralda; não estava molhada. Sua temperatura estava alta. Tirei suas roupas e fui até o banheiro. Coloquei um pouco de água fria na banheira e lavi seu corpo devagar. Seu pai pairava perto de mim no banheiro, me entregando uma esponja e uma toalha quando precisava.

Quando terminei, a enxuguei. Ela ainda estava chorando, mas os gritos não eram tão agudos quanto antes. Espalhei um pouco de talco de bebê entre as pernas, nas axilas, nas costas e no pescoço dela. Vesti-a apenas com uma fralda e a amarrei nas minhas costas.

O sr. Mills se juntou a tia Fanny, que agora estava parada ao lado da porta. Ambos me observavam como se eu estivesse fazendo um milagre. Tia Fanny ainda vestia a camisola. A área ao redor de seus mamilos estava molhada. Vazava leite de seus seios, mas ela não tinha notado. Tinha o cabelo totalmente desgrenhado e olheiras que eram mais profundas que as do sr. Mills. Ela colocou uma das mãos em concha na boca.

O sr. Mills se abaixou e beijou a cabeça de Aseda enquanto eu passava por ele e tia Fanny. Desci as escadas e fui para o quintal. Balancei Aseda enquanto caminhava pelo jardim e, gradualmente, seus gritos foram diminuindo e se transformaram em gemidos. Senti seu corpo relaxar, e eu sabia que a bebê tinha adormecido. Parei e me sentei em um dos degraus que levavam à cozinha, mas ela começou a choramingar de novo, então me levantei e continuei andando. Enquanto caminhava pelo jardim pela terceira vez, vi tia Fanny. Ela estava mais arrumada, tinha tomado banho e trocado a camisola por um *boubou* sem mangas. Sentou-se no topo da escada que levava à cozinha.

— Estou com tanta inveja de você agora. Você faz parecer tão fácil cuidar dela.

Não sabia o que dizer; ninguém nunca teve inveja de mim antes.

— Vem, sente aqui do meu lado. Ela está dormindo agora.

Entreguei Aseda à mãe. Ela franziu os lábios como se estivesse se

preparando para soltar outro grito, mas não o fez. Sua mãe a embalou suavemente até que se acomodasse em seus braços, e ela voltou a dormir.

— Nunca pensei que seria ruim nisso — disse tia Fanny, acariciando a cabeça de Aseda.

— Minha irmãzinha também era assim quando os dentinhos estavam nascendo — forcei as palavras para fora de minha garganta.

— Você tem uma irmã?

Assenti com a cabeça.

— Três.

— Três! Eu me pergunto como sua mãe conseguiu. Me conte sobre elas.

Minha garganta fechou novamente e eu apenas sentei ao lado de tia Fanny sem dizer nada. As palavras nem borbulharam na minha garganta como antes. Minha voz estava toda seca.

— Amerley, está tudo bem. A essa altura você já deve ter percebido que pode falar comigo. Sei que você não tem permissão para falar com convidados na casa de Rosina, mas esta é minha casa e você é minha convidada. Não se sinta tímida.

Minha garganta ainda estava fechada. Tia Fanny esperou, mas continuei sem falar.

— Deixe-me colocar Aseda na cama. Tem um pouco de suco na geladeira, pegue um copo.

Eu a segui até a cozinha e peguei um copo do balcão. A geladeira deles estava uma bagunça. Havia sobras de tudo — ensopados, *pizza*, pão, inhame, sopa de dendê, queijo, arroz *jollof* e uma cabeça de tilápia com todas as espinhas ao lado. Se Magajia visse aquilo, tenho certeza de que teria um colapso nervoso. Peguei uma caixa de suco de frutas. Não sabia se era fresco ou não e o cheirei. Cheirava bem. Servi menos de meio copo e tomei um pequeno gole. Não tinha um gosto estranho. As geladeiras de outras pessoas não eram da minha conta. Fechei-a e esperei.

Queria dizer à tia Fanny que estava pronta para ir embora. Fui esperá-la na sala de estar. O sr. Mills estava dormindo no sofá, encolhido como um bebê com a boca parcialmente aberta. Acho que

nem um terremoto poderia acordá-lo. Ao vê-lo dormir assim, me perguntei se Ataa já tinha ficado acordado a noite toda comigo ou com alguma de minhas irmãs.

Quando ouvi tia Fanny na escada, voltei para a cozinha.

— Não me lembro da última vez que a casa ficou tão silenciosa — disse ela enquanto trançava o cabelo rapidamente e o enrolava em um coque na nuca. Ela lavou as mãos na pia. — Nem me lembro da última vez que Joojo e eu tivemos uma refeição decente.

Ela abriu a geladeira e a fechou depressa. Fez uma careta e olhou para mim.

— Sabe, nem sempre é assim. Não sei como Rosina consegue manter sua casa tão impecável. Com Jennifer de licença, as coisas ficaram um pouco caóticas.

Nossa casa estar impecável não tinha nada a ver com tia Rosina. Tinha tudo a ver com Magajia ordenando que Priscilla e eu deixássemos tudo impecável.

— Eu tenho que ir — eu disse, enxaguando meu copo na pia.

— Não, não, sente. Como vou deixar você ir embora sem comer alguma coisa?

— Não estou com fome.

— Besteira. É quase hora do almoço, coma antes de voltar.

Puxei uma cadeira e me sentei à mesa da cozinha enquanto ela abria a geladeira e jogava fora metade do que tinha lá dentro. Os vegetais se transformaram em lodo verde. Não sei se queria comer alguma coisa daquela geladeira.

Ela colocou um pouco de arroz em uma panela de água fervente e foi para o jardim. Quando voltou, me pegou olhando para o relógio de parede. Tinha um pé de alface, algumas cenouras, pimentões e cebolinhas na mão.

— Você não vai embora antes de comer — disse ela com um tom de voz que não deixou espaço para discussão.

Enquanto o arroz cozinhava, ela lavou os legumes, depois os cortou e fritou com pedaços de linguiça, frango e cogumelos.

— Pare de olhar para o relógio, por favor. Você nunca sai de casa? Não tem folga?

Neguei com a cabeça.

— Qual é a sua agência?

Fiquei balançando minha cabeça em negativa. Nenhuma.

Tia Fanny tirou os legumes do fogo e verificou o arroz.

— Você tem um contrato?

Ela captou o olhar de confusão em meu rosto.

— Você e os Iddrissu têm um contrato? Sabe, um acordo sobre quanto você recebe, quantas horas trabalha, quantos dias trabalha e quando pode folgar, esse tipo de coisa?

— Nós somos parentes — murmurei.

Ela me encarou, depois desapareceu tão rápido da cozinha que pensei que Aseda tinha acordado, mesmo sem ouvir seu choro. Tia Fanny voltou segurando um maço de papéis.

— Todo esse tempo pensei que você tivesse um contrato porque ajudei Priscilla com o dela. Estes são os seus direitos como empregada. Leia isso e terei uma conversa com Rosina...

Neguei com a cabeça antes mesmo de ela terminar de falar.

— Não, sou advogada... está tudo bem... esse é o meu trabalho. Você tem direitos como ajudante.

Fiquei negando com a cabeça e puxei minha cadeira para trás.

— Amerley, espere...

Abri a porta da sala e saí. Os chamados de tia Fanny acordaram o sr. Mills. Corri até o portão e fiz força para abri-lo. Tinha um mecanismo de travamento complicado. Fiquei girando freneticamente a maçaneta. Tia Fanny apareceu ao meu lado.

— Sinto muito. Tudo bem se você não quiser falar sobre como estão tratando você, mas, por favor, deixe Raul levá-la de volta. Por favor. — Ela estava quase chorando.

— Quero ir embora agora.

— Sim. Tudo bem. Vou chamar o Raul.

Ela passou correndo pelo sr. Mills, que estava na porta esfregando os olhos e tentando abafar um bocejo. Ele se mostrou confuso com o que estava acontecendo. Entrei no carro e esperei Raul abrir o portão.

Em minutos, ela tinha voltado com sua bolsa. Tia Fanny veio até a

janela e tirou um cartão da bolsa.

— Aqui, pegue isso.

Neguei com a cabeça.

— Pegue! — Ela jogou o cartão pela janela aberta e ele caiu no meu colo.

Raul voltou e ligou o carro.

— Se você quiser falar sobre isso ou sobre qualquer outra coisa, me ligue ou venha aqui, está bem?

Desviei o olhar sem responder. Raul dirigiu para fora do complexo.



— Ela estava louca. Não sabia o que estava perguntando. Como eu poderia pedir um contrato para tia Rosina depois de tudo o que ela já havia feito por mim e por minhas irmãs? O que importava se eu tinha ou não um dia de folga? Eu não conhecia ninguém em East Legon, para onde eu iria, o que eu faria no final das contas? Eu sabia que Priscilla tinha um contrato, a agência dela insistia. Por isso que ela folgava nos fins de semana, trabalhava oito horas por dia e recebia pelos feriados.

Tia Fanny! Como ela poderia sugerir algo assim? Isso daria a impressão de que eu era a mais ingrata das criaturas. Tia Rosina não me maltratava. Na verdade, ela mal prestava atenção em mim, e ela me deu tantas coisas — roupas, bolsas, sapatos, joias, perfumes que não queria mais. Por causa dela, minhas irmãs e minha mãe não usavam mais trapos e tinham mais do que o suficiente para comer.

Quando Raul apareceu na manhã seguinte, falei para ele dizer aos Mills que eu não estava me sentindo bem. Eu diria a Madame que não queria mais tomar conta de Aseda. Perderia a renda adicional, mas pelo menos não seria pressionada a pedir um contrato a Madame.

Fiz minhas tarefas e fui me apresentar a Magajia quando terminei. Ela não estava na cozinha. Magajia era a única das criadas que tinha seu próprio quarto na casa principal. Bati na porta e esperei que ela me desse permissão para entrar. Não houve resposta. Girei a maçaneta e entrei. Ela estava deitada na cama bebendo leite condensado direto da lata e assistindo a um filme nigeriano no Cine Afrik. Ela se assustou quando me viu.

— A porta não estava trancada? — ela perguntou, escondendo a lata de leite condensado debaixo da cama.

Então o leite condensado de Zarrah se mudou para lá.

— O que você quer? — ela reclamou.

— Com licença, terminei minhas tarefas.

— Você não vai tomar conta de Aseda hoje?

— Não. Eu desisti.

Ela assentiu com a cabeça como se eu finalmente tivesse voltado a mim.

— O feijão para o *red-red* de amanhã não vai se escolher sozinho, sabe?

Voltei para a cozinha e despejei o feijão-fradinho em uma bandeja. Fui sentar na cabana de verão atrás da casa. Ao lado dela, havia dois jacarandás em plena floração, com pequenas flores roxas.

Comecei a separar feijões quando tinha três anos. Na época, eu pegava cada grão, examinava cuidadosamente para ter certeza de que não havia buracos com carunchos escondidos dentro deles e os colocava de lado. Amerley-mami era uma especialista em selecionar feijões. Seus dedos se moviam rapidamente pela pilha e, em pouco tempo, ela terminava. Ao longo dos anos, me tornei uma especialista também. Quando me sentei debaixo dos jacarandás, meus dedos trabalhavam enquanto minha mente vagava.

Embora eu já estivesse havia quase um ano nesta casa, tia Rosina ainda não tinha me apresentado à proprietária da escola de moda, mesmo ela tendo a visitado muitas vezes. Parecia que ela tinha saído das páginas de alguma revista de moda de alta-costura. Ela me tratava como todo mundo naquela casa. Eu mal podia esperar para deixar os Iddrissu e começar a viver minha própria vida. Deixaria essa coisa com o General para trás. Aprendi com isso e nunca mais entraria na casa principal quando seus pais e Magajia não estivessem lá. E aprenderia tudo que pudesse com a madame da House of Style e abriria meu próprio negócio para que nenhuma das minhas irmãs tivesse que passar pelo que passei. Ainda me sentia destruída, suja e inútil. A dor em meu coração era tão funda quanto naquela primeira noite, mas fiz uma promessa a mim mesma de que superaria isso. Eu era maior que isso. *Deus tem um propósito para mim*, repeti para mim mesma enquanto as lágrimas desciam pelo meu rosto.

Senti seu cheiro antes de vê-lo. Fiquei tensa, o medo rastejava em meus ossos. Meu coração começou a bater forte. Fiquei sentada. Queria que ele não me notasse. Que fumasse seu cigarro e fosse embora. Pouco tempo depois de sentir o cheiro do cigarro, ouvi o cascalho do caminho até onde eu estava sentada sendo triturado.

Ele veio desfilando em minha direção. Eu o ignorei e com as mãos trêmulas continuei o que estava fazendo. Toda a minha atenção estava focada no feijão. A pilha com grãos ruins permaneceu pequena. Priscilla comprou o feijão-fradinho de um supermercado. Havia pouquíssimos feijões ruins, sem caruncho nem pedra. Eu não precisava separar os grãos, mas Magajia insistia em ver os ruins, então, não tive escolha a não ser examiná-los atentamente.

General se sentou à minha frente e soprou um bocado de fumaça no meu rosto. Prendi a respiração e continuei escolhendo e separando os feijões.

— Por que você parou de falar? Você vai acabar fazendo as pessoas suspeitarem de alguma coisa.

Eu o ignorei.

— Olhe para mim quando eu falar com você.

Mantive a cabeça baixa. O que faria se eu não olhasse para ele? Ele me estupraria de novo, mesmo com a casa cheia de gente? General tirou a bandeja de mim e a colocou em uma cadeira. Ele me forçou a ficar de pé. Com uma das mãos, ergueu meu queixo até nossos olhos se encontrarem. Ele me encarou. Com a outra mão, tirou o cigarro da boca. Pisquei para conter as lágrimas que ameaçavam cair. Eu não mostraria a ele que estava com medo. Ele aproximou sua cabeça da minha e me beijou nos lábios. Eu me afastei de seu toque. Ele agarrou meu queixo com firmeza, levantou o cigarro e apertou a ponta acesa na minha pele. Gritei, mas sua mão disparou do meu queixo e fechou minha boca. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Comecei a tremer. Meu coração acelerou.

— Adoro uma mulher *sexy* — ele sussurrou e beijou minha orelha. — Vou tirar minha mão agora. Se você gritar, vou machucá-la mais. Se alguém passar por aqui, vou dizer que já fizemos isso antes. Tenho uma testemunha, lembra? Zaed vai me apoiar.

Segurei um grito.

— Você entendeu?

Assenti com a cabeça.

— É sério isso, você não consegue mais falar?

Ele tirou a mão e empurrou seu corpo contra o meu. Fiquei imóvel. Ele colocou a mão no meu rosto e passou um dedo pelos meus lábios. Sua tatuagem apareceu por baixo da manga.

— *Mumu*, você vai ser uma boa esposa para um cara, um dia. Imagine que este é o seu ensaio. O velho vai embora amanhã. A esposa e Zarah vão para aquele casamento estúpido no sábado. Seremos só você, eu e Zaed. Ele vai jurar que passamos a noite jogando *videogame* juntos — ele sussurrou.

Seus pais e sua irmã estariam fora, mas Magajia e Priscilla estariam por perto. Como se pudesse ler minha mente, ele disse:

— Magajia não vai ouvir nada. Ela dorme feito uma pedra, e ouvi Priscilla dizer que vai tirar o dia de folga. Esteja na porta lateral às nove da noite. Se você não estiver lá, eu vou até você.

Que pesadelo! *Ah, meu Deus, isso não pode estar acontecendo. Não posso passar por isso de novo. Eu não posso.*

Ele jogou fora o cigarro, segurou meu queixo e forçou sua língua em minha boca. Tinha gosto de cinza. As palavras de Zaed cantavam na minha cabeça. *Se existe um Deus, onde ele está quando coisas ruins acontecem com pessoas inocentes?*

Ele continuou passando a língua em minha boca e me apalpando. Então, mordeu sua língua com força até sentir o gosto do sangue — do sangue dele. Ele gritou e me empurrou para longe. Uma película de sangue cobriu seus dentes, e o corte em sua língua jorrou sangue como uma fonte.

— Sua desgraçada! Como ousa?

Ele colocou a mão na boca. O sangue o enfureceu ainda mais. Ele me bateu e me deixou cambaleando. Caí na cadeira que apoiava a bandeja de feijão. A bandeja caiu e os grãos voaram para todo lado. Ele pisou no meu peito. A força da pisada quebrou o anel de osso em dois. Ele me chutou duas vezes no estômago. Depois bateu minha cabeça no chão com tanta força que desmaiei.



Meu corpo inteiro doía, mas a dor na parte inferior do abdome era brutal. Foi a primeira coisa que senti quando recuperei a consciência. Parecia que eu estava sendo esfaqueada. Tive que respirar muito devagar, senti o gosto de sangue na boca e cuspi. Não sabia se era meu próprio sangue ou o do General. Sentei-me com muito cuidado, cada músculo do meu corpo doía. Senti uma dor aguda no abdome e me curvei. General deve ter continuado a me chutar depois de eu ter desmaiado. Acho que nunca senti tanta dor na minha vida, nem na noite do estupro.

Enquanto me esforçava para me sentar, escorreguei em alguns grãos de feijão. Com certeza Magajia me mataria. Eu teria que juntar os feijões e separá-los novamente, mas estava dolorida demais para fazer qualquer coisa. Ela esperava que ficassem de molho durante a noite. O que eu diria a ela? Lutei para ficar de pé e manqueei até o alojamento dos empregados. Eu me preocuparia com os feijões mais tarde. Magajia não poderia fazer nada pior do que General já tinha feito comigo.

Assim que abri a porta da frente, Priscilla gritou do nosso quarto:

— Amerley? Madame acabou de me dar um vestido dela, eu preciso que você...

Ela saiu do nosso quarto para me encontrar e congelou quando viu o estado em que eu estava.

— Ai, meu Deus! O que aconteceu com você? — ela perguntou, me ajudando a ir até um dos sofás.

Até deitar era doloroso. Lágrimas inundaram meus olhos quando ela me abaixou nas almofadas.

Lágrimas apareceram nos olhos de Priscilla também.

— Quem fez isso com você?

Fechei os olhos e caí na inconsciência mais uma vez.

Quando voltei a mim, ainda estava no sofá, mas Priscilla não era a única que estava ao meu lado — tia Rosina, Magajia e Nii Okai estavam com ela. Priscilla estava usando uma toalha úmida para enxugar o suor do meu rosto.

— Quem fez isso com você? — perguntou Magajia.

— Você ainda pergunta? — Nii Okai murmurou.

— General — eu sussurrei.

— Ah, esse moleque vai me matar! — disse tia Rosina, caindo em uma cadeira e enterrando as mãos nos cabelos. — O que ele quer de mim? O que falta eu fazer por ele? De agora em diante, ninguém mais limpa o quarto dele, ficará como está. Estou farta!

— Priscilla, ajude Amerley a se levantar. Vou pegar o carro — Nii Okai disse, indo para a porta.

— Carro para quê? — perguntou tia Rosina, se levantando.

— Madame, temos que levar Amerley para o hospital.

— Você está louco? Os médicos vão querer saber o que aconteceu. Vão chamar a polícia. Não podemos fazer disso um caso de polícia!

— Madame, ele sempre faz isso — disse Magajia, falando algo pela primeira vez. — Ele sempre faz alguma coisa com as garotas e elas vão embora. Mas desta vez ele foi longe demais. Madame, temos que levar Amerley para o hospital.

— Magajia, você está decidindo por mim?

— Não, Madame, não, mas Amerley não...

— Não pense que porque eu deixei você fazer as coisas do seu jeito por aqui nós somos iguais. Nunca se esqueça do seu lugar! Eu só tolero você por causa de seu patrão!

A sala ficou em um silêncio mortal, quebrado apenas pelo som de minha respiração difícil.

— Vamos lhe dar alguns analgésicos e fazê-la descansar. Acho que não quebrou nada. Ela ficará bem em pouco tempo. Priscilla, traga minhas pílulas.

Priscilla ficou parada olhando para tia Rosina.

— Você é surda? Traga minhas pílulas e uma garrafa de água.

Priscilla a obedeceu.

— Certo, aqueça um pouco de água. Magajia, pegue uma toalha e um antisséptico.

As duas saíram do quarto.

Tia Rosina se sentou ao meu lado no sofá.

— Amerley, ele... ele estuprou você? Não há ninguém aqui além de nós, você pode falar comigo. Você pode me contar.

Assenti com a cabeça, mas tive que parar porque o movimento me deixou tonta.

— Sim. Zaed também estava lá. Ele viu tudo.

Ela cobriu a boca com a mão.

— O quê? Quando?

— Semana passada.

Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Zaed? Tem certeza de que Zaed também fez parte disso?

Novamente assenti, fazendo um leve aceno de cabeça.

Tia Rosina balançou a cabeça, em negação.

— Não pode ser, você deve estar enganada. Zaed não ficaria parado e deixaria algo assim acontecer. Você está confusa, Amerley.

— Pergunte a ele — eu sussurrei.

A expressão no rosto de tia Rosina mostrava que ela estava decidida.

— Amerley, você está confusa. General estuprou você, mas Zaed não estava lá.

Não adiantava discutir. Eu não tinha energia para discutir.

Tia Rosina acariciou minha cabeça.

— Você não pode contar o que aconteceu a ninguém, está bem? Isso vai nos arruinar se sair daqui. Os negócios do sr. Iddrissu serão prejudicados. Por favor, guarde isso para você. Quando melhorar, vou fazer sua matrícula na escola de moda.

Priscilla voltou com todas as pílulas. Tia Rosina selecionou cinco tipos diferentes e me obrigou a engoli-las. O gosto de sangue na minha boca me fez engasgar.

— Certo, leve-a para a cama. Magajia, faça uma canja de galinha para ela.

Priscilla gritou quando Nii Okai me pegou.

— Tem sangue nas almofadas!

Devo ter desmaiado novamente depois disso. Quando acordei, estava na minha cama. Magajia estava me enxugando com uma toalha. Seus olhos estavam marejados. Vi as contusões — eram vermelho-escuras com um tom roxo, estavam por todo o meu abdome. Priscilla estremecia a cada vez que Magajia tocava meu corpo. Ela saiu do quarto soluçando. Desmaiei mais uma vez.



dor na costela foi a primeira coisa que senti quando acordei. Não conseguia respirar profundamente porque doía muito. Tinha a impressão de que minha cabeça estava prestes a se abrir. O quarto que eu dividia com Priscilla estava quieto, mas dava para ouvir vozes altas vindo da sala.

— Como você pode dizer isso? — disse Amerley-mami, soluçando. — Ela ainda está urinando sangue! Precisa ir a um hospital. Já faz uma semana que ela está assim! Temos que tirar ela daqui!

— Você está me culpando por isso? Fui eu que mandei a garota para cá? Você pediu minha permissão? — Ataa retrucou.

— Pedir sua permissão? Onde você esteve por mais de um ano e meio? Que tipo de homem simplesmente sai e abandona a família e não se importa com o que acontece com ela?

— Você está me insultando?

— Olhe, isso não tem nada a ver conosco — Amerley-mami suspirou. — É Amerley que precisa da nossa ajuda. Ela precisa ir a um hospital.

— Você ouviu Rosina, já não tem tanto sangue quanto antes. Ela está melhorando. Em mais algumas semanas ela vai ficar bem. Tenho certeza de que ela fez alguma coisa para provocar o rapaz.

— Ataa, o que você está dizendo? O que dá a esse rapaz o direito de bater em nossa filha? O que dá a qualquer homem o direito de bater em uma mulher? Você não sabe que as pessoas vão para a cadeia por bater em suas esposas? E você quer proteger aquele garoto mimado porque os pais dele são ricos. Amerley precisa morrer para você perceber que isso é sério?

— O que você quer que eu faça agora? Já recebi o dinheiro da indenização do sr. Iddrissu, usei metade dele para dar entrada em um novo motor de popa para o meu barco. Não posso devolver.

A sala ficou em silêncio quando a porta da frente se abriu e alguém entrou.

— Como ela está hoje? — Ouvi o sr. Iddrissu perguntar, e eles entraram no meu quarto. Fechei os olhos e fingi que estava dormindo.

— Tem menos sangue hoje. Ela tomou um pouco de sopa de manhã — disse Ataa.

Abri bem pouquinho os olhos e fiquei observando-os.

— Ela vai ficar bem. Não se preocupe — disse o sr. Iddrissu, enxugando o rosto com um lenço. Eu me perguntei se ele diria a mesma coisa se fosse Zarrah deitada naquela cama.

— Você sabe, “homens são homens”. Se precisar de alguma coisa, não hesite em me chamar.

Ele deu um tapa nas costas de Ataa e saiu. Ataa o seguiu com um olhar idiota no rosto.

Amerley-mami se sentou em uma cadeira ao lado da minha cama e começou a chorar. Na semana anterior, ela tinha me contado o que havia acontecido. Tia Rosina a chamou depois da agressão porque ela própria não podia ficar ao meu lado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e tanto Priscilla quanto Magajia estavam fazendo hora extra porque assumiram minhas tarefas.

Foi Amerley-mami quem cuidou de mim. Tia Rosina deu seus analgésicos e pílulas para dormir, de modo que na maior parte da primeira semana eu estive em uma névoa induzida por medicamentos; o que foi bom porque eu não suportaria a dor de outra forma. Não me lembrava daquela semana.

Tia Odarkor se mudou para ficar com minhas irmãs. Um dia Ataa apareceu sem avisar e ela se viu obrigada a contar onde eu estava e o que tinha acontecido. Ataa foi direto para a casa dos Iddrissu e insistiu que deveriam me levar a um médico, mas ele tinha um plano. Ele sabia que, assim que eu fosse ao médico, chamariam a polícia, e isso envolveria a Unidade de Violência Doméstica e Apoio à Vítima, e o caso iria para o tribunal. Ele fez um acordo extrajudicial com os Iddrissu, era o que ele queria o tempo todo. Os Iddrissu já tinham pagado o dinheiro da compensação que ele exigiu — dez mil cedis. Ataa achou que tinha conseguido o melhor dos negócios, mas eu sabia que não. A conta do aniversário de treze anos de Zarrah tinha chegado a oito mil e

quinhentos cedis; o dinheiro que tiveram que pagar para “compensar” mal afetou suas contas bancárias.

Estendi a mão e toquei Amerley-mami.

— Está tudo bem — sussurrei.

Amerley-mami negou com a cabeça.

— Não, não está tudo bem. Você foi violentada e vamos fingir que nada aconteceu por causa do dinheiro? E Rosina? Ela nem sequer vem ver você. Está planejando sair do país com os filhos, diz que não consegue mais ficar aqui com aquele General. Eu gostaria que tivesse alguém que brigasse por nós. Por você. Venderia tudo o que tenho e o que não tenho para garantir que aquele rapaz pague pelo que fez.

Olhei para ela com surpresa.

— A senhora faria mesmo isso?

— Sim.

— E ficaria contra Ataa?

— Ele ficou contra nós primeiro. Ele nos abandonou por mais de um ano e meio. Que tipo de marido ou pai faz isso com sua família?

— E minhas irmãs... a escola e a comida? Me desculpe por ter decepcionado a senhora.

— Amerley, eu sei que somos pobres, mas isso não significa que devemos deixar as pessoas nos tratarem como quiserem. E fui eu que decepcionei você. Eu que falhei com você. Me desculpe. Coloquei muita responsabilidade em você... a casa, as meninas, este trabalho... As escolhas que eu fiz nos trouxeram aqui hoje, não as suas. Você não tem culpa de nada que aconteceu.

Respirei fundo.

— Conheço uma advogada que pode ajudar.

— Mas como vamos pagar? Advogados são caros, cobram por hora.

— Vamos conversar com ela. Talvez eu possa pagar trabalhando para ela quando ficar melhor.

Ela sorriu em meio às lágrimas e disse:

— Já fomos dormir só com *gari* antes. Vamos dormir só com *gari* de novo, se for preciso. Se eu tiver que pedir dinheiro emprestado para fazer justiça por você, eu peço.

Fiquei surpresa com as palavras que saíram da boca de Amerley-mami, e assim que me assegurei de que ela não estava agindo como Ataa, de que ela realmente quis dizer o que disse sobre fazer justiça por mim, chamei Nii Okai, que me carregou até o carro e nos levou até a casa de tia Fanny.

— Meu Deus do céu! Amerley, o que aconteceu com você? — tia Fanny perguntou enquanto descia as escadas. — Fui à casa de Rosina duas vezes na semana passada, e ela não me deixou ver você. Disse que você estava doente. O que aconteceu?

Eu estava encurvada. Ficar em pé fazia meu abdome doer ainda mais. Senti um ardor intenso entre minhas pernas. Esse era um sinal que eu conhecia muito bem. Era hora de fazer xixi. A dor continuaria à medida que a urina saísse e permaneceria por mais alguns minutos depois que minha bexiga esvaziasse. Nesses momentos, o melhor era nem respirar.

Fiquei imóvel como uma estátua. Senti o calor da urina escorrer pelas minhas pernas. Uma poça de sangue se formou aos meus pés. Fiquei tonta novamente e caí em cima de Nii Okai e Amerley-mami. Pouco antes de desmaiar, ouvi tia Fanny gritar:

— Nii Okai, coloque-a de volta no carro. Raul, pegue minha bolsa. Vamos para o hospital!



entei-me debaixo do cajueiro no meio do complexo. Tudo estava quieto. As crianças mais velhas estavam na escola, a maioria dos adultos, no trabalho, e as crianças mais novas estavam esparramadas em uma esteira ao meu lado, dormindo. O sol estava quente demais para fazer qualquer coisa além de tirar uma soneca. De vez em quando, afugentava as moscas que pousavam nos corpos seminus das crianças. Algumas galinhas ciscavam o chão, levantando uma nuvem de poeira enquanto procuravam comida. As cabras ruminavam debaixo do nim, onde descansavam.

Tia Fanny já tinha vindo me ver para me preparar para amanhã. Seria meu primeiro dia no tribunal. Eu teria que testemunhar contra General. Assim que minha história apareceu no noticiário, outras garotas — não apenas outras empregadas que trabalharam na casa dos Iddrissu, mas garotas e mulheres de escritórios e bancos, escolas e mercados, e até de igrejas e mesquitas — apareceram de vários lugares para acusar seus estupradores e abusadores. Elas estavam com muito medo de falar; tinham sido *mumus*, assim como eu, mas quando encontrei e ergui minha voz, elas também encontraram suas vozes.

Tia Fanny me fez entender que o que aconteceu não foi minha culpa. O fato de eu estar bêbada não significava que eu era culpada. O estupro acontecia quando pessoas, homens ou mulheres, tomavam a decisão de violentar alguém que achavam que podiam controlar. Ela mesma foi estuprada por alguém que não conhecia quando estava na faculdade. Chamou a mim e todas as outras mulheres e garotas de “sobreviventes”.

A vítima nunca é culpada pelo estupro. Tia Fanny disse essa frase tantas vezes que ela ficou se repetindo sem parar em minha cabeça. Tia Fanny e tia Rosina não se falavam mais. Nii Okai foi demitido quando os Iddrissu descobriram que ele me levou para a casa de tia Fanny sem permissão. Priscilla pediu demissão e a agência encontrou um emprego

para ela em outra família. Ataa desapareceu com todo o “dinheiro da compensação”, dez mil cedís.

Parei de urinar sangue e a dor na parte inferior do abdome diminuiu. Alguns dias eu me sentia bem. “Bem” neste caso não era o meu “normal” de antes de me mudar para a casa dos Iddrissu. Aquela garota foi embora para sempre; nada a traria de volta. Esse “bem” significa saber que sobrevivi a algo e que agora estou seguindo em frente. Os dias em que eu me sentia bem eram poucos e espaçados.

Na maioria dos dias, eu era como um ovo quebrado, mas que ainda estava intacto. Como quando as galinhas botam seus ovos e a casca racha, mas os pedaços não se desfazem e a gema permanece intacta, delicada e bamba. Sentia que se arrancasse minha pele, não encontraria nada embaixo dela. Talvez apenas ar. Sentia que finalmente havia me tornado invisível até para mim mesma. A “eu” que eu conhecia tinha partido, desaparecido. E havia essa nova pessoa aqui, fingindo ser eu — eu não fazia ideia de quem ela era, mas sabia que um dia gostaria dela porque ela encontrou coragem: a coragem de viver apesar de tudo o que aconteceu.

Virei para a próxima página da Bíblia em meu colo. *Onde Deus estava enquanto eu era estuprada?* Ele estava bem ao meu lado e, embora nem sempre o sentisse por perto, Ele me ajudou a sobreviver à provação. Eu sabia disso, da mesma forma que sabia que meu nome era Naa Amerley. Da mesma forma que sabia que ia melhorar. Da mesma forma que sabia que o vento existia. Eu não tinha provas, eu só sabia.

Um táxi parou à nossa porta. Não dava para ver quem era de onde eu estava. O motorista ficou sentado no carro por um longo tempo. Pensei que pudesse ser Nii Okai. Priscilla me disse que agora ele dirigia um táxi.

O motorista finalmente saiu, caminhou até a nossa porta e bateu; tentou a maçaneta, encontrou a porta aberta e entrou. Ele saiu menos de um minuto depois, quando percebeu que não tinha ninguém lá.

Ele colocou as mãos na cintura e olhou ao redor. Foi quando me notou e caminhou até onde eu estava, sentada debaixo do cajueiro. Ele manteve a barba e o bigode, mas estavam bem cortados e aparados. Usava uma camisa de estampa africana e calças de veludo pretas limpas.

— Oi — Nikoi disse.

Acenei com a cabeça. Ficamos em silêncio por muito tempo. Ele ficou ali, mudando seu peso de um pé para o outro.

Então, finalmente, limpou a garganta e me disse:

— Soube o que aconteceu. Eu sinto muito.

Assenti com a cabeça e desviei o olhar. A história ganhou as manchetes dos noticiários de todo o país. Não fiquei surpresa que Nikoi soubesse.

— Eu... eu... também queria me desculpar por tentar fazer você mudar de ideia, mesmo você tendo sido categórica que não queria fazer sexo antes de se casar. Eu deveria ter respeitado sua decisão sem pressionar você.

Engoli o nó que se formou na minha garganta, me obriguei a não chorar e assenti com a cabeça novamente. Desejei que ele fosse embora para eu chorar e sentir pena de mim mesma, mas ele ainda não tinha terminado.

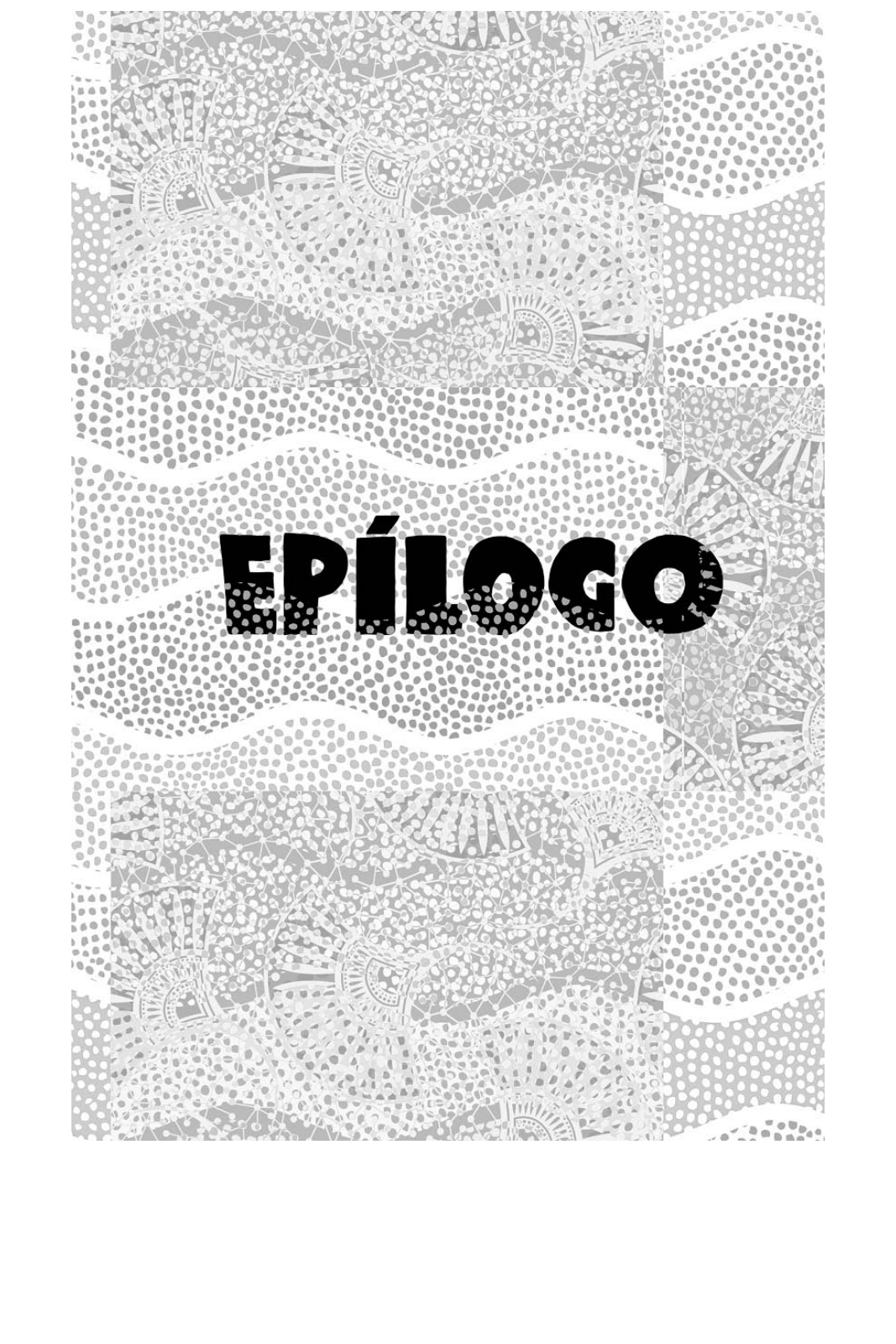
— Eu... queria saber se... então... se você acharia ruim se eu vier buscar e levar você ao tribunal amanhã, isso se não tiver combinado com outra pessoa. Quero dizer, mesmo se você tiver combinado, eu gostaria de levar você. Significa muito para mim.

Quem vai querer ela, agora que foi estragada?, Nii Okai falou sobre a garota da novela.

Dentro de mim, senti uma pequena palpitação. Parecida com a que vemos quando botamos fogo no carvão e o primeiro brilho vermelho de brasa, no menor pedaço de carvão, aparece. A brasa ficaria ali só por um momento e depois desapareceria. Mas depois que aparece essa pequena chama, sabemos que da próxima vez o brilho será maior e em pouco tempo se tornará um fogo abrasador. Então continuamos, aticamos essa chama com todas as forças. Damos tudo o que temos para mantê-la viva.

Olhei para Nikoi. Metade da minha boca se ergueu em uma imitação muito pobre de um sorriso. Era o que eu conseguia no momento.

— Vou gostar disso. Vou gostar muito — respondi.



EPÍLOGO

Eu estava sentada atrás do *notebook* havia mais de uma hora, olhando para um texto. Com exceção do título, a página inteira estava em branco. Parte do processo seletivo para a Faculdade de Direito da Universidade de Gana era o envio de uma redação. Comecei o processo de seleção duas semanas antes; preenchi formulários, enviei cópias de todos os meus certificados, históricos escolares e fotos de passaporte, além de responder a todas as perguntas de redação, menos a que estava olhando no momento. Respirei fundo e comecei a digitar.

Por que você deve ser selecionado(a) para o Programa de Bacharelado em Direito (LLB) para o ano acadêmico 2020/2021? (Máx.: 500 palavras)

O Direito nem sequer foi um sonho de quando eu era criança. Eu queria ser uma costureira com meu próprio quiosque quando crescesse.

Ambições modestas, alguns podem dizer, mas em um bairro onde oito em cada dez meninas tiveram que abandonar a escola e se tornaram mães aos quinze anos, isso era visto por quase todas as pessoas como um sonho grandioso.

Deixei a escola no meu primeiro ano do Ensino Médio, não porque estava grávida, mas porque meus pais não podiam pagar minhas taxas escolares. Nesse mesmo ano, fui enviada para morar com uma tia rica e trabalhar como sua empregada, onde fui estuprada por um de seus filhos.

Na comunidade em que cresci, sempre viram o estupro como culpa da garota. Ou porque se vestia de maneira provocante demais, ou porque tinha ficado bêbada, ou porque saía à noite quando garotas decentes deveriam estar deitadas em suas camas em casa, ou porque tentou o homem. Estupro era o preço que uma garota pagava por não se conformar com o que a sociedade esperava que ela fosse. Eu acreditei nisso. Nas primeiras semanas após a violência, eu estava com vergonha de confiar em alguém. E se as pessoas pensassem que eu não era mais “boa”? E se ao relatar o crime eu manchasse o nome da minha família e arruinasse o futuro das minhas irmãs?

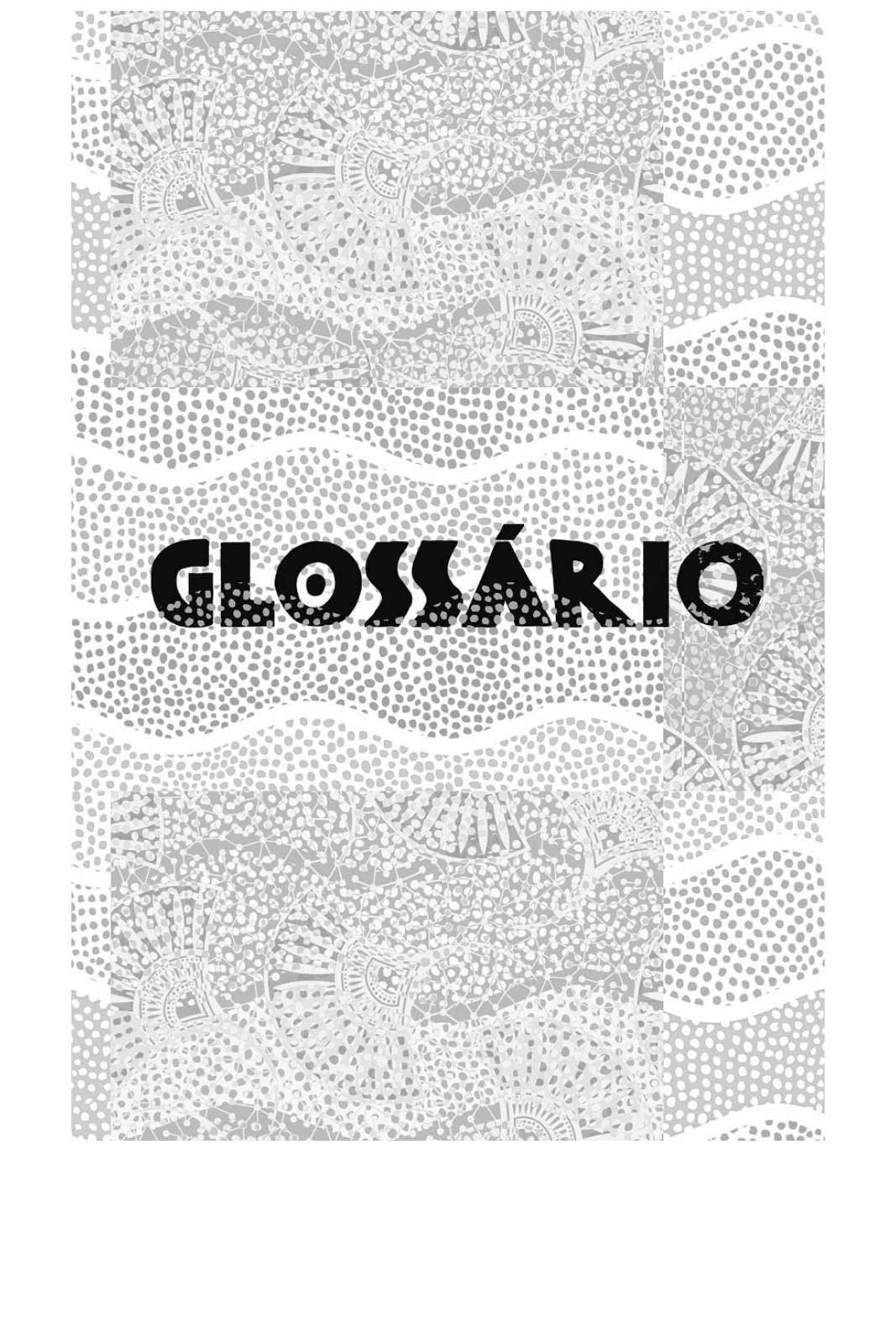
Eu estava determinada a manter minha reputação intacta e optei por não denunciar o crime. Uma semana depois, aquele mesmo filho de minha patroa me espancou até eu ficar inconsciente. Com a ajuda de uma amiga advogada, meu caso chegou ao tribunal e o estuprador foi preso.

O ponto de virada para mim, porém, foi quando outras pessoas também começaram a falar depois que meu caso chamou a atenção da mídia. Meninas de oito anos e mulheres de sessenta anos compartilharam suas histórias. Para algumas, era tarde demais para obter justiça, pois os agressores tinham morrido ou se mudado ou não eram rastreáveis. Uma coisa que todas nós, sobreviventes, partilhávamos era a convicção inicial de que a violência tinha sido nossa culpa. Que era por causa de algo que tínhamos feito.

Hoje, com a ajuda de pessoas com ideias semelhantes, administro uma organização para sobreviventes de abuso. É difícil para uma vítima falar quando seu agressor é quem a veste e a alimenta. Na Fundação Fale a Verdade, além de ensinar habilidades vocacionais e empreendedoras às sobreviventes, temos conselheiras que as ajudam a lidar com o trauma e a recuperar seu senso de valor.

Como a advogada que garantiu que eu tivesse a justiça que mereço, fiz da missão da minha vida conseguir justiça para vítimas de abuso sexual e doméstico. Eu, Naa Amerley Amarteifio, decidi falar a verdade, mesmo quando minha voz falhar.

Li a redação e apertei o botão de *upload* para enviar minha inscrição.



GLOSSÁRIO

Aaba ei: expressão em Ga que significa “Eles estão vindo”. É usada pelos vendedores-carregadores para se referir à Força-Tarefa da Assembleia Metropolitana de Acra, que mantém os vendedores ambulantes fora das ruas.

Abom: guisado tradicional que se faz moendo *kontomire* (folhas de taioba) cozido, cebolas e tomates, e adicionando bastante óleo de palma. *Koobi*, ovos cozidos e/ou peixe defumado são as proteínas que o acompanham. Geralmente, é feito e comido em uma *asanka* com inhame cozido, banana, mandioca ou uma mistura dos itens anteriores.

Agoo / amee: tipo de saudação local de pergunta e resposta.

ah-mah: muito, demais.

Akpeteshie: gim local.

Alasa: cereja africana.

Alata samina: sabonete em barra fabricado em Gana.

Apem: banana-verde cozida.

Asanka: tigela de barro tradicional usada para moagem.

Ashawo: palavra nigeriana, do povo iorubá, que significa “prostituta”.

Atuu: abraço de boas-vindas.

Banku: farinha feita a partir do cozimento da massa fermentada do milho e da mandioca.

Bo diɛntɛ kwɛmɔ: expressão em Ga para “Você mesmo, olhe o que você fez”.

Boubou: vestido longo e bem largo.

Buei: expressão de surpresa.

Bɔbi tadi: guisado de anchovas secas.

Charley-wotes: chinelos.

Chofi: peru frito.

Deɛ: termo usado para dar ênfase.

Domɛdo: carne de porco temperada e cozida, frita ou grelhada.

Dumsor dumsor: nome dado aos frequentes “apagões” elétricos em Gana.

Fos: roupas usadas, de segunda mão.

Fufu: refeição feita da mistura batida de banana cozida e mandioca.

Ga: uma das etnias de Gana, Togo e Benin. Também é o nome da língua própria das pessoas dessa etnia.

Galamsey: mineração ilegal de ouro.

Gari: flocos de mandioca assada.

Gele: turbante nigeriano.

Jee nyehe sane: expressão em Ga para “Não é da sua conta”.

Jollof: prato de arroz cozido com guisado de carne ou peixe.

Juju: sistema de crença espiritual que incorpora o uso de objetos, como amuletos, e feitiços na prática religiosa.

Kaba e slit: traje feminino tradicional composto de uma blusa, a *kaba*, e uma saia longa, a *slit*.

Kanzo: arroz queimado ou torrado.

Kayayei / kayayo: vendedoras que utilizam uma bacia na cabeça para carregar seus produtos.

Kelewele: cubos fritos e picantes de banana.

Kenkey: bolinho de milho branco fermentado, enrolado na palha de milho. O cozimento da massa é feito na fervura e, depois de enrolado na palha, no vapor.

Kɛ: palavra usada como onomatopeia. Neste livro, indica que, ao menor barulho que Aseda fizer, alguém a pegará no colo.

Koko: mingau de milho.

Koobi: tilápia salgada e seca.

Koose: bolinhos de feijão fritos.

Koraa: termo usado para dar ênfase.

Kotsa: esponja de fibras naturais que é mascada para limpar os dentes.

Kpakpo shito: pimenta-verde ardida.

Lai momo: literalmente, “ex-amante” em Ga, mas usado como um termo carinhoso.

Leemm: letárgico.

Mami wata: sereia.

Mankani: tubérculos.

Mate: motorista de ônibus.

Me ne panin / Ofainɛ miji onukpa: expressão em Twi* ou Ga para “Eu sou mais velho(a)”.

Mumu: expressão depreciativa em ganês local para uma pessoa estúpida, tonta.

Nketenkete: dores intensas de fome.

Nyatse nyatse: pequeno; jovem; pouco.

Olu? Kɔɛmɔ buului anii ni ofee!: expressão em Ga para “Você está louco(a)? Veja a coisa tola que você fez!”.

Onu mars: equivalente ao “preparar” da expressão, em português, “preparar, apontar, já”.

Osofo Maame: esposa do pastor ou do pregador.

Oyibo: palavra usada para se referir a um caucasiano.

Oyiwa: pois então.

Paa: termo usado para dar ênfase.

Pi: equivalente ao “já” da expressão, em português, “preparar, apontar, já”.

Red-red: refeição de feijão-fradinho cozido, banana madura frita e óleo de palma. Tem esse nome devido ao vermelho do óleo de palma e das bananas.

Shito: molho de pimenta picante com especiarias. Existem variações de receitas de *shito*.

Sɔɔ: termo usado para dar ênfase.

Tolis: história inventada, considerada ridícula.

Trotro: ônibus comercial.

Waakye: arroz e feijão (parecido com o feijão-fradinho), consumido no café da manhã ou no almoço.

Wele: couro.

Woaɔ hwɛ: expressão em Twi para “Basta olhar” ou “Dê uma olhada”.

Woasisi me: expressão em Twi para “Você me enganou”.

Wulomei: sacerdotes tradicionais.

Yɛbɛwu enti yɛrenna?: expressão em Twi para “Vamos nos recusar a dormir por causa da morte?”.

Yɛyɛ: *pidgin* nigeriano que significa “inútil” ou “sem sentido”.

* Língua axante falada por quarenta por cento da população de Gana. (N. da T.)



POSFÁCIO

A FORÇA DO SILÊNCIO ROMPIDO

JARID ARRAES

Mesmo quando sua voz falhar é uma importante criação literária que introduz não apenas o vocabulário, a culinária e a cultura de Gana, mas também dois dos temas mais universais na vida de milhões de meninas e mulheres por todo o mundo: a experiência de carregar o fardo dos cuidados familiares, mesmo quando ainda são crianças ou adolescentes; e a violência sexual, um horror social ainda cercado de tentativas de silenciamento.

A obra pode ser dividida em dois momentos. O primeiro, repleto de imagens impactantes e descrições aversivas, apresenta a realidade de Amerley, de suas irmãs e de sua mãe. Amerley, nossa protagonista, vive um dia de cada vez numa constante luta para que sua família tenha o que comer e onde morar. Estando a mãe no que podemos interpretar como um estado depressivo grave, a adolescente é quem cuida da casa e do preparo dos alimentos — escassos —, quem busca dinheiro para pagar o aluguel, quem faz a limpeza de cômodos grotescos, como o banheiro, que tem vermes e fezes expostas pelo chão, enquanto sente sua juventude escapando pelas mãos.

Ao mesmo tempo que o livro se inicia como uma leitura instigante, com tanto para ser descoberto, logo começamos a identificar uma realidade que não está tão distante de nós e que não escolhe um continente exclusivo para acontecer. Na verdade, neste exato momento, no Brasil, meninas também são obrigadas a abandonar a escola para assumir uma vida de miséria e a amadurecer precocemente, quer estejam preparadas ou não.

No segundo momento do enredo, sofremos com Amerley o amargor de ter, outra vez, sonhos interrompidos. Ingênua, muitas vezes intensamente submissa, ela parece fraca demais para compartilhar suas opiniões e encontrar seu lugar no mundo; como disse sua amiga Sheba, Amerley “não entende muito as coisas”. Ela evita discussões e embates, prefere ficar em silêncio, pois vê o enfrentamento como um risco de perder o pouco que consegue alcançar.

Usando o silêncio de Amerley, *Mesmo quando sua voz falhar*

apresenta o tema do estupro de forma sensível, breve, mas forte. Não precisamos de descrições detalhadas para entender que essa violência marca para sempre a vida de nossa protagonista: a capacidade que ela tem de se comunicar consigo mesma, e que nos aproxima dela, compensa seus momentos de mudez. Amerley expõe o pavor de sofrer violência sexual e ter contra si até as pessoas que antes lhe pareciam confiáveis. Ela mostra cruamente as consequências de um estupro. A história de Amerley é contada de forma realista, direta e, sim, didática.

Uma obra que nos ensina algo por meio dos sentimentos e vivências de um personagem deve ser valorizada, sobretudo quando pode dialogar com diferentes faixas etárias. *Mesmo quando sua voz falhar*, embora intenso, não explora a pobreza nem a violência sexual; tudo está escrito na medida certa para nos envolver e também para nos fazer refletir. A mensagem que o livro deseja transmitir é clara: romper o silêncio é a única maneira de buscar justiça, e ela pode vir de diferentes formas, seja por meio da cura interna gradual ou das novas chances de retomar a vida e os sonhos, por exemplo.

Infelizmente, nem todas as garotas conseguem, como conseguiu Amerley, um arco de redenção para pais ausentes, ou mesmo um adulto disposto e investido a lutar para que tanta dor não seja silenciada. Mas é nosso papel social não permitir que essa conversa morra. Por isso, leituras como esta são importantes, e a mensagem de que podemos falar a verdade, mesmo com a voz trêmula, mesmo com medo, é libertadora.

Para mim, *Mesmo quando sua voz falhar* ficará para sempre marcada como uma obra recomendável tanto por sua riqueza cultural quanto por sua habilidade de apresentar o que pode existir de mais assustador na vida de garotas e mulheres — mas o fazendo com sensibilidade e propósito.

SOBRE A AUTORA

Ruby Yayra Goka é dentista e escritora ganense. Seis de seus livros para jovens adultos ganharam o prêmio CODE Burt Award de Literatura Africana para Jovens Adultos em Gana. Ela mora em Acra, capital de Gana.

SOBRE A TRADUTORA

nina rizzi (Campinas/SP, 1983) é historiadora, poeta e tradutora; tem poemas, textos e traduções publicados em diversas revistas, jornais, suplementos e antologias.



Copyright da edição brasileira © Editora FTD, 2022

Copyright da edição original © Ruby Yayra Goka, 2022, a/c Accord Literary Limited.

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD

Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP

CEP 01326-010 — Tel. 0800 772 2300

www.ftd.com.br | central.relacionamento@ftd.com.br

Diretor-geral Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor de conteúdo e negócios Cayube Galas

Gerente editorial Isabel Lopes Coelho

Editor Estevão Azevedo

Editoras assistentes Bruna Perrella Brito e Carla Bettelli

Assistente de relações internacionais Tássia Regiane Silvestre de Oliveira

Coordenador de produção editorial Leandro Hiroshi Kanno

Preparadora Helô Beraldo

Revisoras Jane Pessoa e Marina Nogueira

Editores de arte Camila Catto e Daniel Justi

Projeto gráfico Leticia Antonio

Diretor de operações e produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

Produção do livro digital Booknando livros

1ª edição digital, fevereiro de 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goka, Ruby Yayra

Mesmo quando sua voz falhar [livro eletrônico] / Ruby Yayra Goka; tradução nina rizzi. — 1. ed. —
São Paulo: FTD, 2023.

5,2 Mb; ePub

Título original: Even When Your Voice Shakes

ISBN 978-85-96-04049-5

1. Ficção juvenil I. Título.

23-147199 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415